



## LIVRO III

# Imitação de Jesus Cristo

### Da consolação interior

#### CAPÍTULO I

##### Da fala de Nosso Senhor Jesus Cristo à alma fiel

1 — *Ouvirei o que o Senhor Deus me disser*  
(Ps. 84, 9).

Bem-aventurada a alma que escuta o Senhor, que lhe fala, e da sua boca recebe directamente palavras de consolação!

Bem-aventurados os ouvidos, que recebem as subtis inspirações divinas, e não tratam das murmurações mundanas!

Bem-aventurados os ouvidos, que não escutam a voz que soa de fora, mas a verdade que fala e ensina de dentro!

Bem-aventurados os olhos, que estão para as coisas exteriores fechados e para as interiores abertos!

Bem-aventurados os que penetram as coisas interiores, e tratam com exercicios continuos de se dispor cada dia mais e mais para receberem os segredos celestiaes!

Bem-aventurados os que com gosto se entregam a Deus e se desembaraçam de todos os cuidados do mundo!

Considera bem estas coisas, ó alma minha, e fecha as portas da tua sensualidade, para que possas ouvir o que diz o Senhor teu Deus.

2 — Estas são as coisas que te diz o teu amado: *Eu sou a tua salvação* (Ps. 64, 3), a tua paz e a tua vida; conserva-te comigo e acharás paz.

Deixa todas as coisas transitórias e busca as eternas.

Que é todo o temporal senão um engano?

E que te aproveitam todas as criaturas, se te desampara o Criador?

Deixadas pois todas estas coisas, entrega-te ao teu Criador, de boa vontade e fielmente, para que possas alcançar a verdadeira bem-aventurança.

NOTA — O espírito do mundo é contrário ao espírito de Deus. *Aquele, pois, que quiser ser amigo deste século, torna-se inimigo de Deus* (S. Tiago, 4, 4). Deus criou o homem para si, gravou-lhe no coração a sua lei, ditou-lha mais tarde na cumiada do Sinai, e, depois de o ter instruído pela boca dos profetas, o mesmo Deus, o Verbo eterno, baixou à terra e fez-se homem para ganhar o coração do homem.

O homem quisera fazer-se Deus, e por isso havia caído sob a escravidão do demónio; Deus, para o resgatar da escravidão, assume carne humana no seio imaculado da Virgem de Nazaré, nasce num presépio e morre numa cruz; Deus desceu até ao homem, o homem subiu até Deus! O caminho para a verdadeira felicidade ficou traçado, e está patente aos olhos de todos: Jesus Cristo morreu por todos e quer que todos se salvem.

Tens a seguir um de dois caminhos: ou o do

Céu, por onde te convida Jesus, ou o do inferno por onde querem conduzir-te o mundo, o demónio e as tuas paixões desordenadas. Escuta o aviso do Apóstolo S. João: *não queirais amar o mundo nem as coisas que no mundo há. Desde que se ama o mundo, perde-se a caridade do Pai: porque tudo que há no mundo é concupiscência da carne, concupiscência dos olhos e soberba da vida; coisas estas que não são do Pai, mas do mundo* (1. João, 2, 15-16).

A concupiscência da carne revela-se no abominável vício da luxúria, na gula, na embriaguês, na preguiça e no excessivo cuidado do corpo. A concupiscência dos olhos consiste propriamente na cobiça e na avareza. Que encontras, pois, no mundo, que possa acompanhar-te para a eternidade? Ainda que te fosse possível chegar a possuir o ouro de todos os ricos e as honras de todos os dignitários, de envolta com todos os prazeres físicos imagináveis, nem assim conseguirias saciar as aspirações do teu coração. Só é feliz quem possui a Deus.

## CAPÍTULO II

Como a verdade fala dentro da alma  
sem estrondo de palavras

1 — D. (1) *Falai Senhor, que o vosso servo ouve* (1. Reg. 3, 10).

*Eu sou o vosso servo; dai-me entendimento para que aprenda as vossas verdades* (Ps. 118, 125).

Inclinaí o meu coração para que escute palavras da vossa boca, e desçam elas sobre mim como o orvalho.

(1) D. quer dizer *discipulo* e M. *Mestre*.

Diziam antigamente os filhos de Israel a Moisés: *falai-nos vós e ouvir-vos-emos, não nos fale o Senhor para que não suceda que morramos* (Exord. 20. 19).

Não assim, Senhor, não vos peço assim, mas com o profeta Samuel humilde e affectuosamente vos rogo: *Falai, Senhor, porque o vosso servo ouve* (1. Reg. 3, 10).

Não me fale Moisés, nem nenhum dos profetas, mas falai-me vós Senhor Deus, que inspirastes e alumiaestes todos os profetas, pois vós sem elles me podeis ensinar perfeitamente; e eles sem vós nada me aproveitarão.

2 — Podem muito bem pronunciar palavras, mas não dão o espirito: com muita elegância falam, mas se vos calais, elles não aquecem o coração.

Ensinam letras, mas vós descobris o sentido delas.

Dizem os mistérios, mas vós declarais o conhecimento dos seus segredos.

Publicam os mandamentos, mas vós nos ajudais a cumpri-los.

Mostram o caminho, mas para o andar daí vós o esforço; elles obram só de fora, mas vós instruis e alumiais os corações; elles regam a superfície, mas vós daí a fecundidade; elles bradam com palavras, mas vós daí ao ouvido a intelligência delas.

3 — Não me fale pois Moisés, mas vós Senhor Deus meu, verdade eterna; para que eu não morra, e fique sem fruto, se só for admoestado de fora e não abrasado de dentro.

Não me seja condenação a palavra ouvida e não praticada, conhecida e não observada, ouvida e não guardada.

*Falai, pois, vós, Senhor, porque o vosso servo ouve* (1. Reg. 3); *pois que tendes palavras de vida eterna* (João, 6, 60).

Falai-me para consolação da minha alma, e emenda da minha vida e para louvor, glória e perpetua honra vossa.

NOTA — De muitos e variados modos fala Deus ao homem, tanto interna, como externamente; internamente, no remorso e satisfação da consciência, nos ditames da razão, nas inspirações sobrenaturais da graça, na moção da vontade...; externamente, na pregação da divina palavra, nos bons livros, no exemplo das pessoas virtuosas, etc. Pessoas há, porém, orgulhosas ou de cabeça fraca, que se dão a importância de se considerarem inspiradas a cada momento. Desenganemo-nos: sem humildade, boa consciência e pureza de coração, não se pode adiantar na escola da virtude.

A parábola do filho pródigo representa ao vivo a triste sorte do pecador, que se separa do seu Deus, precipitadamente e sem medir a desgraça em que vai lançar-se. Deixou esse filho a casa paterna, separou-se de seu bom pai, e separou-se para longe; dissipou numa vida luxuriosa todo o seu património, caiu na miséria, e obrigado pela fome, sujeitou-se a servir um senhor despótico, que o mandou apascentar animais imundos.

Reduzido a tão miserável situação, e não lhe sendo permitido sequer saciar-se do alimento desses animais, começou então a reflectir e a dizer de si para si: *quantos jornaleiros, na casa de meu pai, têm pão em abundância, ao passo que eu estou aqui a morrer de fome! Vou levantar-me, dirigir-me para casa de meu pai e dizer-lhe: meu pai, pequei contra o Céu e na vossa presença; já não sou digno de ser tido por filho vosso; contai-me no número dos vossos jornaleiros* (S. Lucas, 15).

Primeiro tinha o filho pródigo olhando sòmente

para fora, para os atractivos do mundo, e na embriaguês das paixões, nem ao menos se lembrara da gratidão que devia a seu pai; depois, quando se viu no fundo do abismo, despertou, entrou em si, escutou a voz da sua consciência e sentiu-se movido ao arrependimento.

Bendito seja Deus que com tanta misericórdia procura os pecadores.

### CAPÍTULO III

Como as palavras de Deus se devem ouvir  
com humildade, e como muitos as não estimam

1 — M. Ouve, filho, as minhas palavras, palavras suavísimas, que excedem toda a ciência dos filósofos e sábios deste mundo.

*As minhas palavras são espirito e vida* (João, 6, 64).

E não se hão-de aferir pela balança do juízo humano.

Não se há-de usar delas por vão agrado, mas devem-se ouvir em silêncio, e receber com humildade e grande affecto.

2 — D. E disse: *hem-aventurado aquele a quem vós, Senhor, instruídes, e ensinardes a vossa lei, para que o guardels seguro nos dias da tribulação* (Ps. 93, 12-13), e não se encontre ao desamparo na terra.

3 — M. Eu, diz o Senhor, ensinei os profetas desde o principio, e não cesso ainda de falar a todos: mas muitos são surdos e duros à minha voz.

Muitos de melhor vontade ouvem o mundo que a Deus: mais facilmente seguem os appetites da carne que o beneplácito divino.

O mundo só promete coisas temporais e pequenas, e servem-no os mundanos com grande

ânsia: eu prometo coisas grandes, e eternas, e as corações dos homens não se rendem.

Quem há que me sirva, e me obedeça em todas as coisas com tanto cuidado como se serve ao mundo e aos senhores?

*Envergonha-te, Sion, diz o mar* (Isaías, 43, 4).

E se perguntas a causa, ouve porquê:

Por um ténue beneficio andam os homens caminho mui dilatado, e difficilmente dão um passo pela vida eterna.

Buscam um livro vil, e às vezes por pouco dinheiro torpemente litigam, sem recearem cansar-se dia e noite por uma coisa vã, e por uma promessa mesquinha.

4 — Mas ó grande lástima!

Não cuidam esses homens de trabalhar, sequer um pouco, pelo bem imutável, pelo prémio inestimável, pela suprema honra, e pela glória que não tem fim.

Envergonha-te pois, ó servo preguiçoso, e tão fácil em te queixares.

Pois há homens mais prontos para a perdição, que tu para a vida.

Com maior gosto buscam eles a vaidade do que tu a verdade.

E com ser isto assim, às vezes a sua esperança os engana.

A minha promessa a ninguém engana, nem deixa ir vazio o que em mim confia.

Eu darei o que prometí. Eu cumprirei o que disse, se alguém perseverar fiel no meu amor até ao fim.

Eu sou o remunerador de todos os bons, e justo examinador de todos os devotos.

5 — Escreve as minhas palavras no teu coração, e considera-as com atenção e cuidado, porque te serão mui necessárias no tempo da tentação.

O que não entendes, quando lês, o conhecerás no dia da visita.

De dois modos costume visitar os meus escolhidos: com a tentação, e com a consolação: e lhes leio cada dia duas lições — uma reprimendo os seus vícios, outra exortando-os ao progresso na virtude; o que ouve as minhas palavras e as despreza será por elas julgado no último dia.

#### ORAÇÃO PARA PEDIR A GRAÇA DA DEVOÇÃO

6 — D. Senhor meu, vós sois todo o meu bem. E quem sou eu para me atrever a falar-vos?

Eu sou pobríssimo servo vosso, um bichinho humilde, muito mais pobre e digno de desprezo do que sei e ousa dizer.

Lembraí-vos, Senhor, de que nada sou, nada tenho e nada valho.

Só vós sois bom, justo e santo: vós tudo podeis, tudo dais, tudo encheis, só ao pecador deixais vazio.

Lembraí-vos, Senhor, das vossas misericórdias (Ps. 24. 6), e enchei o meu coração da vossa graça; não queirais que estejam vazias as vossas obras.

7 — Como podereis sustentar-me nesta miserável vida, se me não confortar a vossa misericórdia e a vossa graça?

Não aparteis, Senhor, de mim a vossa divina face, não me dilateis a vossa visita, não me tireis a vossa consolação: *para que a minha alma não seja para vós como uma terra sem água* (Ps. 142, 16) *Senhor, ensinai-me a fazer a vossa vontade* (142, 10): ensinai-me a andar diante de vós digna e humildemente, pois vós sois a minha sabedoria, que com verdade me conhecestes antes que o mundo se fizesse, e antes que eu nascesse no mundo,

NOTA — O homem é capaz de se separar de Deus, pelo pecado mortal, mas não pode por suas próprias forças mover-se ao arrependimento salutar: *ninguém pode vir para mim, senão trazido pelo Pai que me enviou* (S. João, 6, 44). Quando Adão no Paraíso, infringe o preceito que lhe fôra imposto e se esconde de Deus, é o mesmo Deus que o vai procurar e lhe pergunta: *onde estás?*

O homem é o culpado, rompe a amizade com o seu Senhor, a quem deve tudo, e este Senhor de infinita misericórdia, apesar de ofendido e ultrajado pelo miserável pecador, vai em busca dele e endereça-lhe amorosos convites para que volte à casa paterna! Razão tinha o santo Job para exclaimar: *o que é o homem, Senhor, porque motivo o exaltais, ou porque lhe ofereceis o vosso coração?* (Job, 7, 17). Deus é de infinita misericórdia no tempo, mas também será de infinita justiça na eternidade.

Costumam os homens, no seu juízo apaixonado, formar um Deus imaginário, mais ou menos condescendente, conforme os vícios em que estão mergulhados: o dissoluto, o avarento, o invejoso, o vingativo... todos encontram sempre razões enganosas para se desculparem. Deus é o que é; em nada depende dos filhos dos homens.

A vista desta doutrina, entra na tua consciência e examina bem o uso que tens feito da palavra divina. Vê se pertences ao número dos que frequentam os templos por mera curiosidade ou hábito, e sem espírito cristão. Fica sem fruto a palavra de Deus, quando sòmente é recebida nos ouvidos, e não acolhida no coração, para fazer germinar boas obras. Quanto maior for o abuso que nesta vida fizeres da misericórdia de Deus, tanto maior será o rigor da justiça que na outra hás-de suportar.

Sem bom espírito nada aproveitam as fórmu-

las exteriores. *Toda a árvore, que não produz bom fruto, será arrancada e precipitada no fogo* (Mal. 5).

Meu Deus, eu quero servir-vos, amar-vos e glorificar-vos em tudo e por tudo: na saúde como na doença; na prosperidade como na provação.

Sustentai-me, Senhor, para que não afrouxe nos meus propósitos.

#### CAPÍTULO IV

##### Como devemos andar na presença de Deus em verdade e humildade

1 — M. Filho, anda diante de mim com verdade, e busca-me sempre com singeleza de coração.

Quem anda na minha presença com verdade, será defendido dos maus encontros, e a verdade o livrará dos engodos e murmurações dos maus.

Se a verdade te libertar, serás verdadeiramente livre, e não farás caso das vãs palavras dos homens.

2 — D. Senhor, verdade é, como vós o dizeis; peço-vos que assim se faça comigo.

A vossa verdade me ensine, defenda e conserve até ao fim; ela me livre de toda a má afeição e amor desordenado, e andarei no vosso serviço com grande liberdade de coração.

3 — M. Eu te ensinarei (diz a Verdade), as coisas que são rectas e agradáveis a meus olhos.

Cuida nos teus pecados com grande aborrecimento e dor, e não imagines que és digno de estima pelas boas obras que fizeres; porque na verdade és pecador defeituoso e embaraçado com muitas paixões.

De ti sempre tendes para o nada; facilmente caís e és vencido, e logo te perturbas e desfalces.

Não tens coisa alguma de que te possas gloriar,

mas muitos motivos para te humilhares; pois és mais fraco do que podes imaginar.

4 — Por isso, nenhuma das tuas obras te pareça grande.

Nenhuma coisa te pareça elevada, preciosa ou admirável; nada julgues alto, nada verdadeiramente louvável e desejável, senão o que é eterno.

Sobre todas as coisas, que te agrade a eterna Verdade, e desagrade sempre a tua grandíssima vileza.

Nenhuma coisa temas, nem vituperes e abomines tanto como os teus vícios e pecados, que te devem entristecer mais que a perda de todas as coisas.

Alguns não andam diante de mim com singeleza, mas levados de certa curiosidade e arrogância, querem saber os meus segredos, entender as coisas altas de Deus, descuidando-se de si mesmos e da sua salvação.

Estes tais muitas vezes caem em grandes tentações e pecados, por sua soberba e curiosidade, castigando-os deste modo a minha justiça.

5 — Teme os juízos de Deus e a ira do Omnipotente.

Não queiras esquadrinhar as obras do Altíssimo; mas examina as tuas maldades; em quantas coisas pecaste; e quantas boas obras deixaste de fazer por tua negligência.

Alguns têm a sua devoção só nos livros, outros nas imagens, outros em sinais e figuras exteriores; alguns trazem-me na boca, mas mui poucos no coração.

Outros há que, alumiados no entendimento, e purificados no affecto, sempre suspiram pelas coisas eternas; estes sentem que lhes fala o espirito da Verdade, que os ensina a desprezarem as coisas terrenas e amarem as celestiais, a não fazerem caso do mundo, e a desejarem o Céu dia e noite,

NOTA — Como causa total e absoluta de todos os seres, Deus abrange na compreensão de si mesmo o conhecimento perfeitíssimo de tudo o quanto tem existido, existe ou pode existir. Como seria possível que o autor dos nossos olhos não visse, que o Criador da nossa inteligência não compreendesse? Deus possui em grau infinito todas as perfeições, que dispensou ao homem em determinada medida.

Os pensamentos mais íntimos, as conversações mais secretas, as acções mais ocultas, o passado e o futuro, o real e o possível, tudo está presente e patente aos olhos de Deus. Que quer então dizer andar na presença de Deus? Haverá porventura algum ser que possa escapar-se da presença de Deus? Quando o criminoso busca a solidão e espera as trevas da noite para praticar uma infâmia, será menos visto de Deus, do que se escolhera a luz do dia e o lugar mais público duma grande cidade? Não, não. É uma grande verdade que nada há de oculto para Deus; e o que aqui sobretudo importa é fazer penetrar bem no nosso espírito essa verdade, para tirar dela o maior fruto possível.

*Se queres pecar, diz Santo Agostinho, procura um lugar onde ninguém te veja, e comete lá o pecado que quiseres.* Prouvera a Deus que todos os homens trouxessem sempre esta reflexão profundamente gravada na memória! Crês que Deus te vê sempre e em toda a parte?

Crês que esse Senhor supremo de todas as coisas pode castigar os teus crimes no mesmo instante e lugar em que os cometes?

Compara a tua fé com as suas obras, e verás a contradição em que vives: crês uma coisa e praticas outra; conheces a verdade e segues o apetite; respeitas a presença dos homens e des-

prezas a presença de Deus! Queres andar na presença de Deus? Habitua-te a trazê-lo no teu pensamento e a servi-lo com um coração puro. Ao dócil Abraão dizia o Senhor: *anda na minha presença e sê perfeito* (Gen. 17, 1). A presença de Deus é caminho para chegar à perfeição.

## CAPÍTULO V

### Do maravilhoso efeito do amor divino

1 — D. Bendigo-vos, Pai celestial, Pai do meu Senhor Jesus Cristo, pois tivestes por bem lembrar-vos de mim, pecador e pobre.

O' Pai de misericórdia, e Deus de toda a consolação, dou-vos muitas graças, porque me recreais por vezes com a vossa consolação, sem eu a merecer.

Bendigo-vos sempre e glorifico-vos com o vosso unigénito Filho, e com o Espírito consolador, por todos os séculos dos séculos.

O' Senhor Deus, amado meu, quando vierdes ao meu coração, todo o meu interior exultará de prazer!

*Vós sois a minha glória e a alegria do meu coração; sois a minha esperança e o meu refúgio no dia da minha tribulação* (Ps. 58, 17).

2 — Mas porque ainda sou fraco no amor, e imperfeito na virtude, hei mister de ser fortalecido e consolado por vós.

Por isso visitai-me mais vezes e instruí-me com as vossas santas doutrinas.

Livrai-me das minhas más paixões, e curai o meu coração de todos os affectos desordenados, para que ficando são e bem purificado no interior, seja fervoroso para amar, forte para padecer e firme para perseverar.

3 — Grande coisa é o amor; certo que é um

grande bem; ele só faz leve tudo o que é pesado e leva com igualdade o que é duro; pois leva o peso sem ser por ele carregado, e faz doce o amargoso.

O amor de Jesus é nobre e move-nos a obrar grandes coisas, e excita-nos a desejar sempre as mais perfeitas.

O amor quer-se sempre elevado, e não ser detido com coisas baixas.

O amor quer estar livre e alheio a toda a afeição mundana, para não ser impedido no seu affecto íntimo, nem se embarçar com algum interesse temporal, ou desfalecer com alguma perda.

Não há coisa nem no Céu nem na terra mais doce que o amor, nem mais forte, mais alto, mais dilatado, mais alegre e mais perfeita; porque o amor nasce de Deus, não pode descansar senão em Deus sobre todas as coisas criadas.

4 — O que ama voa, corre, alegra-se, é livre e não se detém.

Dá tudo a todos, e tem tudo em todos, porque descansa sobre todas as coisas no Sumo Bem, do qual todo o bem deriva e procede.

Não atenta nas dádivas, mas só ama o autor delas sobre todos os bens.

O amor muitas vezes não sabe ter medida; mas transpõe todo o limite.

O amor não sente peso, nem faz caso dos trabalhos, deseja mais do que pode; não se escusa com as impossibilidades.

Porque crê que tudo pode em Deus.

É pois o amor poderoso para tudo, e muitas coisas pôe por obra, nas quais o que não ama desfalece e cai.

5 — O amor sempre vigia, e dormindo não adormece; fatigado não se cansa, apertado não se estreita, atemorizado não se perturba.

Mas como uma viva chama e ardente labareda, sobe ao alto, e sem custo o transpõe.

Quem ama sabe o que quer dizer a voz do amor.

Grande clamor faz nos ouvidos de Deus o ardente affecto da alma que diz: Deus meu, amor meu, vós sois todo meu e eu todo vosso.

6 — Dilatai-me no amor, para que aprenda a saborear com a voz interior do meu coração, quão suave coisa é o viver no vosso amor e embriagar-me nele.

Seja eu preso do amor, para que ele o seja de mim, pelo impeto do fervor e admiração.

Que eu entôe o cântico do amor; que vos siga, meu amado; que desfaleça em vosso louvor a minha alma, alegrando-se pelo amor.

Ame-vos mais do que a mim, nem me ame a mim senão por amor de vós, e ame em vós a todo o que em verdade vos ama, como manda a lei do amor, que de vós recebe a sua luz.

7 — M. É o amor ligeiro, singelo, piedoso, alegre e delectável, forte, sofredor, fiel, prudente, generoso, varonil, e nunca se busca a si, porque onde cada um se busca, decai logo do amor.

É o amor acautelado, humilde e recto; não é mimoso, leviano, nem se applica a coisas vãs; é temperado, casto, firme, quieto e recatado em todos os sentidos.

É o amor sujeito e obediente aos Prelados e superiores; para consigo vil e desprezível; para com Deus devoto e agradecido, confiando e esperando sempre nele, ainda no tempo em que o não consola, porque no amor não se vive sem dor.

8 — Quem não está disposto a padecer todas as coisas e a estar à vontade do amado, não merece que lhe chamem amante.

Importa ao que ama abraçar de boa vontade por

seu amado tudo o que for duro e amargo, e não se apartar dele por nenhuma contrariedade.

NOTA — No decurso da vida humana, o amor e o sofrimento são duas coisas inseparáveis: quem ama verdadeiramente a Deus e ao próximo, não põe em dúvida sofrer. As acções que nascem dum amor puro exaltam a quem as pratica, e atraem as bênçãos de Deus. O pai e a mãe que amam os seus filhos trabalham cuidadosamente em educá-los, segundo os preceitos da lei divina; sofrem muitas vezes o rigor das estações, sujeitam-se a penosas fadigas, dia e noite; quase se esquecem de si próprios para só pensarem nos entes queridos, que a Providência confiou à sua guarda.

O mestre, que se interessa pelo adiantamento do seu discípulo, não se poupa a sacrificios, para lhe formar o espirito na ciência e o coração na virtude.

Em todos os ramos de actividade humana, quem quer conseguir os fins emprega de boa vontade os meios indispensáveis. Porque é que o lavrador se afadiga a semear e cultivar os seus campos? Porque deseja colher um dia os frutos do seu trabalho. Jesus Cristo veio para nós, sofrendo; nós havemos de ir para Ele, sofrendo com resignação cristã. O amor verdadeiro é fecundo em boas obras.

*O meu preceito é que vos ameis uns aos outros conforme eu vos amei. Ninguém pode mostrar maior amor do que aquele que dá a própria vida pelos seus amigos. Vós sereis os meus amigos se fizerdes o que eu vos mando* (S. João, 15, 11-24).

Temos uma condição a cumprir, desde que queiramos entrar na amizade de Jesus Cristo: é mostrar em obras o nosso amor; é cumprir os

preceitos que Ele nos impõe. O amor de Deus é de sua natureza difusivo e operativo; não sabe estar ocioso. Contemplai a vida dum S. Vicente de Paulo, dum S. João de Deus, dum Santa Teresa de Jesus e dos outros santos e santas, e vereis quão admiráveis são os frutos que o divino amor é capaz de produzir.

O amor suaviza todas as amarguras.

## CAPÍTULO VI

### Da prova do verdadeiro amor

1 — M. Filho, não és ainda forte e prudente no teu amor.

2 — D. Porquê, Senhor?

3 — M. Porque por uma contrariedade pequena desfaleces no princípio e buscas com avidez a consolação.

O amante forte está firme nas tentações; e não crê nas astúcias enganosas do inimigo; assim como lhe agrado nos sucessos prósperos, também lhe não desagradam nos adversos.

4 — O amante discreto não considera tanto a dádiva, como o amor de quem a dá! olha mais para o affecto, que para o prémio; e estima menos as dádivas que o amado.

O nobre amante não descansa no dom que lhe faço, mas em mim acima de todo o dom.

Ainda que algumas vezes não sintas por mim e pelos meus santos tanto amor, como quiseras, não te consideres por isso perdido; aquele affecto de devoção e suavidade, que às vezes recebes, é efeito da graça presente, e um antegosto da pátria celestial; nele te não deves estribar muito, porque vai e vem.

Porém pelejar contra os maus movimentos do

ânimo e desprezar as persuasões do demónio, é sinal de virtude e grande merecimento.

5 — Não te perturbem pois as imaginações que te ocorrem, de qualquer maneira que sejam.

Conserva firme o teu propósito e a intenção recta em Deus.

Não imagines que é ilusão ser súbitamente arrebatado ao alto, e deixado logo às costumadas distrações do coração; porque mais as padeces contra tua vontade, do que és causa delas; e enquanto te dão pena e as contradizes, servir-te-ão de merecimento e não de perdição.

6 — Tem por certo que o antigo inimigo de todos os modos trabalha por impedir o teu desejo do bem, e por te privar de todo o exercício de devoção, a saber: da veneração dos santos, da piedosa lembrança da minha paixão, da salutar lembrança dos pecados, da guarda do próprio coração, e do firme propósito de aproveitares na virtude.

Move-te muitos pensamentos maus, para te fazer horror e enfado, e para te retirar da oração e lição espiritual: desagrada-lhe muito a confissão humilde, e, se pudesse, faria que te apartasses da comunhão.

Não o creias nem faças caso dele, posto que muitas vezes te arme laços artificiosos.

Quando te trouxer pensamentos maus e desonestos, atribui-os a ele e dize-lhe: vai-te daqui, espírito imundo, e envergonha-te, desventurado; mui sujo és, pois tais coisas me trazes à imaginação.

Aparta-te de mim, malvado sedutor, não terás em mim parte alguma, que Jesus estará comigo como capitão esforçado, e tu ficarás confundido.

Antes quero morrer e sofrer todas as penas, que dar consentimento aos teus enganosa.

Cala-te e emudece, não te ouvirei mais, ainda que me causes outras moléstias.

É o Senhor a minha luz e a minha salvação; quem temerei? (Ps. 26).

Ainda que se arme contra mim um exército não temerá o meu coração.

É o Senhor o meu sustentáculo e o meu Redentor (Ps. 18, 15).

7 — Peleja como bom soldado, e se alguma vez caíres por fraqueza, torna a cobrar maiores forças que as primeiras, confiando que receberás mais copiosa graça; e foge com cuidado da vã complacência e da soberba.

Por esta causa muitos vivem enganados e caem algumas vezes em quase incurável cegueira.

Que esta ruína dos soberbos, que nesciamente presumem de si, te sirva de cautela, para perseverares na virtude da santa humildade.

NOTA — O nosso amor para com Deus deve ser puro, generoso, constante e progressivo. A pureza exclui o pecado mortal, que de nenhum modo pode conciliar-se com o amor de Deus; quem está em pecado mortal é inimigo de Deus. Aquele pecador que não cuida de expurgar a alma dos pecados mortais, — por meio duma confissão, feita com sincero arrependimento e propósito de emenda, — pode dizer que ama a Deus; mas não diz a verdade. A condição primária e essencial para entrar na amizade de Deus é purificar a alma dos pecados mortais. Se queres, pois, dar uma prova de que amas a Deus, tira-te do pecado mortal.

Toda a lei de Deus se reduz a uma breve fórmula: evita o mal e pratica o bem (Ps. 35, 27).

O pecado mortal é o maior de todos os males, que podem acabrunhar uma alma, não é porém

o único mal; também os pecados veniais te devem merecer cuidado. Por isso a segunda prova de amor que deves a Deus está naturalmente indicada: consiste em te purificares do affecto aos pecados veniais, procurando diminuir o número daqueles a que te sentires mais inclinado. *Quem despreza as faltas pequenas, pouco a pouco vem a cair nas grandes* (Ecclesi. 19, 1). Deus é generoso para connosco, generosos devemos nós ser para com Ele.

Não imites o exemplo dos que num mesmo dia se mostram inclinados, ora para a devoção, ora para a indiferença, segundo as coisas lhes correm prósperas ou adversas; esses não têm uma orientação firme; vagueiam à mercê de todos os ventos.

O amor tende naturalmente à união íntima entre o amante e o amado; se a inconstância se opõe a essa união, não há verdadeiro amor. Finalmente, o nosso amor para com Deus deve crescer de dia para dia. Se Deus aumenta as suas provas de amor para connosco, concedendo-nos a cada instante novos benefícios, justo é que pela nossa parte aumentemos também as provas do nosso amor para com Ele.

## CAPÍTULO VII

Como se há-de encobrir a graça sob a guarda da humildade

1—M. Filho, mui proveitoso e seguro te é encobrir a graça da devoção, não te desvanecendo, nem falando muito dela, e não fazendo muito caso de ti por este motivo, mas desprezando-te e temendo; porque se deu a quem não a merecia.

Não te deves fundar muito neste affecto, que mui depressa se pode mudar em contrário.

Considera, quando sentes a graça, quão miseravel e pobre costumás ser sem ela.

Não consiste o aproveitamento da vida espiritual só em teres a consolação; mas em levar a sua falta com humildade, resignação e paciência, de sorte que não afrouxes então no cuidado da oração, nem deixes as boas obras que costumás fazer; mas como melhor puderes e entenderes, faze de boa vontade o que estiver na tua mão; nem te descuides totalmente de ti, por causa da aridez ou ansiedade de espírito que sentires.

2—Porque há muitos que, quando lhes não succede bem, logo se tornam impacientes ou descontentados.

Nem sempre está na mão do homem o seu caminho, mas a Deus pertence dar a devoção, e consolar quando e quanto quiser, como lhe agrada e não mais.

Alguns indiscretamente se perderam por causa da graça da devoção, porque quiseram fazer mais do que podiam, não considerando a medida da sua pequenez e seguindo mais os affectos da vontade, que os ditames da razão.

E porque presumiram de si coisas maiores do que Deus queria, por isso perderam a graça.

Ficaram pobres e abatidos aqueles que puseram seu ninho no Céu, para que humilhados e empobrecidos aprendam a não voar com as suas asas, mas a esperar as minhas.

Os que são principiantes e sem experiência no caminho do Senhor, se se não governarem pelo conselho dos prudentes, facilmente podem cair e ser enganados.

3—Estes tais, se quiserem seguir antes o seu parecer, que fiar-se dos varões exercitados, terão fim muito perigoso; caminharão porém seguros se quiserem ceder do seu próprio juízo.

Os que se têm por sábios raramente levam com que os governem outros.

Melhor é saber pouco com humildade e pouca inteligência, do que ter grandes tesouros de ciência, com vão contentamento de si.

Melhor te é ter pouco do que muito de que possas ensoberbecer-te.

Não obra mui discretamente o que se entrega todo à alegria, esquecendo-se da sua antiga pobreza e do casto amor de Deus, que faz reccar a perda da graça que lhe concedeu.

Não procede como muito virtuoso, o que demasiadamente desconfia no tempo da adversidade, ou de qualquer outro trabalho, e cuida e sente de mim menos confiadamente do que convém.

4—Aquele que demasiadamente se dá por seguro no tempo da paz, muitas vezes se achará cobarde e medroso no tempo da guerra.

Se te souberas conservar sempre humilde e moderado, e governar com discreção o teu espírito, não cairias tão depressa em perigos e peccados.

É bom conselho que, quando estiveres com fervor de espírito, cuides no que te poderá succeder depois de se apartar aquella luz; e quando se te ausentar, pensa que pode tornar outra vez o que por algum tempo te tirei, para tua cautela e para minha glória.

5—Mais proveitosa te é muitas vezes esta prova, do que se tivesses sempre as coisas prosperas, à medida do teu desejo.

Porque não se devem avaliar os merecimentos por ter algum mais visões ou consolações, ou ser douto nas Escrituras, e estar em dignidade mais eminente; mas por estar fundado na humildade e cheio de caridade divina; por buscar sempre

pura e inteiramente a honra de Deus; por se ter em nada, e por se desprezar com verdade, e folgar antes de ser desprezado e abatido dos outros, que de ser honrado.

NOTA — *Que tens tu que não recebesses? Se porém recebeste, porque te glorias, como se nada receberas?* (1. Cor. 4, 7). Grande pensamento encerram estas palavras de S. Paulo! Na verdade, nada temos de que possamos gloriar-nos: por isso que os dons da natureza, os benefícios da graça, e o nosso próprio ser pertencem a Deus.

Somos porém tão inclinados a fugir da consideração do nosso nada, cedemos tão facilmente às seduções da soberba, que necessitamos de exercer uma vigilância continua sobre os movimentos do nosso coração.

*Podemos affirmá-lo, o orgulho é a mais geral de todas as paixões. A parte algumas almas privilegiadas, submersas no amor divino. Não há excepção. O orgulho cega tanto o ignorante como o sábio, tanto o pobre como o rico, tanto o fraco como o forte, tanto o jovem como o velho. Tudo erga sob o peso da sua lei; domina o libertino e perturba o coração do homem austero; domina o grande mundo e penetra nos mais humildes e retirados claustros; resplende na fisionomia da mulher altiva, que reina nos salões por seu nascimento, beleza e talentos, e se deixa perceber na palavra tímida ou sob o véu da reclusa, que, saída duma familia obscura, se internou numa casa de paz, e aí, ignorada dos homens, só espera as sombras dum túmulo humilde (Balmes, Critério).*

Terrível enfermidade! Para qualquer parte que vamos, afigura-se-nos sempre que a nossa pessoa se desdobra em duas: encontramos sempre com um fantasma sinistro, que nos segreda malévola-

mente: *olha que tu vales alguma coisa, és tido em boa conta... respeitam-te, admiram-te!* Quantas pessoas, que pretendem passar por devotas, se apresentam até nos templos — não com a humildade do publicano, mas com a soberba do fariseu, — a disputar os primeiros lugares e a tratar com desprezo o seu próximo?

Meu Deus, meu Deus, dissipai as trevas da minha ignorância, para que bem conheça o meu nada.

### CAPÍTULO VIII

#### Da vil estimação de si mesmo aos olhos de Deus

1 — D. *Falarei ao meu Senhor, apesar de ser pó e cinza* (Gen. 18, 27).

Se me tiver em maior conta, a vossa visita me arguirá: nem posso contradizer o que com verdade publicam as minhas maldades.

Mas se me tiver por vil e me aniquilar, deixando toda a própria estima, ser-me-á favorável a vossa graça e chegar-se-á a meu coração a vossa luz, e toda a minha satisfação, por pequena que seja, se sepultará no fundo do meu nada e se acabará para sempre.

Ali me mostrareis o que sou, o que fui e donde procedi; porque nada sou e não o conheci.

Abandonado a minhas forças, sou o mesmo nada e a mesma fraqueza; mas se vós súbitamente em mim puserdes os olhos, logo serei fortalecido e cheio de novo contentamento.

E é bem para admirar como tão depressa sou aliviado, e como benignamente sou abraçado de vós, eu que com o meu próprio peso sempre vou para baixo!

2 — *Obra isso o vosso amor, que sem merecimentos meus me previne, e em tantas necessidades me socorre, guardando-me de graves perigos,*

e (para dizer a verdade) livrando-me de inumeráveis males.

Perdi-me, amando-me desordenadamente; buscando-vos a vós só, e amando-vos puramente, me achei a mim e a vós, e deste amor recebi um profundo conhecimento do meu nada.

Porque vós, ó dulcíssimo Senhor, concedei-me muito mais do que eu mereço, e mais do que eu ousou esperar ou pedir.

3 — Bendito sejais, Deus meu, porque sendo eu indigno de todo o bem, ainda assim a vossa grandeza e bondade infinita não cessa de fazer bem até aos ingratos, e aos que estão mui longe de vós.

Convertei-nos a vós, Senhor, para que sejamos agradecidos, humildes e devotos; pois sois a nossa salvação, virtude e fortaleza.

NOTA — Quanto maiores procuramos ser aos olhos do mundo, tanto menores nos tornamos aos olhos de Deus. Aumentamos a nossa pobreza na medida em que levantamos obstáculos à graça divina. Quando só olhamos para a terra e contemplamos as criaturas, que estão sujeitas ao nosso domínio, facilmente nos deixamos tentar do orgulho: julgamo-nos grandes diante das criaturas, que são inferiores a nós.

Se queremos conhecer bem o pouco que somos e valemos, importa que, em vez de olharmos para baixo, olhemos para cima, e nos imaginemos na presença de Deus.

As criaturas que estão a nossos pés não servem para medida do nosso ser; só somos realmente o que formos diante de Deus; só valemos de facto o que valermos no juízo intalível do Pai do Céu. Mas poderei eu, por minhas próprias forças, levantar-me do abismo da miséria e subir

até à presença do meu Deus, para dar começo à minha reconciliação com Ele?

Nem isso; se me separo de Deus pelo pecado mortal, a separação é obra minha; mas, se depois confesso a minha culpa e me arrependo, o meu arrependimento é obra da misericórdia divina, que veio em minha procura. Eu pouco fiz para grande obra; prestei apenas uma humilde cooperação.

Nenhum acto meritório da vida eterna podemos praticar sem a graça divina: *assim como o pântano não pode produzir fruto por si mesmo, se não permanecer na videira; assim também o não produzireis vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, nós os pântanos: quando alguém permanece em mim, também eu permaneço nele, e esse produz muito fruto; porque sem mim nada (de salutar) podeis fazer* (S. João, 15).

Na vossa presença estou, ó meu Deus: confesso a minha fraqueza e reconheço a vossa omnipotência.

Quero ser vosso custe o que custar; acci-fai-me, pois, no número dos vossos servos e tornai-me digno de vós.

## CAPÍTULO IX

*Todas as coisas se devem referir a Deus,  
como fim último*

1 — M. Filho, eu devo ser o teu supremo e último fim, se verdadeiramente desejas ser feliz. Com esta intenção, será purificado o teu affecto, que muitas vezes se inclina viciosamente para ti e para as criaturas.

Porque se em alguma coisa te buscas a ti mesmo, logo desfaleces e afrouxas.

Refere, pois, todas as coisas a mim principalmente, porque eu as dei todas.

Considera cada coisa como derivada do sumo bem; e por isso refere-as todas a mim, como à sua origem.

2 — De mim, como da fonte viva, tiram água de vida o pequeno e o grande, o rico e o pobre; e os que livre e voluntariamente me servem recebem graça sobre graça.

Porém o que fora de mim se quiser gloriar ou deleitar nalgum bem particular, não será firme no verdadeiro gozo, nem dilatado no seu coração, mas de muitos modos será impedido e angustiado.

Não atribuas a ti coisa alguma boa, nem a algum homem a virtude; mas refere tudo a Deus, sem o qual não tem o homem coisa alguma.

Eu dei tudo e quero que me retribuas as devidas acções de graças.

3 — Esta é a verdade com que se repele a vanglória.

É se entrar na tua alma a graça celestial, e a verdadeira caridade, não sentirás inveja alguma, nem aperto do coração, nem te embarçará o amor próprio.

Porque a divina caridade tudo vence e acrescenta todas as forças da alma.

Se és perfeitamente sábio em mim, só te hás-de gloriar, em mim só hás-de pôr a tua esperança: *porque ninguém é bom senão Deus* (Luc. 18, 19), que deve ser louvado sobre todas as coisas e bendito em todas.

NOTA — Tudo depende de Deus, e Deus não depende de ninguém.

A fé católica ensina-nos que Deus é um em três pessoas distintas, Pai, Filho e Espírito Santo,

Depois vem a criação, efeito imediato da omnipotência, que é comum às três divinas pessoas, como todas as outras perfeições.

Há portanto duas maneiras de ser essencialmente distintas e diversas: ser criatura e ser Criador, ser finito e ser infinito, ser dependente e ser absoluto. Deus é o ser ilimitado, as criaturas são uma participação do ser de Deus. Deus existe por si mesmo, as criaturas existem por causa de Deus. A criação supõe um fim, porque não se pode admitir que a sabedoria incriada fizesse surgir do nada uma infinidade de criaturas, sem lhes marcar um destino. Por outro lado as mesmas criaturas nos estão apontando de muitos modos o fim que Deus lhes assinalara. Deus é, pois, não só o primeiro princípio, mas também o último fim de todas as coisas.

Vim de Deus e devo caminhar para Deus: eis a grande verdade que sempre devo ter diante dos meus olhos. Mas caminhar por onde? Pela estrada real que o exemplo e a doutrina de Jesus Cristo me traçaram.

Para me conduzir por essa estrada tenho à minha disposição uma guia infalível — é a Igreja católica. *Ou comais, ou hebais, ou façais qual-quer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus* (1. Cor. 10, 31). Muito era para desejar que o nosso pensamento andasse sempre de tal forma unido a Deus, que pudéssemos praticar todas as acções com intenção actual de glorificar o mesmo Deus; mas já que a nossa fraqueza o não permite assim, ao menos, no princípio de cada dia fornemos o propósito de ordenar todos os nossos pensamentos, affectos, palavras e acções para a glória de Deus.

Meu Deus, concedei-me a graça da perseverança final, para que goze de vós por toda a eternidade.

## CAPÍTULO X

Como é suave servir a Deus, tendo desprezado o mundo

1 — D. Outra vez vos falarei agora, Senhor, e não me calarei; direi aos ouvidos do meu Deus, meu Senhor e meu Rei, que estás nas alturas: *Ó Senhor, que grande é a abundância da vossa doçura, que reservastes para os que vos temem!* (Ps. 30, 20).

Mas se isto sois para os que vos temem, que sereis para os que vos amam?

Que sereis para os que de todo o coração vos servem?

Verdadeiramente é inefável a doçura da vossa contemplação, que comunicais aos que vos amam!

Nisto singularmente me mostrastes a doçura da vossa caridade, porque quando não existia me criastes e quando andava perdido longe de vós, me trouxestes, para que vos servisse, e me mandastes que vos amasse.

2 — Ó fonte de perpétuo amor, que direi de vós?

Como poderei esquecer-me de vós, que vos dignastes lembrar-vos de mim, ainda depois que me degradei e perdi?

Usastes com vosso servo de misericórdia, além de toda a esperança, e destes-me a vossa graça e amizade, além de todo o merecimento.

Que vos retribuerei por esta graça?

Porque nem a todos se concede que, deixadas todas as coisas, abandonem também o mundo e abracem a vida religiosa.

Porventura será muito que vos sirva a vós, a quem toda a criatura é obrigada a servir?

Não me deve parecer coisa grande o servir-vos

eu; mas só parece extraordinário e digno de admiração, que vos dignéis receber por vosso servo um pobre tão indigno, e ajuntá-lo com os vossos queridos servos.

3— Assim, Senhor, tudo o que tenho e com que vos sirvo é vosso.

Mas em verdade, mais me servis vós a mim, do que eu a vós.

Eis que o céu e a terra, que criastes para serviço do homem, preparados estão e fazem cada dia o que lhes mandais.

Pouco é isto: até os mesmos anjos criastes e ordenastes para serviço do homem.

Mas o que a tudo isso excede, é quererdes vós mesmo servir o homem, e dar-vos a ele!

4— Que vos darei, Senhor, por tão inumeráveis benefícios?

Oh! se vos pudera servir todos os dias da minha vida!

Oh! se pudera sequer um dia fazer-vos algum serviço digno!

Verdadeiramente sois digno de todo o serviço, de toda a honra e de louvor eterno.

Verdadeiramente sois o meu senhor, e eu sou um pobre servo vosso, que devo servir-vos com todas as minhas forças, e não me cansar jamais de vos dar louvores.

Isto quero, isto desejo: dignai-vos, Senhor, suprir o que me falta.

5— Grande honra e glória é servir-vos, e desprezar por vosso amor todas as coisas.

Porque todos aqueles que, de boa vontade, se sujeitarem ao vosso santíssimo serviço, terão muita graça.

Os que por vosso amor desprezarem todo o deleite carnal, acharão suavíssima consolação do Espírito Santo,

Os que por vosso nome entrarem pelo caminho estreito, e se desligarem de todo o cuidado mundano, alcançarão grande liberdade de espírito.

6— O' agradável e alegre empenho de servir a Deus, com o que se faz o homem verdadeiramente livre e santo!

O' santo estado da vida religiosa, que faz o homem igual aos anjos, agradável a Deus, terrível aos demónios, e recomendável a todos os fiéis!

O' exercício digno de ser abraçado e sempre apetecido, esse com que se merece o sumo bem, e se adquire o gozo, que durará por toda a eternidade!

NOTA — Nada há mais honroso do que servir e amar a Deus. Engrandecemos-nos na medida em que servimos a Deus; degradamo-nos na medida em que cedemos aos apetites sensuais. O homem, que se afunda no lodo dos prazeres mundanos torna-se incapaz de compreender as delícias da vida espiritual: é semelhante a um paladar estragado, para o qual se tornam amargos os alimentos mais sádios e apetitosos.

O mundo só cativa os que o não conhecem; e, para o conhecer bem, é necessário olhá-lo de alto com os olhos da razão e da fé. Basta a razão para demonstrar que o homem não nasceu dotado de duas substâncias, corpo e espírito, para sujeitar a superior à inferior, curvando a sua alma sob o peso da matéria: *nasci para coisas maiores do que para ser escravo do meu corpo*. Sim, nascemos para um fim sobrenatural e daí resulta que, quando buscamos esse fim, pela prática das virtudes e acertado emprego de nossas faculdades, experimentamos uma ordem de prazeres, imensa-

mente superiores aos dos sentidos. É que então encontramos-nos numa esfera muitíssimo distanciada daquela em que vivem os animais; então procedemos como homens.

Não nos devemos porém contentar com isso; é necessária que procedamos como bons cristãos, visto que Deus nos escolheu para seus servos, no meio de tantos milhões de infelizes, que ainda vivem estranhos à fé. Para que o nosso coração possa elevar-se para o Céu, é indispensável que o desembaracemos dos vinculos que o prendem à terra.

Desligado das afeições, que o escravizam, ele subirá sem dificuldade para o objecto das suas aspirações.

Grandes trabalhos se sofrem no meio do mundo para servir altos cargos, em que muitas vezes se sacrifica a saúde e se compromete a consciência!

E contudo o mundo, que paga mal a quem o serve, tem muitos escravos; Deus, que é duma generosidade sem limites para com os seus servos heís, conta um pequeno número!

## CAPÍTULO XI

Que os desejos do coração se hão-de examinar e moderar

1 — M. Filho, importa que aprendas ainda muitas coisas, que não tens aprendido bem.

2 — D. Senhor, que coisas são estas?

3 — M. Que sujeites totalmente o teu desejo ao meu beneplácito, e não te cegues com o teu amor próprio, mas sejas fervoroso zelador da minha vontade.

Muitas vezes te prendem teus desejos, e com veemência te levam atrás de si; mas examina se te moves mais por minha honra, que por teu proveito.

Se Eu for a causa, de qualquer modo que

ordene, sempre estarás contente: mas se ocultares algum interesse próprio, esse te impedirá e afligirá.

4 — Foge pois de confiar demasiadamente no desejo que tiveste sem me consultares; para que não suceda que te arrependas, e te desagrade o que primeiro te contentou, e desejasstes como melhor.

Porque nem todo o desejo que parece bom logo se há-de seguir, nem todo o que parece contrário, à primeira vista, se há-de evitar.

Convém que às vezes te refreies até nos bons exercícios e desejos, para que não caias em distraimento do coração pela demasia; e que não dês escândalo aos outros por tua indiscreção; ou também para que com a resistência dos outros subitamente te não perturbes e caias.

5 — Também algumas vezes te convém usar de violência e resistir varonilmente ao apetite sensitivo, não reparando no que quer ou não quer a carne; mas trabalhando para que esteja sujeita ao espirito, ainda que não queira; deve ser castigada e constringida a sujeitar-se até que esteja disposta para tudo, e saiba contentar-se com pouco, e alegrar-se com as coisas moderadas, e não murmurar contra o que lhe for contrário.

NOTA — Assim como todos os dias cuidamos da limpeza e alimentação do nosso corpo, também com melhoria de razão, devêramos cuidar da limpeza e alimentação da nossa alma. Raros são os homens obcecados que, em teoria, não reconhecem a superioridade da alma sobre o corpo; na prática, porém, é forçoso admitir que a maioria deles vivem tão esquecidos da alma, como se não acreditassem na existência dela. Para o corpo; todos os desvelos e mimos parecem poucos; procu-

ram-se-lhe bons ares, boas casas, boa alimentação, bons vestidos e conveniente exercício : se enferma chama-se-lhe um ou mais médicos, aplicam-se-lhe remédios a horas determinadas, dia e noite ; dispensam-se-lhe todos os cuidados. O corpo é um ídolo, o espírito cai de joelhos diante dele e adora-o com devoção fervorosa ! Já esta espécie de idolatria está de tal maneira enraizada nos costumes, que, sem a menor estranheza, se transmite de geração em geração.

À par disto, a pobre alma é relegada para uma posição muito secundária ; na peregrinação mais ou menos longa da vida, raro se olha para ela com decidido interesse. Nasce uma criancinha, desenvolve-se, começa a revelar as primeiras luzes da sua inteligência, e os pais, que devem esmerar-se em corrigir-lhe os defeitos, descaram por vezes a sua educação : deixam-na viver segundo os instintos da natureza, á maneira dum animalzinho doméstico. Será isto verdadeiro amor de pais ? Não ; tal amor é falso, porque é desordenado. *Tens filhos ? Educa-os e sujeita-os desde a sua infância* (Eccles. 7, 25).

Se ainda os filhos que recebem boa educação muitas vezes se perdem, que se há-de esperar dos mal educados ? Com a idade crescem os maus hábitos, e depois vem a influência do mundo corrompido completar a desgraça a que a negligência dos pais dera começo. Encontra-se depois um destes infelizes às portas da morte, e a família não permite que ninguém lhe fale em sacramentos, porque receia assustar o enfermo. Que barbaridade, que loucura ! Então credes na imortalidade da alma e tendes coração para obstar a que um vosso parente, um vosso amigo se reconcilie com Deus ! Será isso proceder como bom cristão ?

## CAPÍTULO XII

Da utilidade da paciência e da luta  
contra os appetites

1 — D. Senhor Deus, no meu entender, muito necessária me é a paciência, pois succedem muitas contrariedades nesta vida.

Porque de qualquer modo que eu me disponha a ter paz, não pode estar a minha vida sem guerra e dor.

2 — M. Assim é, filho, mas não quero que busques uma paz que careça de tentações, e não sintas contrariedades, antes quando fores exercitado em várias tribulações, e provado em muitas contrariedades, crê então que achaste a paz.

3 — Se dizes que não podes padecer muitas coisas, como sofrerás o fogo do Purgatório ?

De dois males sempre se deve escolher, o menor.

E para que possas escapar dos castigos eternos no futuro, trata de sofrer com paciência por meu amor os males presentes.

Cuidas que porventura os homens deste mundo nada ou pouco padecem ?

Nem isto acharás, ainda que busques os mais delicados.

4 — D. Mas longram muitos deleites e seguem a sua própria vontade, e por isso sentem pouco as suas tribulações.

5 — Admitido que assim seja, e que tenham quanto quiserem, dize-me : quanto lhes durará isso ?

Certo que todos, até os mais poderosos do mundo, se *desfarão como fumo* (Ps. 36) e não haverá jamais memória alguma dos seus gozos passados.

E enquanto vivem não descansam nos seus

prazeres sem amarguras, fastio e temor; porque da mesma coisa donde recebem deleite, daí tiram muitas vezes a dor que os castiga, e é justo que assim lhes suceda; nunca desordenadamente buscam e seguem os deleites, que não os longrem sem amargura e confusão.

6 — Oh! quão breves, quão falsos, desordenados e torpes são todos os deleites do mundo!

Porém os homens, embriagados e cegos, não o entendem assim; antes como animais, por um pequeno deleite da vida corruptível, dão a morte à sua alma.

*Por isso, filho, não sigas os teus apetites, e aparta-te da tua própria vontade (Eccles. 18, 30).*

*Deleita-te no Senhor, e dar-te-á o que pedir o teu coração (Ps 63).*

7 — Pois, se queres verdadeiras delícias e receber de mim consolação mui abundante, conserva-te no desprezo de todas as coisas do mundo, e na aversão a todos os deleites da terra, para seres abençoado e receberes consolação copiosa.

E quanto mais te apartares de toda a consolação das criaturas, tanto mais suaves e eficazes consolações acharás em mim.

Mas não chegarás a lográ-las sem primeiro passares pela tristeza e trabalho da peleja; resistirá o costume antigo, mas será vencido com outro melhor; repugnará a carne, mas refrear-se-á com o fervor de espírito.

A serpente antiga te perseguirá e molestará, mas pôr-se-á em fuga com a oração, e com o trabalho proveitoso lhe impedirás de todo a entrada.

NOTA — Desde que se concede ao corpo mais do que lhe pertence, e se recusa à alma o que lhe é devido, cai-se num estado de desordem

moral em que se torna impossível encontrar a felicidade.

Ora, quanto mais desordenados são os desejos e as paixões, tanto menos o homem conhece os seus desvarios.

E' necessário que o pecador se veja ao espelho da própria consciência, e encare detidamente as manchas da sua alma. Nenhum homem há tão privilegiado que não encerre no seu coração o germe de todas as paixões; a diferença é que as disposições hereditárias, o temperamento, a educação e muitas outras circunstâncias fazem variar o desenvolvimento das tendências. Em todo o caso, sempre o homem normal com o auxilio da graça pode regular os seus desejos e dominar as suas paixões.

Não te desculpas, pois, dizendo que não podes resistir aos arrebatamentos do teu génio irascível, que não podes sofrer os defeitos do teu próximo, etc.; muito pode quem confia em Deus e tem boa vontade de adiantar na virtude. Aquele que ama o prémio abraça com coragem o trabalho. Pensas acaso que é mau partido comprar uma eternidade de ventura, a troco duns breves dias de sofrimento? E quantas consolações te oferece Deus ainda mesmo nesta vida? Vê se podes contá-las: as visitas interiores da graça divina, a satisfação da consciência, a luz para praticar o bem, a força para resistir ao mal, a palavra divina, os bons exemplos, os livros devotos, os sacramentos...

O sofrimento é o nosso companheiro de cada dia, segue-nos sem que o procuremos: a paciência só muito instada se conservará nossa companheira. Quem a não procurar com diligência não a possuirá, e uma vez possuída facilmente se pode perder. Mas sem paciência o que é a vida!

Deus e Senhor meu, vós sois todo misericórdia

dia para comigo e eu todo ingratição para conosco.

Se tenho andado esquecido de vós, a culpa foi somente minha; porque tenho resistido com pertinácia aos vossos doces chamamentos. Basta porém de ingratições, basta de pecados; agora, Senhor, quero renunciar ao mundo e às suas paixões, ao demónio e aos seus embustes, para servir-vos com fidelidade e para sempre.

### CAPÍTULO XIII

#### Da obediência do súbdito humilde, a exemplo de Jesus Cristo

1 — M. Filho o que procura apartar-se da obediência, aparta-se também da graça; e o que deseja ter coisas próprias perde as comuns.

O que se não sujeita de boa vontade ao seu superior, mostra que a sua carne ainda lhe não obedece perfeitamente, mas muitas vezes resiste e murmura.

Aprende, pois, a sujeitar-te sem detença ao teu superior, se desejas sujeitar a tua carne, porque mais depressa se vencerá o inimigo exterior, se o homem interior não estiver desordenado.

Não há mais danoso nem pior inimigo para tua alma que tu mesmo, se não estás conforme com o espirito.

E' necessário que te armes com o verdadeiro desprezo de ti mesmo, se queres vencer a carne e o sangue.

Mas porque ainda te amas desordenadamente, por isso receias sujeitar-te de novo à vontade dos outros.

2 — Ora que muito é que tu — que és pó e nada — te sujeites ao homem por amor de Deus, quando Eu, Omnipotente e Altíssimo, que criei

do nada todas as coisas, me sujeitei humildemente ao homem por teu amor?

Fiz-me o mais humilde e o mais abatido, para vencer a tua soberba com a minha humildade.

Aprende a obedecer tu que és pó: aprende a humilhar-te, terra e barro, e até a prostrar-te aos pés de todos.

Aprende a vencer a tua vontade, e rende-te a toda a sujeição.

3 — Abrasa-te em ira contra ti mesmo, nem consintas que exista em ti enfiamento algum; mas mostra-te tão sujeito e apoucado, que todos possam andar sobre a tua cabeça, e pisar-te como lama da rua.

Ó homem vão, de que te queixas?

Pecador miserável, em que podes contradizer os que te injuriam, tu que tantas vezes offendeste a Deus e mereceste o inferno?

Mas perdoci-te, porque é preciosa a tua alma a meus olhos, para que conhecesses o meu amor e fosses sempre agradecido pelos meus benefícios, e para que continuamente tratasses da verdadeira sujeição e humildade, e levasses com paciência o teu próprio desprezo.

NOTA — Não custa muito ser obediente, quando se é humilde; a grande dificuldade está em chegar a ser verdadeiramente humilde. Que fez a serpente no Paraíso, para levar nossos primeiros pais à desobediência? Tentou-os pela soberba, dizendo-lhes: abrir-se-ão os vossos olhos e ficareis como deuses, a conhecer o bem e o mal.

Da humildade à obediência vai a mesma distância que da soberba à desobediência.

Para um espirito orgulhoso, o jugo da obediência é um suplicio. Por isso Jesus Cristo, o novo Adão, começou e consumou a obra da redenção,

fazendo exactamente o contrário do que nossos primeiros pais haviam feito: eles quiseram fazer-se deuses, o Verbo eterno fez-se homem; eles pecaram pela soberba, pela desobediência e pela sensualidade; Jesus Cristo prega a humildade, a obediência e a mortificação. A cada ferida aplica o seu remédio, de maneira que onde abundaram os estragos do mal superabundassem os benefícios da medicina.

E da ordem natural das coisas que os inferiores obedecem aos superiores: os soldados ao seu general, a nau ao seu piloto, a nação ao seu imperante, a comunidade ao seu superior, a família ao seu chefe. Quando se quebra o vínculo da obediência, aparece a desordem. Se queres aprender a virtude da perfeita obediência, dispõe-te a estudá-la na escola de Jesus Cristo, e começa por te exercitar na verdadeira humildade.

Na Sagrada Escritura, Jesus é muitas vezes chamado *Messias*, que quer dizer *enviado, mandado*; porque Ele veio resgatar os homens pela obediência, cumpriu as ordens do Eterno Pai. *Pois assim como, pela desobediência dum só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também pela obediência dum só muitos se tornaram justos* (Aos Rom. 5, 19). *Jesus Cristo humilhou-se, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz* (Aos Fil. 2, 8).

#### CAPÍTULO XIV

Como se devem considerar os ocultos juízos de Deus, para que nos não desvanecemos com os bens que recebemos.

1 — D. Senhor, vós sobre mim publicais com estampido os vossos juízos, e abalais todos os

meus ossos com temor e tremor, estremeçando muito a minha alma.

Estou atónito e considero que os Céus não são limpos à vossa vista.

Se nos mesmos anjos achaste maldade e não lhe perdoaste, que será de mim?

Caíram as estrelas do Céu, e eu pó, de que presumo?

Aqueles cujas obras pareciam dignas de louvor, caíram no profundo; e os que comiam o pão dos anjos, vi que se delicitavam com o manjar dos animais imundos.

2 — Não há pois santidade, se vós, Senhor, apartais a vossa mão.

Não aproveita a sabedoria, se vós deixais de governar.

Não ajuda a fortaleza, se vós deixais de conservar.

Não há castidade segura, se vós a não defendeis.

Não aproveita a própria cautela, se falta a vossa santa vigia, porque desamparados de vós logo nos vamos ao fundo e perecemos, mas visitados de vós nos levantamos e vivemos.

Inconstantes somos, mas por vós estamos firmes: fazemo-nos tíbios, mas vós nos afervorais.

3 — Oh! quão humilde e baixamente devo sentir de mim; em quão pouca conta me devo ter, ainda que pareça que tenho algum bem!

Oh! quão profundamente me devo submeter ao abismo dos vossos juízos, onde acho que não sou outra coisa senão nada e menos que nada.

Ó peso imenso!

Ó pégo que se não pode vadear, onde não acho outra coisa em mim senão um puro nada!

Onde estará, pois, escondido o fundamento da minha soberba?

Onde estará a confiança da minha própria virtude?

Sepultou-se toda a vanglória na profundeza dos vossos juízos.

4 — O que é toda a carne na vossa presença? Porventura gloriar-se-á o lódo diante de quem o formou? (Is. 45, 9).

Como se pode desvanecer com vãos louvores aquele cujo coração está verdadeiramente sujito a Deus?

O mundo inteiro é incapaz de ensoberbecer aquele que a verdade sujeitou a si.

Nem se moverá com as palavras dos que o louvam o que tem firme em Deus toda a sua esperança.

Porque todos os que falam são nada, e desfalecerão com o som das palavras.

*Porém a verdade do Senhor permanece para sempre* (Ps. 116).

NOTA — Bem diferentes são os juízos dos homens dos de Deus: o homem julga como homem, isto é, como criatura fraca, ignorante e propensa ao mal; Deus julga como Deus, isto é, como supremo Senhor, para quem nada há de oculto. Donde procede que o que muitas vezes é sabedoria aos olhos do homem, torna-se loucura aos olhos de Deus.

*Para alguns homens que presumiam de justos e desprezavam os outros, propôs Jesus Cristo a seguinte parábola: subiram um dia ao templo dois homens para fazer oração; um era fariseu e outro publicano (recebedor de impostos). O fariseu, ficando-se de pé, dizia de si para si: dou-vos graças, meu Deus, por não ser como os outros homens, que são ladroes, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. Eu jejuo duas vezes por semana, e pago o dizimo de tudo*

quanto possuo. — E o publicano, conservando-se afastado, não ousava sequer levantar os olhos para o Céu; mas batia no seu peito, dizendo: meu Deus, tende misericórdia de mim, que sou pecador. — Declaro-vos que este voltou para sua casa justificado; porque todo o que se exaltar será humilhado, e todo o que se humilhar será exaltado (S. Luc. 16, 9-14). Dos dois retratos que esta parábola te oferece vê agora qual é o teu. Deus foge dos soberbos e dá-se aos humildes.

Devemos fugir do desalento, mas sem nos deixarmos arrastar da presunção. Os anjos rebeldes eram espiritos puros e caíram; de Saúl diz a Escritura que era eleito e bom, nenhum homem havia melhor que ele entre os filhos de Israel, e apesar disso caiu; de David e Salomão nem é necessário falar.

Queres um sinal para conheceres se és humilde ou soberbo? Estuda-te na ocasião em que te louvam ou censuram: se te julgas digno dos louvores e honras que te dispensam, desconfia de ti próprio; se te julgas merecedor das injúrias que te fazem, e rogas a Deus pelos teus inimigos, sinal é de que a graça do Senhor te ampara, e por isso a deves agradecer.

## CAPÍTULO XV

Como se deve cada um haver e falar nas coisas que deseja

1 — M. Filho, diz assim em todas as coisas: Senhor, se vos agradar faça-se isto em vosso nome.

Senhor, se vos parecer que me é conveniente e proveitoso, concedei-me isto para que dele use para vossa honra; mas se vedes que me será nocivo, e não aproveita para a salvação da minha alma, tirai de mim tal desejo, porque nem todo o

desejo procede do Espírito Santo, ainda que nos pareça justo e santo.

Difícil é julgar com verdade se te move o espírito bom ou mau, a desejar isto ou aquilo, ou se te move a tua própria vontade.

Acham-se enganados no fim muitos, que no princípio pareciam ser movidos pelo bom espírito.

2— Por isso deves sempre, com temor de Deus e humildade do coração, desejar e pedir tudo aquilo que se te representar digno de ser desejado; e particularmente me encomendarás tudo com inteira resignação, dizendo — Senhor, vós sabeis o que é melhor, fazei-me isto ou aquilo, como mais vos agradar; dai-me o que quiserdes, quanto e quando quiserdes.

Fazei comigo como vós sabeis, e como mais vos aprouver e for mais honra vossa.

Ponde-me onde quiserdes, e obrai livremente comigo em todas as coisas.

Estou na vossa mão, revolvei-me e virai-me ao redor.

Eis aqui o vosso servo disposto para tudo: porque não desejo viver para mim, mas só para vós.

Praza à divina misericórdia que eu sempre assim viva digna e perfeitamente.

ORAÇÃO EM QUE SE PEDE A GRAÇA PARA CUMPRIR  
A VONTADE DE DEUS

3— D. Concedei-me, benigníssimo Jesus, a vossa graça para que esteja comigo, trabalhe comigo e persevere comigo até ao fim.

Dai-me que sempre deseje e queira o que vos for mais aceite e agradável.

Vossa vontade seja a minha, e a minha seja sempre a vossa, e se conforme em tudo com ela.

Tenha eu convosco o mesmo querer, ou não

querer; nem possa querer; ou não querer, senão o que vós quereis ou não quereis.

4— Dai-me a graça para que morra para tudo o que há no mundo, e que deseje ser desprezado e desconhecido nele por vosso amor.

Dai-me que, sobre tudo o que se pode desejar, em vós descanse, e sossegue em vós o meu coração: vós sois o único descanso; fora de vós tudo é desabrigo e desassossêgo.

Nesta paz, *nisso mesmo*, isto é, em vós único, sumo e eterno bem, *dormirei e descansarei*. Amen.

NOTA — Costuma a nossa língua traduzir, mais ou menos claramente, os desejos da nossa alma: se os desejos são desordenados, também a língua se mostra imprudente. Vai a língua para onde vai o coração; se o coração é de Deus, também a língua foge para Deus.

Mas onde se encontrará uma alma verdadeiramente desprendida de si, e só desejosa de se prender a Deus? Até nas acções mais santas se mistura muitas vezes o amor próprio. *Ea gosto disto, eu gosto daquilo* — eis o que se ouve dizer a cada instante. O gosto, a simpatia, a inclinação são geralmente os motivos a que se obedece.

Faz-se o que mais agrada, e deixa-se de fazer o que mais convém: atende-se aos gostos da natureza, e esquecem-se os deveres da consciência; crê-se prestar culto a Deus, quando se tem o coração preso às criaturas! É mui raro o ouro puro da virtude. Há no coração humano um fundo de malícia tão subtil, que só à luz refulgente da graça divina se pode distinguir.

Têm-se por inocentes muitos gostos de que Deus não gosta, e daí a razão porque muitas almas não adiantam na virtude.

Para bem regularmos as palavras, é necessário que primeiro ordenemos os pensamentos e os desejos. A todos os desejos do nosso coração deve sobressair um, — o de nos conformarmos em tudo com a vontade de Deus. Cada um de nós deve dizer consigo todos os dias: eu quero fazer a vontade do meu Deus, custe o que custar.

Melhor sabe Deus o que nos convém, do que nós o que havemos de desejar: muitas vezes deparamos a ruína, onde contávamos encontrar a felicidade. Por isso nos devemos entregar nas mãos de Deus, para que, a seu arbitrio, disponha dos sentidos do nosso corpo, e das potências da nossa alma.

Quem possui um amigo fiel, inteligente e dedicado, de boa vontade lhe comunica os seus projectos, e escuta os seus conselhos; Deus é nosso verdadeiro amigo, o mais fiel e dedicado de todos os amigos; porque não havemos, pois, de tomar conselho com Elé todos os dias? Quando o anjo S. Gabriel vai solicitar da Virgem Maria o seu consentimento para a encarnação do Verbo, Maria só procura saber qual é a vontade de Deus, e oferece-se em seguida sem reserva: *eis a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra* (S. Luc. 1, 38). Eva no Paraíso perderá-nos pela desobediência; a nova Eva em Nazaré resgata-nos pela obediência, associando-se á grande obra da redenção.

Infinita majestade do meu Deus, eu vos adoro com o mais profundo acatamento. Reconheço-vos, Senhor, como soberano absoluto de todo o meu ser; os olhos com que vejo, a língua com que falo, os ouvidos com que ouço, o coração com que amo, o meu corpo e a minha alma tudo vos pertence e de tudo vos faço hoje entrega.

## CAPÍTULO XVI

Só em Deus se há-de buscar a verdadeira consolação

1 — O que posso desejar ou procurar, para minha consolação, não o espero nesta vida, mas só na outra.

Porque ainda que eu só tivera todos os alívios do mundo, e pudesse lograr todas as suas delícias, é certo que não poderiam durar muito tempo.

Portanto, ó alma minha, considera que nunca poderás ser cabalmente consolada, nem perfectamente recreada senão em Deus, que consola os pobres e agasalha os humildes.

Espera um pouco, alma minha, espera a divina promessa, e terás no Céu abundância de bens.

Se desordenadamente desejares os bens presentes, perderás os eternos e celestes.

Tem as coisas temporais só para uso, e as eternas no desejo.

Não te podes satisfazer com bem algum temporal, porque não foste criada para logrars os bens terrenos.

2 — Ainda que tivesses todos os bens criados, não poderias ser ditosa e bem-aventurada; porque só em Deus, que criou todas as coisas, consiste a tua bem-aventurança e felicidade; não a que estimam e louvam os amadores do mundo, mas a que esperam os bons e fiéis servos de Cristo, e algumas vezes gozam os espirituais e limpos do coração, cuja conversação é nos Céus.

Vã e breve é toda a consolação humana; só é bem-aventurada e verdadeira a que interiormente comunica a eterna verdade.

O homem devoto em toda a parte tem consigo o seu verdadeiro consolador, Jesus Cristo, e lhe diz: Senhor Jesus, favorecei-me em todo o lugar e tempo; tenha eu por consolação o querer de boa mente carecer de toda a consolação humana; e se a vossa me faltar, tenha por supremo alívio a vossa vontade, e justa prova, pois não durará sempre a vossa ira, nem eternamente a vossa ameaça (Ps. 102, 9).

NOTA — Sentimos dentro de nós o instinto da felicidade — uma tendência secreta que nos impulsiona a buscar exteriormente, como que às apalpadelas, a situação das nossas aspirações. Não temos porém conhecimento bastante claro do que desejamos e procuramos; queremos o bem, e muitas vezes praticamos o mal; indagamos a verdade, e a cada passo caímos no erro; buscamos a suma beleza, e descansamos na que o mau gosto do mundo fabrica. A semelhança das inocentes crianças, também nós tomamos a sério o que é ridículo. Vêde, o que é que preocupa a maior parte dos homens.

Em que é que gastam a vida? O que é que procuram, quando os vemos atravessar os mares e percorrer os continentes? Procuram honras, prazeres, e riquezas, quer dizer, procuram de balde enganar o seu coração com bens fantásticos, que não podem saciá-lo.

Vemos as coisas do mundo através deste barro do nosso corpo e parecem-nos grandes, não só porque estão muito próximas de nós, mas porque lhe aterimos o valor pelo gosto dos nossos appetites. Ora, quem assim procede atasta-se a um tempo dos ditames da razão e das máximas do Evangelho: já Cicero dizia que o desprezo das coisas exteriores é um dos sinais por que se

conhece uma alma forte e grande, visto que tal desprezo nasce da convicção íntima de que nada se deve admirar, desejar e procurar senão o que for honesto e nobre.

*Que aproveita ao homem ganhar todo o mundo se perde a sua alma?*

Qual é o homem tão ambicioso a quem Deus não baste?

Feliz aquele que se abraça com Jesus, tanto na prosperidade como na adversidade, tanto na saúde como na doença! Na verdade, bem guardado e seguro anda aquele a quem a Providência divina ampara. Por mais miserável que eu seja nada tenho a temer, desde que Jesus Cristo tome cuidado de mim: se sou pobre, Ele pode socorrer-me; se estou triste, pode consolar-me; se adoço, pode curar-me...

## CAPÍTULO XVII

### Todo o cuidado se deve pôr em Deus

1 — M. Filho, deixa-me fazer de ti o que quero; eu sei o que te convém.

Tu pensas como homem e sentes em muitas coisas, como te persuade o affecto humano.

D. Senhor, verdade é o que dizeis.

Maior é o cuidado que tendes de mim do que todo o que eu de mim posso ter.

Está mui arriscado a cair quem não põe em vós todo o seu cuidado.

Senhor, fazei de mim tudo o que quiserdes, contanto que permaneça em vós recta e firme a minha vontade.

Pois não pode deixar de ser bom tudo o que vós fizerdes em mim.

2 — Se quereis que esteja em trevas, sede ben-

dito; e se quereis que esteja em luz, sede igualmente bendito.

Se quereis que esteja consolado, sede bendito; e se quereis que esteja atribulado, sede também bendito para sempre.

M. Filho, importa que assim te conformes, se desejas andar comigo: tão pronto deves estar para padecer como para gozar.

De tão boa vontade deves estar necessitado e pobre como abundante e rico.

3—D. Senhor, de boamente padecerei por vós tudo o que quiserdes que padça.

Quero estar indiferente para receber da vossa mão o bem e o mal, o doce e o amargo, o alegre e o triste; e por tudo o que me suceder vos darei sempre graças.

Livrai-me de todo o pecado, e não temerei a morte, nem o inferno; contanto que me não aparteis de vós para sempre, nem me risqueis do livro da vida, não me será nociva qualquer tribulação que me sobrevenha.

NOTA—Deus sabe o que nos utiliza, e nós muitas vezes ignorámo-lo: a fraqueza do entendimento e a perversão da vontade fazem-nos prontos para o mal, e vagarosos para o bem. Somos mais discretos quando se trata do corpo, ou dos negócios do tempo, do que a respeito da alma e da vida eterna.

Se estamos doentes, entregamo-nos nas mãos do médico; se temos uma demanda, procuramos um bom advogado e sujeitamo-nos às ordens dele. Em verdade, é razoável que assim procedamos: mas somos incoerentes, não procedendo duma maneira análoga, quando se trata da alma. Confiamos no médico e no advogado, porque eles sabem o que nós ignoramos? Pois bem, com

melhoria de razão devemos entregar-nos nas mãos de Deus, visto que Ele sabe e quer conduzir-nos à felicidade.

Os homens podem errar por ignorância, ou faltar ao cumprimento do seu dever por malícia; Deus ao contrário não pode enganar-se nem enganar-nos. Além disto nós, que não compreendemos bem o valor da nossa alma, não podemos tomar por ela um interesse proporcionado ao seu verdadeiro valor.

Se a cada coisa consagrássemos o cuidado que ela merecesse, nada tomaríamos mais a peito do que a salvação eterna, para a qual fomos criados. Feliz aquele que, à maneira duma criancinha dócil, se deixa guiar pela mão do seu Pai do Céu! Esse caminha com segurança, cumpre o que lhe é mandado, evita o que lhe é proibido, e nas coisas, em que lhe é permitido escolher à sua vontade, sabe manter-se numa santa indiferença.

Se a natureza geme sob o peso da tribulação, diz consigo: vós, Senhor, bem sabeis aquilo que convém à minha santificação; faça-se pois a vossa vontade e não a minha. Quando me consolais, sois o meu Deus; quando me provaís, sois igualmente o meu Deus.

### CAPÍTULO XVIII

*Que as misérias temporais se não de sofrer com igualdade de ânimo, a exemplo do Cristo*

1—M. Filho, eu desci do Céu para te salvar, tomei as tuas misérias, não obrigado da necessidade, mas do amor, para que tu sofresses pacientemente as misérias temporais.

Porque desde a hora do meu nascimento, até à morte na Cruz, não me faltaram dores que sofrer. Tive grande falta das coisas temporais, ouvi

muitas vezes grandes queixas contra mim, sofri com benignidade sem-razões e afrontas, recebi pelos benefícios ingratidões, pelos milagres blasfêmias, pela doutrina repreensões.

2—D. Senhor, pois fostes tão sofrido em vossa vida, cumprindo nisto principalmente o preceito de vosso Pai, justo é, que eu, miserável pecador, segundo a vossa vontade, me sofra a mim com paciência, e leve por minha salvação o peso da minha vida corruptível, euquanto o quiserdes.

Porque, ainda que a vida presente seja de si pesada, já se tem feito por vossa graça muito meritória; e com o vosso exemplo e dos vossos santos, mais tolerável e mais ilustre para os fracos.

É de muito maior consolação do que na lei antiga, quando estava cerrada a porta do Céu, e o caminho para lá chegar parecia mais escuro; quando eram tão poucos os que tratavam de buscar o reino dos Céus, e nem mesmo os que se haviam de salvar e eram justos podiam entrar no reino celeste, antes da vossa paixão e satisfação da vossa sagrada morte.

3— Oh! quantas graças vos devo dar, pois vos dignastes mostrar-me a mim e a todos os fiéis, o caminho direito e seguro para o vosso reino eterno!

Porque a vossa vida é o nosso caminho, e pela santa paciência caminhamos para vós, que sois a nossa coroa.

Se vós não fosseis diante e não nos ensinasseis, quem trataria de vos seguir?

Ai! quantos ficariam longe e muito atrás, se não vissem os vossos ilustres exemplos?

E se ainda assim estamos tibios, ouvindo tantos prodígios e doutrinas, que seria se não tivéramos tanta luz para vos seguir?

NOTA — Muitos são os motivos que nos devem animar a sofrer com resignação.

*Devemos sofrer por motivos de necessidade:* a lei do sofrimento é geral, ninguém está isento dela.

Podemos utilizar os sofrimentos; não podemos evitá-los, por mais que façamos. Começa-se a sofrer desde que se começa a viver; o sofrimento é uma condição da nossa natureza.

*Devemos sofrer por motivo de expiação:* somos pecadores, necessitamos de fazer penitência pelas nossas culpas; o sofrimento é um meio de expiação. Ao lado de Jesus Cristo no Calvário agonizavam dois bandidos. Um deles, tomado de desespero, blasfemou, dizendo: *se tu és Cristo, salva-te a ti próprio e a nós.* O outro porém reprimia o seu companheiro, dizendo-lhe: *nem ao menos temos a Deus, tu que estás sofrendo o mesmo suplicio? E nós em verdade sofremos com justiça, porque recebemos o merecido castigo das nossas acções, este porém nenhum mal praticou.* E a Jesus dizia: *Senhor, lembra-vos de mim quando vierdes para o vosso reino.* Jesus respondeu-lhe: *na verdade te digo que hoje mesmo estarás comigo no Paraíso* (S. Luc, 23, 39-43).

Quando te custar a sofrer, junta a oração com o sofrimento e dize contigo, á imitação do bom ladrão: eu soffro com justiça, porque sou peccador.

*Devemos sofrer por motivo de caridade:* Jesus Cristo soffreu por nosso amor uma morte de cruz, não é muito que nós sofram por amor dele as contrariedades da vida; as almas do Purgatório são espasmas de Jesus Cristo e soffrem horivelmente, justo é que nós ofereçamos a Deus os nossos soffrimentos para aliviar os delas; mesmo neste mundo temos muitos irmãos transviados,

para cuja conversão podemos concorrer com os nossos sofrimentos.

Parecem-te grandes as tribulações que Deus te envia? Olha para Jesus crucificado, olha para os teus pecados, olha para as santas prisioneiras do Purgatório, e olha enfim para os infelizes peccadores.

### CAPÍTULO XIX

#### Do sofrimento das injúrias, e qual seja o verdadeiro sofredor

1 — M. Filho, que é o que dizes?

Deixa de te queixares, considerando a minha Paixão e os trabalhos dos santos.

Ainda não tens resistido até derramares sangue.

Pouco é o que padeces, em comparação dos que tanto padeceram, sendo tão gravemente atribulados, tão diversamente provados.

Convém, pois, que te lembres dos trabalhos mui graves dos outros, para que facilmente sofras os teus leves; e se te não parecem leves, olha não seja a tua impaciência que os figure pesados.

Porém ou sejam leves ou graves, procura levá-los todos com paciência.

2 — Quanto melhor te dispões para padecer, tanto mais prudentemente obras, e tanto mais mereces; e levarás tudo facilmente, tendo preparado o teu ânimo com o hábito e constância.

Não digas: não posso sofrer isto daquele homem, nem é razão que eu padeça tais coisas; pois me fez grande dano, e me levanta coisas que nunca imaginei; mas a outro qualquer de boa vontade sofrerei o que vir que se pode sofrer.

Indiscreto é tal pensamento, pois não considera

a virtude da paciência, nem olha a quem há-de premiar, mas só atende às pessoas e às injúrias que se lhe fazem.

3 — Não é verdadeiro sofredor o que não quer sofrer, senão quando lhe parece e de quem lhe agrada.

O verdadeiro sofredor não atenta se quem o persegue é seu prelado, ou igual, ou inferior; se é varão bom e santo, ou mau indigno.

Mas sem diferença de pessoas, sempre que lhe sucede alguma adversidade, aceita-a de boa vontade como da mão de Deus, recebendo-a por grande favor.

Porque não há coisa diante de Deus, por pequena que seja, que padecida por seu amor, passe sem merecimento.

4 — Está, pois, aprecebido para a batalha, se queres alcançar vitória.

Sem peleja não poderás chegar à coroa da paciência.

Se não queres padecer, recusa ser coroado; mas se queres ser vitorioso, combate com valor e sofre com paciência.

Sem trabalho não se goza o descanso, sem peleja não se alcança a vitória.

5 — D. Senhor, fazei que me seja possível pela vossa graça o que me parece impossível por minha natureza.

Vós sabeis quão pouco posso padecer, e que depressa me derriba qualquer leve adversidade.

Fazei que deseje e ame qualquer exercício de tribulação por vosso nome; porque padecer e ser atormentado por vós é mui proveitoso à minha alma.

NOTA — Estamos habituados a medir os males da vida pelas impressões dolorosas, que eles

nos ocasionam; parece-nos que soffremos muito, porque não temos disposição para soffrer. A semelhança dos estomagos doentes, que com pouco alimento ficam entardados, também nós com pequeninas contrariedades nos enfastiamos; porque a nossa paciência é pouca ou nula, julgamos que o nosso soffrimento é insuportável. Desviamos os olhos de nós mesmos, para não vermos os melindres do nosso amor próprio, e attribuimos as nossas inquietações a causas exteriores: agora questionamos, porque um inferior não cumpriu as nossas ordens; logo gememos porque nos faltaram ao respeito; mais tarde cairemos em tristeza por uma palavra, por um nada! Parece-nos que todos se conspiram para nos atribular! E quantas pessoas destas, que se têm por muito devotas e aproveitadas na virtude?

Quantas que parecem anjos no confessorário e se mostram demónios no seio das suas famílias?

Tudo as irrita e desgosta, não podem viver em paz com ninguém; se mandam, é para ostentarem um orgulho insofrido; se repreendem é antes para scandalizarem que para corrigirem; se conversam, é para assoalharem as vidas alheias!

Entra a sério na tua consciência e vê se te encontras culpado neste ponto. Para se adquirir uma virtude é necessário praticá-la muitas vezes. A criancinha que vai para a escola tem de repetir muitas vezes as mesmas palavras e escrever as mesmas letras, antes que se habitua a ler e escrever com facilidade e até com gosto. Assim há-de fazer o cristão na escola da paciência: há-de aproveitar de boa vontade as ocasiões que Deus lhe oferece para se enriquecer de merecimentos. *Com effeito é-vos necessária a paciência para que, fazendo a vontade de Deus, alcanceis o prometido* (S. Paulo, aos Heb. 10, 36).

## CAPÍTULO XX

Da confissão e reconhecimento da própria fraqueza e das misérias desta vida

1 — D. *Confessarei contra mim a minha injustiça* (Ps. 31, 5); confessar-vos-ei, Senhor, a minha fraqueza.

Muitas vezes pequena coisa me derriba e entristece.

Proponho que hei-de obrar valorosamente, mas vindo uma pequena tentação sinto grande pena.

As vezes é mui vil a coisa donde me vem tentação grave.

E quando me imagino algum tanto seguro, — por não seguir a tentação, — me acho algumas vezes vencido dum leve sopro.

2 — Vede pois, Senhor, a minha baixeza e a minha fragilidade por todas as partes a vós manifesta.

Tende misericórdia de mim e *lirai-me do atoleiro, para que não fique nele atascado* (Ps. 68, 15) e caído de todo para sempre.

Isto é o que continuamente me atormenta, e diante de vós me confunde; porque sou tão fácil em cair e tão fraco em resistir às paixões!

E posto que de todo elas me não levem ao consentimento, molesta-me e importuna-me muito a sua perseguição, e grandemente me descontenta viver sempre neste combate.

Daqui conheço a minha fraqueza, porque tão abomináveis imaginações mais facilmente me acometem do que se apartam.

3 — O' fortissimo Deus de Israel, zelador das almas fiéis, ponde vossos olhos no trabalho e

aflicção do vosso servo, e assisti-lhe em tudo o que fizer.

Esforçai-me com fortaleza celestial, para que se não possa senhorear de mim o homem velho, nem a miserável carne, que ainda não está de todo sujeita ao espírito: contra ela me será necessário pelejar enquanto estiver nesta miserável vida.

Ai que vida esta, onde nunca faltam tribulações e misérias!

Onde está tudo cheio de laços e inimigos!

Porque em se apartando uma tribulação vem outra; e ainda antes de se acabar o primeiro combate, já sobrevêm outros de todo inesperados.

4 — Como pode ser amada uma vida cheia de tantas amarguras, sujeita a tantas calamidades e misérias?

Como se pode chamar vida o que gera tantas mortes e tão cruéis pestes?

E ainda assim é amada, e muitos a desejam para se deleitarem nela!

Repreendem geralmente os homens este mundo, por ser cheio de enganos e vaidades, e nem contudo isto o largam com facilidade; porque se deixam dominar dos apetites da carne.

Um das coisas nos incitam a amar o mundo; outras a desprezá-lo.

Incitam a amar o mundo a tendência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida; mas as penas e misérias, que a estas coisas se seguem, geram aborrecimento e enfado do mundo.

5 — Mas ai! o deleite desordenado vence a alma mundana, que tem como regalo estar entre espinhos, porque nem viu, nem gostou as suavidades de Deus, nem a interior beleza da virtude.

Porém, aqueles que perfeitamente desprezam

o mundo e procuram viver para Deus em santa observância, e experimentam a docura divina, prometida aos verdadeiros desprezadores, e conhecem com evidência quão gravemente erra o mundo, e de vários modos se engana.

NOTA — Devemos dizer aqui algumas palavras a respeito da *confissão sacramental*, que consiste na acusação sincera e secreta dos próprios pecados, feita a um sacerdote legítimo com o fim de obter a absolvição deles. Quando um pecador se acha manchado de pecados mortais, não lhe basta para conseguir o perdão, que se arrependa no íntimo da sua consciência; é necessário que os confesse no tribunal da penitência.

Assim o preceitou Jesus Cristo, quando conferiu aos apóstolos o poder de perdoarem e reterem os pecados: *recebei o Espírito Santo, aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhe-ão perdoados, e aqueles a quem os retiverdes ser-lhe-ão retidos*. Deus, que é o ofendido, estabeleceu as condições em que havia de perdoar ao pecador; e na verdade essas condições são bem suaves.

Por muitos e grandes que sejam os crimes dum penitente, — se ele se ajoelha aos pés dum sacerdote legítimo, e aí confessa em segredo todos os seus pecados, com sincero arrependimento do passado, propósito firme de não tornar a delinquir no futuro, e de satisfazer a penitência que lhe for imposta — todos os pecados lhe são perdoados. Que grande, que incomparável instituição criou a misericórdia divina, para remediar a fraqueza humana! E apesar de ser tão fácil este remédio, e tão eficaz a sua virtude, há pecadores negligentes que nem ao menos cumprem o preceito da confissão anual! Pertencerás tu a esse número? Não terás conhecimento suficiente do que é e vale a confissão?

Se assim é, desprende-te de teus preconceitos e pede a Deus que te alumie. A confissão é um acto de humildade e por isso naturalmente repugna a um espírito soberbo; procura, pois, a verdade com boa intenção e em breve a encontrarás.

### CAPÍTULO XXI

Como se há-de descansar em Deus  
sobre todos os bens e dons

1 — D. O' alma minha, sobre todas as coisas e em todas as coisas descansarás no Senhor, porque ele é o eterno descanso dos Santos.

O' dulcíssimo e amantíssimo Jesus, dai-me que descanse em vós sobre toda a criatura, sobre toda a saúde e formosura, sobre toda a glória e honra, sobre todo o poder e dignidade; sobre toda a ciência e subtileza, sobre todas as riquezas e artes; sobre toda a alegria e prazer, sobre toda a fama e louvor, sobre toda a suavidade e consolação, sobre toda a esperança e promessa, sobre todo o merecimento e desejo, sobre todos os dons e dádivas, que me podéis dar e infundir; sobre todo o gozo e alegria, que a alma pode receber e sentir; finalmente sobre todos os anjos e arcanjos e todo o exército do Céu, sobre todo o visível e sobre tudo aquilo que vós, meu Deus, não sois.

2 — Porque vós, Senhor, Deus meu, sois bom acima de todas as coisas.

Só vós altíssimo, só vós poderosíssimo, só vós sufficientíssimo e pleníssimo, só vós suavíssimo e consolador, só vós formosíssimo e amantíssimo, só vós nobilíssimo e gloriosíssimo sobre todas as coisas, e em quem todos os bens estão, têm estado e sempre estarão perfeitamente unidos.

E por isso é pouco e não satisfaz tudo aquilo

que fora de vós mesmo me dais ou me revelais ou me pormeteis, enquanto vos não vejo e cabalmente vos não gozo; porque o meu coração verdadeiramente não pode descansar, nem totalmente contentar-se, se não descansa em vós, transcendendo todos os dons e todas as criaturas.

3 — O' Jesus meu, amantíssimo esposo, puríssimo amante, Senhor de todas as criaturas, quem me dera asas de verdadeira liberdade para voar e descansar em vós!

Oh! quando me será concedido ocupar-me totalmente de vós, e ver quão suave sois, Senhor Deus meu?

Quando perfeitamente me recolherei em vós, de sorte que não me sinta a mim por vosso amor, mas só me observe nas delícias suprassensíveis do vosso amor, que nem todos conhecem?

Porém agora continuamente suspiro e levo com sentimento a minha infidelidade; porque neste vale de lágrimas sucedem muitos males, que muitas vezes me perturbam, entristecem e escurecem, e muitas vezes impedem, distraem e enganosamente atraem e embarçam o meu coração, para que não tenha livre entrada convosco, nem goze os vossos doces abraços, que sem impedimento gozam sempre os espíritos bem-aventurados.

Movam-vos os meus suspiros e a grande desolação que há na terra.

4 — O' Jesus, esplendor da eterna glória, consolador da alma peregrina, diante de vós está a minha boca emudecida e o meu silêncio vos fala; até quando tardará em vir o meu Senhor?

Venha até mim, — seu servo pobre e apoucado — e encha-me de alegria; estenda a sua mão e livre este miserável de todo o apuro.

Vinde, vinde, porque sem vós nenhum dia ou

hora será alegre, pois vós sois a minha alegria, e sem vós está vazia a minha mesa.

Miserável sou, e como carregado de grilhões até que me recreeis com a luz da vossa presença, e me deis a liberdade, e mostreis favorável e benigna a vossa face.

5 — Busquem outros o que quiserem, que a mim nenhuma coisa me agradará, senão vós, Deus meu, minha esperança e salvação eterna.

Não me calarei, nem cessarei de orar até que se me restitua a vossa graça, até que me faleis vós em meu interior, dizendo: *aqui estou* (Is. 58, 9), aqui venho, pois me chamastes; as vossas lágrimas e o desejo da vossa alma, a vossa humildade e a contrição do vosso coração me inclinaram e trouxeram a vós.

6 — D. E eu disse: Senhor, eu vos chamei e desejei gozar-vos, disposto estou a desprezar tudo por vosso amor.

Pois vós primiciro me incitastes, para que vos buscasse; sede bendito, Senhor, pois que fizestes este tão soberano benefício a vosso servo, segundo a multidão das vossas misericórdias.

Que tem pois que fazer, Senhor, o vosso servo diante de vós, senão humilhar-se muito na vossa presença, lembrado sempre da sua própria vileza e humildade?

Pois não há coisa semelhante a vós, em todas as maravilhas do Céu e da terra.

Vossas obras são perfeitíssimas, vossos juízos verdadeiros, e todas as coisas se governam com a vossa providência.

Dê-se pois todo o louvor e glória a vós, ó Sabedoria do Pai; louvem-vos e engrandecam-vos a minha boca e a minha alma, e juntamente vos louvem e bendigam todas as criaturas,

NOTA — Tudo nesta vida mortal é inconstante e falível; não podemos encontrar um só ponto de apoio, em que nos seja lícito descansar tranquilos.

Confias acaso no vigor da tua saúde? Está sujeita a mil accidentes, e bem pode ser que em breve percas não só a saúde, mas até a própria vida. Gozas de muitas honras e riquezas? Nada disso podes levar contigo para a outra vida, e nem mesmo nesta gozarás quanto desejas. Esperas muito dos teus amigos? Um bom amigo é tesouro muito difficil de encontrar, e facilmo de perder. Muitos, que se dizem teus amigos e te adulam na presença, murmuram de ti às occultas; não são teus amigos, são antes amigos do que é teu.

De mais, nenhum amigo podes encontrar entre os mortaes, que te dê a felicidade; porque ninguém pode dar o que não possui.

Forçoso é, pois, que busques no Céu o que a terra não pode conceder-te. Em Deus e só em Deus está a felicidade que procuras. Só Deus é o apoio segurissimo contra todos os embates. Queres um exemplo? Vê a casta Susana; era casada com um homem muito rico, mas ella não confiava nas riquezas; era dotada de singular belleza; mas não se envaidecia com a sua formosura.

Acima de todas as coisas terrenas, via o Senhor a quem amava, e por isso o Senhor a salvou. Ameaçada de morte por dois infames, que a sollicitavam para o peccado, Susana exclama sem hesitação: *vale mais ser vítima innocente das vossas calúnias do que pecar na presença do Senhor* (Daniel, 13).

Antes morrer que pecar: eis a linguagem que um cristão deve empregar no meio das tentações. Deus não abandona os servos fiéis, e faz muitas vezes brilhar a justiça na mesma hora em que a iniquidade já celebrava os seus triumphos. Quando

Susana já era conduzida para o suplicio, mandou Deus a Daniel que corresse em auxilio dela, e pusesse a descoberto o falso testemunho por dissolutos acusadores.

## CAPÍTULO XXII

### Da lembrança dos innumeráveis benefícios de Deus.

1 — D. Abri, Senhor, o meu coração à vossa lei, e ensinai-me a andar nos vossos mandamentos.

Dai-me que entenda a vossa vontade, e com grande reverência e diligente consideração me lembre dos vossos benefícios, assim gerais como particulares, para que daqui em diante vos possa dignamente dar graças por eles.

Bem conheço e confesso que vos não posso dar os devidos louvores e agradecimentos, nem pelo menor dos vossos benefícios; eu sou menor que todos os bens que me destes; e quando considero a vossa majestade abate-se em presença dela o meu espirito.

2 — Tudo o que temos na alma e no corpo, e tudo o que possuímos no exterior ou no interior, natural ou sobrenaturalmente, tudo é beneficio vosso e a vós engrandece, como benfeitor piedoso e benévolo, de quem recebemos todos os bens.

E ainda que um receba mais e outro menos, tudo é vosso, e sem vós não se pode alcançar a menor coisa.

Aquele que recebe mais, não pode gloriar-se do seu merecimento, nem antepor-se aos outros nem desprezar o menor; porque só é maior e melhor o que menos atribui a si, e é mais humilde e devoto em vos ser agradecido,

E o que se tem por mais vil, e se julga por mais indigno de todos, está melhor disposto para receber maiores dons.

3 — Porém o que recebe menos graças não se deve entristecer, nem indignar, ou ter inveja ao que possui mais; antes deve louvar e engrandecer, muito a vossa bondade, que tão copiosa e liberalmente, e de tão boa vontade dispensa dádivas sem aceitação de pessoas.

Todas as coisas de vós procedem, e por isso em todas deveis ser louvado.

Vós sabeis o que convém dar-se a cada um: e não nos perience discernir, porque tem este menos e aquele mais; mas só a vós toca conhecer determinadamente o merecimento de cada um.

4 — Por isso, Senhor Deus meu, tenho por grande beneficio não ter muitas coisas de que exteriormente e da parte dos homens me resulte louvor e glória.

E assim, considerando cada um a pobreza e vileza da sua pessoa, não terá por isso desgosto, tristeza ou desalento, mas grande alegria e consolação: porque vós, meu Deus, elegestes por particulares amigos e domésticos, os pobres humildes e desprezados deste mundo.

Testemunhas são desta verdade os vossos mesmos Apóstolos, *que fizestes principes por toda a terra.*

Eles viveram no mundo tão sem queixa, tão humildes e singelos, tão sem malícia e engano, *que gozavam em sofrer injúrias pelo vosso nome* (Ps. 144, 17), e abraçavam com grande affecto tudo aquilo que o mundo aborrece.

5 — Nenhuma coisa deve pois alegrar tanto a quem vos ama e conhece vossos benefícios, como o fazer-se nele a vossa vontade e o beneplácito da vossa terna disposição.

Deve contentar-se e consolar-se de ser voluntariamente o menor, como outro desejaria ser o maior, e tão pacífico e contente deve estar no último como no primeiro lugar: de tão boa vontade deve consentir ser desprezado e abatido, e não ter nome nem fama, como se fosse o mais honrado e o maior do mundo.

Porque a vossa vontade e o amor da vossa honra deve ser o anteposto a todas as coisas e deve consolar e agradar mais ao vosso servo, que todos os benefícios que recebeu ou pode receber.

NOTA — Na consideração dos benefícios, que recebes de Deus, debes atender: 1.º — ao número e grandeza desses benefícios; 2.º — ao amor infinito do supremo Senhor que tos dispensa, apesar de tu não os mereceres.

Se a tua vida durasse mil anos e a gastasses em agradecer a Deus um só benefício, ainda assim o teu agradecimento não seria digno da majestade de Deus. Como poderás, pois, agradecer dignamente todos os dons da natureza e da graça, com que o Senhor te enriquece a cada momento cá na terra, para um dia te coroar com os da glória no Céu? Podes contar os anos e os dias da tua vida, não podes porém contar o número, nem medir a grandeza dos benefícios, que Deus te concede numa só hora.

Estás como que rodeado duma infinidade de criaturas visíveis e invisíveis, que, por ordem de Deus, trabalham para ti.

Mas como tens tu até aqui usado dos benefícios de Deus? Terrível pergunta esta para a tua consciência! Mesmo aos olhos dos homens do mundo, parece de todo o ponto repreensível que se aproveitem os benefícios e se esqueça o benfeitor: que

crime será pois na balança da divina justiça desaproveitares, inutilizares os benefícios que Deus te concede para bom fim? Lembra-te que és depositário e não senhor absoluto dos bens que recebes: dia virá em que Deus te exija rigorosa conta de todos os talentos que te entregou.

Se muito recebemos, muito temos que agradecer! depois de admirarmos os dons recebidos, justo é que beijemos, com profundo reconhecimento, a mão benfazeja que no-los prodigalizou. Pela consideração dos benefícios, devemos subir até ao trono do sumo Benfeitor, para lhe oferecermos a homenagem dum coração puro e humilhado. Quem não é humilde também não pode ser verdadeiramente agradecido. Humilha-te pois na presença do teu Criador e Redentor, pede-lhe perdão das ingratidões passadas e dispõe-te a começar uma vida nova.

### CAPÍTULO XXIII

Das quatro coisas que trazem consigo grande paz

1 — M. Filho, eu te ensinarei agora o caminho da paz e da verdadeira liberdade.

2 — D. Fazei, Senhor, o que dizeis, que isso desejo eu saber.

3 — M. Filho, trata antes de fazer a vontade alheia que a própria.

Escolhe sempre ter antes menos do que mais. Busca sempre o lugar mais humilde, e estar sujeito a todos.

Deseja sempre e pede a Deus que se cumpra inteiramente em ti a sua santa vontade.

Um tal homem entra nos domínios da paz e do descanso.

4 — D. Senhor, apesar de breve, essa vossa prática contém em si muita perfeição; é breve

nas palavras, mas cheia de sentido e abundante de frutos.

Se eu a pudesse fielmente guardar, não me perturbaria com tanta facilidade; porque todas as vezes que me sinto desassossegado e inquieto, logo acho que me desviei desta doutrina.

Vós, Senhor, que podeis todas as coisas, e sempre desejais o maior bem das almas, acrescentai em mim maior graça, para que possa guardar a vossa doutrina e fazer o que importa para a minha salvação.

#### ORAÇÃO CONTRA OS MAUS PENSAMENTOS

5 — D. *Senhor, Deus meu, não vos aparteis de mim; Deus meu, não vos desculdeis de me socorrer* (Ps. 70, 12), porque se têm levantado contra mim vários pensamentos, e grandes temores afligem a minha alma.

Como escaparei sem dano?

Como os atropelarei?

6 — M. *Eu irei diante de ti e humilharei os soberbos da terra* (Isaias, 14), abrirei as portas do cárcere e revelar-te-ei os segredos das coisas ocultas.

7 — D. Fazei, Senhor, como dizeis, e fugam da vossa presença todos os maus pensamentos.

Esta é a minha esperança, e a minha única consolação consiste em recorrer a vós em todos os meus apertos; confiar em vós e chamar-vos do íntimo do meu coração, e esperar com paciência a vossa consolação.

#### ORAÇÃO EM QUE SE PEDE AO SENHOR QUE ALUMIE O NOSSO ENTENDIMENTO

8 — *Alumia-me, ó bom Jesus, com a claridade da vossa luz interior, e lançaí fora do meu coração todas as trevas.*

Refreai as muitas distrações e abatei as tentações, que me fazem violência.

Pelejai valorosamente por mim e afugentai as más feras, isto é, os apetites sedutores, *para que se faça paz por vossa virtude*, e ressoe a harmonia do vosso louvor no palácio santo da consciência pura.

Mandai aos ventos e às tempestades, e dizei ao mar, que sossegue a sua ira, e ao vento que não sopra, e haverá grande bonança.

9 — *Mandai a vossa luz e a vossa verdade* (Ps. 42), para que resplandeçam sobre a terra; porque sou terra vã e vazia, enquanto não me alumiais.

Derramai lá de cima a vossa graça, e banhai o meu coração com o orvalho do Céu.

Dai águas de devoção com que regue a superfície da terra, para que produza fruto bom e perfeito.

Levantai a minha alma oprimida com o peso dos meus pecados, e ocupai meu desejo com as coisas do Céu, para que, gostando a doçura da soberana felicidade, me envergonhe de cuidar das coisas da terra.

10 — Tirai-me com violência, e apartai-me, Senhor, de toda a transitória consolação das criaturas; porque nenhuma coisa criada pode sossegar, nem consolar cabalmente o meu desejo.

Uni-me convosco por um vínculo inseparável do amor; porque vós só bastais para quem vos ama, e sem vós todas as coisas são frívolas e insuficientes.

NOTA — Quando um coração anda separado de Deus, e flutua por entre as criaturas, apegando-se ora a uma, ora a outra, naturalmente se sente inquieto por não encontrar a felicidade que procurava. Neste estado não pode haver paz.

Ao contrário porém a alma fiel que, em tudo e sempre, procura cumprir a vontade de Deus, encontra a paz mesmo no meio das maiores agitações. As dores do corpo e as angústias do espírito, que para os ímpios são um inferno antecipado, para os santos tornam-se em fontes de merecimentos.

Grande aflição causam a muitas pessoas devotas os maus pensamentos, e por isso é necessário assentar a tal respeito a verdadeira doutrina. Primeiro que tudo, convém notar que onde não há vontade não há pecado: ninguém peca senão quando quer pecar. Com razão pois dizia S. Bernardo: *não faz mal o sentimento, quando não há o consentimento*. Por muito violenta que seja a rebelião da carne contra o espírito, enquanto a vontade resistir não haverá pecado, antes haverá merecimento. O consentimento da vontade pode ser: ou deleitando-se na recordação dum pecado passado, ou desejando um mal futuro, ou saboreando presentemente qualquer imagem desonesta, quer esta seja real, quer fantástica.

Quem não quer cometer um pecado, mas se deleita a pensar nele, como se realmente o cometera, peca por essa complacência voluntária. Quem quer cometer um pecado, mas não chega a pô-lo por obra, já está em pecado e deve até explicar na confissão o objecto do seu desejo pecaminoso: se por exemplo, desejou pecar com uma pessoa casada, cometeu dois pecados num só desejo.

Não é lícito desejar-se o que não é lícito praticar-se. Se uma pessoa é de consciência timorata e está na dúvida de ter ou não consentido em maus pensamentos, deve supor-se que não consentiu. Para combater os maus pensamentos deve fazer-se oração fervorosa, guardar os sentidos e praticar a mortificação,

## CAPÍTULO XXIV

Como se há-de evitar a curiosidade de saber as vidas alheias

1 — M. Filho, não queiras ser curioso nem tenhas cuidados importunos.

Que te vai nisto ou naquilo?

*Segue-me* (João, 21, 22).

Que te importa a ti que aquele seja tal, ou que este obre ou fale deste ou daquele modo?

A ti não te toca responder pelos outros, mas só de ti hás-de dar conta; para que te embaraças?

Eu sou o que conheço a todos, e vejo tudo o que se faz debaixo do sol, e sei como cada um se comporta, o que cuida, o que deseja e a que fim se encaminha toda a sua intenção: por isso a mim só se hão-de encomendar todas as coisas.

Conserva-te em boa paz e deixa aos que obram, que façam quanto quiserem; sobre eles virá tudo o que disserem ou fizerem, porque não me podem enganar.

2 — Não te dê cuidado o ter grande nome, nem a familiaridade de muitos, nem o amor particular dos homens; que tudo isto gera distraimento no espírito e grandes escuridades no coração.

De boa vontade te falaria as minhas palavras, e revelaria os meus segredos, se com cuidado esperasses a minha vinda, e me abrisses a porta do teu coração.

Sê diligente, vigia na oração, e humilha-te em todas as coisas.

NOTA — Manda a verdadeira prudência que a cada negócio se consagre um cuidado proporcionado à sua importância: guarda-se com mais solicitude um rico tesouro que uma pequena moeda.

Entre todos os negócios, há um de suprema

importância, que demanda da nossa parte o maior cuidado, — é a arte de viver segundo a lei de Deus. Se não somos superiores, não nos pertence saber das vidas alheias, mas somos obrigados a saber da nossa.

Sentimo-nos contudo mais inclinados a inquirir dos defeitos do próximo, que a entrar nos recintos da nossa própria consciência, para reconhecermos as faltas em que todos os dias caímos. Onde estará a verdadeira razão disto? No nosso amor próprio, que não nos deixa ver o que realmente somos. Queremos saber de tudo e de todos, só do que mais nos interessa não queremos saber. Que grande miséria.

Deus conhece com toda a exactidão as obras e as intenções de cada pessoa, é infalível nos seus juízos e podia fazer cair o castigo sobre os delinquentes no mesmo instante, em que eles o ofendem; e apesar disso espera-lhes para que se arrependam. Nós, ao contrário, somos ignorantes e parciais, julgamos das coisas exteriores, conforme as nossas inclinações, e preconceitos, necessitamos de muita misericórdia para os nossos pecados, estamos obrigados a amar os nossos irmãos como a nós mesmos, e contudo ousamos usurpar os direitos de Deus!

Olha pois para a tua consciência e vê como vives. Bom é que trabalhes em reformar os outros pelos meios que a caridade ensina; mas em primeiro lugar deves cuidar de ti. *Quem és tu que ensinas os outros e a ti próprio te não ensinas?* (Rom. 2, 21).

Quem nunca se exercitou em corrigir os defeitos próprios, não pode ser indulgente com os alheios.

Como queres ensinar ao próximo a virtude, se tu mesmo a não praticas? A curiosidade nasce connosco, não nos custa sacrificios; a virtude porém exige trabalho e perseverança.

## CAPÍTULO XXV

Em que consiste a paz firme do coração e o verdadeiro aproveitamento

1 — M. Filho, eu disse a meus discípulos: *deixo-vos a minha paz; dou-vos a minha paz; não como o mundo vo-la dá* (João, 14, 27).

Todos desejam a paz, mas nem todos procuram as coisas que pertencem à verdadeira paz.

A minha paz está com os humildes e mansos do coração.

A tua paz será na muita paciência.

Se me ouvires e seguires a minha voz, poderás gozar de muita paz.

2 — D. Pois que farei, Senhor?

3 — M. Em todas as coisas atende a ti, vê bem o que fazes e o que dizes, e dirige toda a tua intenção só a agradecer-me, e não desejes nem busques coisa alguma fora de mim.

Não julgues temerariamente nem das palavras, nem das obras dos outros; nem te embaraces com coisas que te não encomendaram; e deste modo poderá ser que poucas ou raras vezes te perturbes.

4 — Porém não sentir jamais nenhuma turbacão, nem padecer nenhuma moléstia do coração ou do corpo, não é da vida presente, mas do estado da bem-aventurança.

Por isso não cuides que tens achado a verdadeira paz, se não sentires nenhuma tribulação; nem que está tudo bem, se não tiveres nenhum adversário, nem imagines que a tua perfeição consiste em succeder tudo à medida do teu desejo.

Não cuides que estás muito aproveitado, ou que és singularmente amado de Deus, se estiveres com grande devoção e doçura; porque nestas coisas não se conhece o verdadeiro amante da virtude, nem

consiste nelas o verdadeiro aproveitamento e perfeição do homem espiritual.

5—D. Pois em que consiste, Senhor?

6—M. Em te ofereceres de todo o teu coração à vontade divina, não buscando o teu próprio interesse, nem no pouco, nem no muito; nem no temporal, nem no eterno; de maneira que com igualdade de ânimo dêes graças a Deus nas coisas prósperas como nas adversas, pesando em igual balança todas as coisas.

Se fores tão forte, e tão magnânimo na esperança, que faltando-te a consolação interior, disponhas o teu coração para sofrer coisas maiores, sem te justificares, como se não deveras padecer tanto, mas antes me justificares, a mim, e me louvares por santo em todas as minhas disposições — então andarás no verdadeiro e recto caminho da paz, e poderás ter certíssima esperança de ver a minha face em grande júbilo.

E se chegares a desprezar-te de todo, sabe que gozarás então da abundância da paz, que nesta peregrinação se pode gozar.

NOTA — A paz do coração e a liberdade do coração andam intimamente ligadas: se o coração é livre goza da paz; se cai na escravidão logo perde a paz. O coração do avarento não tem paz porque é um coração escravizado pelo amor da riqueza. O coração do orgulhoso não se aquieta, porque é um coração apaixonado pela estima própria.

O coração do licencioso não descansa, porque é um coração acobardado pelo peso da matéria. A verdadeira grandeza do homem está em saber conservar a liberdade do seu coração, segundo as leis da razão e da fé: *existe muita paz, Senhor, para os que amam a vossa lei.* A escravidão respira ódio, a paz exala amor.

A verdadeira paz sabe manter-se inalterável, mesmo no meio das guerras do mundo. Estavam os apóstolos fechados no Cenáculo com medo dos Judeus; era tempo de cruenta guerra, e contudo Jesus Cristo penetra ali e saída-os, dizendo-lhes: *a paz seja convosco.* Sim, a paz está com os discípulos fiéis de Jesus Cristo, ainda mesmo quando o mundo conspira contra eles, e procura cobri-los de ignomínia.

A paz é incompatível com a escravidão, mas não o é com o sofrimento. Jesus Cristo, que se nos apresenta como autor da paz, é também o mártir do Gólgota; associa a paz mais consoladora com o sofrimento mais atroz. O mundo procede às avessas: faz consistir a paz na satisfação dos apetites e desejos desordenados. Dominado pela inveja, Caim procurou a paz, matando seu irmão Abel; vencido pela avareza, Judas busca a paz traíndo o seu Mestre. Ambos desejavam a paz e ambos se precipitaram na desgraça.

Que deverás, pois, fazer à vista destes exemplos, que a Sagrada Escritura te põe diante dos olhos? Vigia atentamente pelos movimentos do teu coração, e dirige-os todos para o seu verdadeiro centro.

## CAPÍTULO XXVI

Da excelência da liberdade da alma, à qual se chega antes pela oração humilde que pela leitura

1—D. Senhor, é obra de varão perfeito nunca afrouxar o ânimo na contemplação das coisas do Céu, e passar quase sem cuidado entre os muitos cuidados, não como alguns passam por sua frouxidão, mas por virtude de uma alma livre, que a nenhuma coisa se afeiçoa com amor desordenado.

2—Peco-vos, piedosíssimo Deus meu, que me livres dos cuidados desta vida, para que me não

embarace demasiadamente neles; das muitas necessidades do corpo, para que não seja cativo do deleite; e de todos os impedimentos da alma, para que não decaia oprimido com tantos enfados.

Não digo, Senhor, que me livreis só das coisas que o mundo ou a mundana vaidade procura com tanto affecto, mas das misérias que penosamente oprimem a alma do vosso servo, por causa da maldição comum dos homens, e a detem para que não possa entrar na liberdade de espirito quantas vezes quiser.

3 — O' Deus meu, doçura inefável, convertei-me em amargura toda a consolação carnal, que me aparta do amor das coisas eternas, e me leva torpemente com a aparência dum bem presente deleitável.

Não me vença, Deus meu, não me vença a carne e o sangue; não me engane o mundo e sua breve glória; não me derribe o demónio e a sua astúcia.

Dai-me fortaleza para resistir, paciência para sofrer, constância para perseverar.

Dai-me em lugar de todas as consolações do mundo, a suavíssima unção do vosso espirito e em lugar de amor sensual, infundi-me o amor do vosso nome e glória.

4 — Pesada coisa é ao espirito fervoroso o comer, beber, vestir e as demais coisas que pertencem ao sustento do corpo; dai-me que use com moderação destas comodidades, e que não me embarace nelas com demasiado affecto.

Não é bom que deixemos tudo; há-de sustentar-se a natureza, mas buscar as coisas supérfluas e as mais deliciosas proíbe-o a santa lei; porque doutro modo far-se-ia a carne insolente contra o espirito.

Peço-vos, Senhor, que me governe e dirija a

vossa mão nestas coisas, para que nelas guarde moderação e não pratique nenhum excesso.

NOTA — Estamos obrigados por preceito divino a fazer oração, e esse preceito, no dizer dos teólogos, obriga *sob gravi* em três casos: 1.º — em estado de pecado mortal; 2.º — em tentação grave; 3.º — em perigo de morte, e além disto algumas vezes na vida. Há graças que Deus concede, mesmo a quem não as pede, como são os primeiros chamamentos à fé, e os primeiros toques para a penitência; há outras que só pela oração se alcançam, como a perseverança final. Não basta porém orar, é necessário que oremos bem: *sabe viver bem quem sabe orar bem*, diz S. Agostinho.

E para bem orar exige-se humildade, confiança e perseverança. *Deus resiste aos soberbos e concede a sua graça aos humildes* (S. Tiago). Quem ora deve estar compenetrado da sua própria baixeza, e da infinita majestade do Senhor, a quem supplica.

Quanto mais profunda for a convicção do nosso nada, tanto mais eficaz será a nossa oração. A oração sublime, em que Jesus Cristo nos ensinou a chamar a Deus pelo doce nome de pai, deve ser para nós um motivo de confiança filial: se Deus é nosso pai e o melhor de todos os pais, aproximemo-nos dele como filhos; subordinemos tudo à sua divina vontade. Quando pedirmos, nas devidas condições, coisas úteis para a nossa salvação, podemos estar certos de ser ouvidos; porque Deus não falta às suas promessas: *pedi e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrir-se-vos-á*.

A perseverança final, na graça de Deus, é um dom gratuito; contudo, S. Agostinho diz que ele

pode atrair-se pela oração. Bem fôra que a todos os momentos pudéssemos orar, mas já que a nossa fraqueza o não permite assim, ao menos consagramos todos os dias algum tempo à oração. Muitas horas trabalhamos cada dia para o corpo, justo é que também dispensemos à alma o devido alimento. São de todos os dias as nossas misérias, sejam de todos os dias as nossas súplicas ao Pai das misericórdias.

## CAPÍTULO XXVII

O maior obstáculo à posse do sumo bem  
é o amor próprio

1 — M. Filho, importa que dês tudo por tudo e que não tenhas de ti mesmo coisa alguma.

Sabe que o teu amor próprio te prejudica mais que qualquer coisa do mundo.

Segundo o amor e afeição que tiveres, assim te prenderão as coisas mais ou menos.

Se o teu amor for puro, simples e bem ordenado, nenhuma coisa cativará a tua liberdade.

Não cubices o que te não é lícito ter; nem tenhas o que te pode impedir e privar da liberdade interior.

Maravilha é que te não encomendes a mim do profundo do teu coração, com tudo o que podes ter ou desejar.

2 — Porque te consomes com vã tristeza?

Porque te cansas com cuidados supérfluos?

Conforma-te com a minha vontade e não sentiras dano algum.

Se buscares isto ou aquilo, e se quiseres estar aqui ou ali, por teu proveito e própria vontade, jamais terás descanso, nem estarás livre de cuidados, porque em todas as coisas se acha alguma falta, e em todo o lugar há quem contrarie.

3 — Por isso não aproveita o que se alcança ou multiplica exteriormente, mas o que se despreza e corta do coração pela raiz.

E não deves entender isto só das propriedades e riquezas; mas também da ambição da honra e do desejo do vão louvor; porque tudo passa com este mundo.

Pouco defende o lugar, se falta o fervor do espírito; nem durará muito tempo aquela paz buscada de fora, se carece do verdadeiro fundamento o estado do teu coração, isto é, se não estiveres em mim; porque chegada a ocasião, e não a evitando, acharás o mesmo de que fugias e ainda pior.

ORAÇÃO PARA PEDIR A LIMPEZA DO CORAÇÃO  
E A SABEDORIA CELESTIAL

4 — D. Confirmai-me, Deus meu, com a graça do Espírito Santo.

Dai-me que pratique a virtude de homem interior, e se desocupe o meu coração de todo o cuidado inútil e de toda a ansiedade, e que me não levem atrás de si os vários desejos das coisas terrenas, ou sejam vis ou preciosas, mas que as considere todas como transitórias, e me lembre que eu juntamente passo com elas, porque não há coisa que permaneça debaixo do sol, onde tudo é vaidade e aflicção de espírito (Eccl. 1, 14).

Oh! que sábio é quem assim o considera!

5 — Dai-me, Senhor, a sabedoria celestial, para que aprenda a buscar-vos e achar-vos sobre todas as coisas; a gostar-vos e amar-vos sobre tudo, e a entender tudo o mais como é segundo a ordem da vossa sabedoria.

Concedei-me que me desvie com prudência do que me lisonjeia, e sofra com paciência quem me contraria, porque é grande sabedoria não se mo-

ver com qualquer vento de palavras, nem dar ouvidos à sereia que danosamente encanta; porque deste modo se prossegue com segurança no caminho começado.

NOTA — Quem só se preocupa com as coisas exteriores, não pode ter consciência clara do que se passa no seu coração. A medida que se aprecia a vida dos sentidos, vai-se esquecendo a pureza da alma. Vive-se à ventura, como se fôra indiferente viver bem ou mal.

No estudo das ciências procede-se com método, no exercício das artes tudo se faz com peso e medida; do que respeita porém à honestidade dos costumes, pouco ou nada se cuida. Cansam-se os médicos a estudar as enfermidades do corpo, investigam as suas causas, observam os seus sintomas e aplicam depois, em doses calculadas, os remédios adequados. Porque é que as enfermidades do coração se não tratam com igual ou superior solicitude? O amor próprio é uma enfermidade duplamente perigosa, pelos bens de que nos pode privar e pelos males que nos pode trazer; necessário é por isso que a estudemos e meditemos.

Esta enfermidade nasce connosco e só connosco morre. Que remédios havemos de opor-lhe? O primeiro de todos é a oração fervorosa: o amor próprio é cego, e tende a afastar-nos de Deus, a oração obtém-nos a graça divina, que alumia e fortifica a alma; tende a unir-nos mais e mais com Deus.

O amor próprio é irreflectido e precipitado, arrasta-nos para fora de nós mesmos, procura fascinar-nos com as seduções do mundo exterior; por isso devemos contrapor-lhe o exame de consciência e a meditação das verdades eternas.

Como poderemos triunfar das ciladas deste ini-

migo sem uma vigilância continua? Se soubéssemos que dentro da nossa casa estava escondido um inimigo astuto, que aguardava a ocasião propícia para nos assaltar, sem dúvida tomaríamos as precauções contra ele; pois este inimigo não só está dentro da nossa casa, mas dentro do nosso coração, e o fim que se propõe é separar-nos para sempre do sumo bem. Eis a razão por que necessitamos de estar sempre apercebidos contra ele.

## CAPÍTULO XXVIII

### Contra a lingua dos murmuradores

1 — M. Filho, não te inquietes se alguns tiverem má opinião de ti, e disserem o que não querias ouvir.

Tu deves sentir de ti piores coisas, e avaliar-te pelo mais fraco de todos.

Se andares dentro de ti, não farás caso das palavras que voam.

Não é pequena prudência calares-te no tempo da tribulação, e converteres-te a mim no interior, e não te perturbares com o que julgam os homens.

2 — Não esteja a tua paz na boca dos homens; porque ou interpretem as coisas em bem ou em mal, nem por isso serás diferente do que eras.

Onde está a verdadeira paz e a verdadeira glória?

Porventura não está em mim?

Só quem não desceja agradar aos homens, nem teme desagradar-lhes, gozará de muita paz. Todo o desassossego do coração, e toda a distracção dos sentidos nasce do amor desordenado e do vão temor.

NOTA — Em três espécies de bens podemos ser lesados neste mundo: na nossa própria pessoa, na nossa propriedade e na nossa fama. Todos estes bens nos devem merecer estima, mas nenhum deles nos deve causar inquietação; se for necessário sacrificar por amor de Deus a vida do corpo, os bens terrenos e o bom nome, devemos seguir avante sem a menor hesitação.

Em primeiro lugar e acima de tudo, está o cumprimento da lei de Deus: antes morrer do que pecar. Jamais devemos perder de vista que uma vida, para ser santa, é necessário que seja bem regulada. Praticar o bem com ostentação vaidosa é um mal; deixar de praticar o bem por causa de respeitos humanos é também um mal. Quem toma como regra das suas acções a opinião apaixonada dos homens está fora do caminho da virtude.

O mundo é um louco, se te regulas pelo seu juízo, ainda te mostras mais louco. Se estiveres na amizade de Deus, ainda que tenhas contra ti a inimizade de todo o mundo, serás feliz; mas, se ao contrário perderes a amizade de Deus, serás um desgraçado, embora tenhas por ti o favor do mundo inteiro. Um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo deve dizer com S. Paulo; *nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados . . . nem criatura alguma poderá separar-me do amor de Deus.*

Amas deveras a Deus? Muito bem, nesse caso deves preferir Deus a tudo. No momento em que preferires alguma coisa a Deus, deixarás de amar o mesmo Deus. Nem com os elogios deves exaltar-te, nem com as censuras abater-te, visto que o teu destino só do juízo de Deus está dependente. Uma só regra deves ter presente quando praticares qualquer acção: obra sempre como se Deus fôra a única testemunha das tuas acções.

## CAPÍTULO XXIX

Do modo como havemos de invocar e louvar a Deus no tempo da tribulação

1 — D. Senhor, *benedito seja por todo o sempre o vosso nome* (Tob. 3, 36), pois quisestes que viesse sobre mim esta tentação e trabalho.

Eu não lhe posso fugir; mas é-me necessário recorrer a vós, para que me ajudeis e convertais tudo em bem.

Senhor, estou agora atribulado e não há paz no meu coração, antes me atormenta a paixão presente.

E que direi eu agora, Pai amantíssimo?

Apertado estou entre angústias; *salvai-me nesta hora* (João, 12, 27); *cheguel a este aperto* para que vós sejais glorificado, quando eu estiver humilhado e for por vós livre.

*Praza à vossa divina Majestade livrar-me* (Ps. 39, 14), porque eu pobre que posso fazer, e onde irrei sem vós?

Dai-me, Senhor, paciência sequer por esta vez. Ajudai-me, Deus meu, e não temerei, por mais atribulado que esteja.

2 — E agora entre todas estas angústias que direi?

Senhor, *faça-se a vossa vontade* (Mat. 5, 10). Eu bem mereço ser atribulado e angustiado; convém-me sofrer, e praza à vossa bondade que seja com paciência, até que passe a tempestade e haja bonança.

Pois poderosa é a vossa mão para me tirar esta tribulação e angústia, e para abrandar o meu impeto, para que de todo não caia; assim o tendes feito comigo por muitas vezes, Deus meu, misericórdia minha.

E quanto mais difícil é para mim, tanto mais

fácil é para vós esta mudança da dextra do Altíssimo (Ps. 76).

NOTA — No tempo da tribulação devemos invocar a Deus com a linguagem que Ele nos ensinou. O tempo da tribulação é um tempo mais solene, em que a nossa alma pode enriquecer-se de maiores graças: justo é pois que a nossa oração revista também uma forma escolhida. Que linguagem mais própria de um cristão do que a de Jesus Cristo?

Tendo instituído o Santíssimo Sacramento e dado depois uma lição de humildade aos seus discípulos, lavando-lhes os pés, encaminhou-se Jesus para o Jardim das Oliveiras, e aí abandonando a sua sacratíssima humanidade a uma suprema angústia, começou a orar com o rosto em terra: *Pai, se quereis, afaste-se de mim este cálix; mas faça-se antes a vossa vontade que a minha* (S. Lucas, 22, 42). Eis a oração que deves praticar no meio das enfermidades do corpo e aflições do espírito.

Não nos é vedado desafogar os sentimentos do coração, e pedir com profunda humildade o alívio de que necessitamos; mas acima de tudo, devemos submeter-nos por completo à vontade de Deus. A nossa vontade engana-se muitas vezes no que procura, Deus não pode errar naquilo que nos concede.

Muito vale a tribulação, quando lhe anda unida a oração. Se sofres muito o também muito.

E' tão doce para um filho enfermo reclinar a cabeça no seio de seu pai! A oração de Jesus fez baixar um anjo do Céu: *apareceu-lhe um anjo do Céu a confortá-lo*. Não necessitava o Senhor de ser confortado, quis, porém mostrar-nos quanto são atendidas no Céu as súplicas, que os atribulados elevam da terra.

## CAPÍTULO XXX

Como se há-de pedir o socorro divino,  
e da confiança em recuperar a graça

1 — M. Filho, *eu sou o Senhor que conforta no tempo da tribulação* (Nahum, 1, 7).

Vem a mim quando te não achares bem.

O que mais te impede a consolação celestial é recorrer tarde à oração.

Porque primeiro que com atenção me rogues, buscas muitas consolações, e te recreias com coisas exteriores.

E daqui vem que tudo te aproveita pouco, até que advirtas que sou eu que salvo os que em mim esperam, e que fora de mim não há auxílio poderoso, nem conselho útil, nem remédio durável.

Mas tomando novo espírito depois da tempestade, recuperas força e animas-te com a luz das minhas misericórdias; porque perto estou, diz o Senhor, para restaurar todas as coisas não só com inteireza, mas com abundância e plenitude.

2 — *Porventura há para mim alguma coisa dificultosa?*

Pensas tu que serei semelhante a quem diz e não faz?

Onde está a tua fé?

Tem firmeza e perseverança; sê homem de grande ânimo e valor, e eu te darei a consolação a seu tempo.

Espera por mim, espera e eu virei e te curarei.

Tentação é o que te atormenta, temor vão é o que te atemoriza.

Que te importa o cuidado de saber os futuros sucessos — que podem vir ou não vir — senão para que tenhas tristeza sobre tristeza?

*Basta a cada dia a sua malícia* (Mat. 6, 34).

Coisa vã e inútil é estar triste ou alegre com receios ou esperanças de coisas, que talvez jamais sobrevenham.

3 — Mas é próprio do homem ser enganado com semelhantes pensamentos, e é sinal de pouco ânimo ser tão facilmente levado da persuasão do inimigo.

Porque ele não cuida de que seja verdadeiro ou falso aquilo com que nos ludibria e engana, ou se nos derriba com o amor das coisas presentes, ou com o temor das futuras.

Por isso não se perturbe nem receie o teu coração.

Crê em mim e tem confiança na minha misericórdia.

Quando te imaginas afastado de mim, então estou muitas vezes mais perto de ti.

Quando cuidas que estás quase perdido, então muitas vezes estás próxima a ocasião de granjeares maior merecimento.

Não está tudo perdido quando alguma coisa te corre mal.

Não deves julgar pelo que sentes no presente, nem embarçar-te e afligir-te com qualquer tribulação que te advenha, como se não houvesse esperança de remédio.

4 — Não te imagines de todo desamparado, ainda que, de tempos a tempos, te mande alguma tribulação, ou tire a consolação desejada, porque deste modo se caminha para o reino dos Céus.

E isto sem dúvida alguma te convém mais a ti, e a todos os meus servos, para que sejam exercitados em adversidades, do que se tudo lhes succedesse à sua vontade.

Eu conheço os pensamentos escondidos, e muito importa para a tua salvação que às vezes te deixe

privado de todo o gozo espiritual; para que não suceda que te desvaneças com o bom êxito, e tenhas complacências em ti mesmo, como se fosses o que não és.

Eu posso tirar o que dei, e tornar a dá-lo todas as vezes que quiser.

5 — Quando der a consolação, dou o que é meu; e quando a tirar, não tomo coisa alheia; porque minha é toda a dádiva boa e todo o dom perfeito.

Se te mandar algum trabalho ou contrariedade, não te indignes nem desfaleça o teu coração; eu posso aliviar-te depressa e mudar em gozo todo o trabalho.

Pratico uma acção justa e muito digna de louvor, quando me hei contigo deste modo.

6 — Se entendes com rectidão, e vês as coisas com os olhos da verdade, nunca te deves entristecer, nem desanimar muito com as adversidades; mas antes comprazer-te e dar-me graças, julgando por singular gozo que, afligindo-te com dores, não te deixo passar sem castigo.

*Assim como meu Pai me amou, assim Eu vos amei a vós*, disse a meus amados discípulos (Joan. 15, 9), os quais não mandei a delícias temporais, mas a grandes pejeas; não a honras, mas a desprezo; não a passatempos, mas a trabalhos; não ao descanso, mas a colher muito fruto com paciência.

Meu filho, lembra-te destas palavras.

NOTA — Apresentaram um dia a Jesus Cristo um paralítico deitado no seu leito; e Jesus, vendo a muita fé dos que lho traziam, voltou-se para o paralítico e disse-lhe: *confia, filho, os teus peccados estão perdoados* (S. Mat. 9).

Uma fé viva opera prodígios. Quem não crê

em Deus não se mostra filho de Deus. *A fé é o fundamento das coisas que se esperam, e a convicção das que se não vêem* (nem pelos sentidos, nem pela razão).

A fé é um dom de Deus, uma luz sobrenatural, que nos leva a crer firmemente tudo o que Deus revelou, e a Igreja nos manda crer. Quantas vezes a meditação de uma só verdade da fé tem sido bastante, com a graça divina, para fazer de um grande pecador um grande santo? Que consolação para uma alma, que sempre gemera no erro e na indiferença, ver-se num instante iluminada pela graça e exclamar como Saulo: *Senhor, que quereis que eu faça?*

É sempre bem feito o que Deus faz: não nos pertence pois julgar as coisas de Deus, mas sim ordenar as nossas acções, conforme a regra suprema da vontade divina. *Filho, não recuses o castigo do Senhor nem te desanimes, quando por ele fores castigado: porque Deus corrige aquele a quem ama, e põe nele as suas complacências, como um pai em seu filho* (Provérbios, 3, 11-12). Sei que Deus me ama com amor infinito desde toda a eternidade, que pensa em mim dia e noite, que toma pela minha salvação o maior interesse; esta convicção deve tranquilizar-me.

Desde que eu saiba o que Deus exige de mim, nada mais me importa inquirir. A minha vida neste mundo é meio e não fim; não vivo para viver a meu capricho, vivo para merecer a vida eterna. Que se cumpra pois em mim, agora e sempre, a vontade de Deus. Nem sempre há-de rugir a tempestade da tribulação; se hoje soffro, amanhã gozarei; depois da tempestade vem a bonança.

## CAPÍTULO XXXI

Como se hão-de deixar todas as criaturas para que se possa achar o Criador

1—D. Senhor meu, ainda me é necessária muita graça para chegar a estado, em que nenhuma criatura me possa impecer; porque enquanto alguma me detém não posso voar livremente.

Desejava voar livre para vós aquele que dizia: *quem me dará asas como as da pomba, e voarei e descansarei?* (Ps. 54).

Que coisa há mais sossegada que uma intenção pura?

E que maior liberdade do que nada desejar na terra?

Por isso importa transcender as criaturas, deixar-se cada um perfeitamente a si mesmo, e estar em quietação de espírito e ver-vos a vós, Criador de todas as coisas, que não tendes semelhança alguma com as criaturas.

E quem não estiver desembaraçado de todas as criaturas não poderá estar livremente atento às coisas divinas.

E por isso se acham poucos contemplativos, porque são poucos os que se sabem perfeitamente desapegar das coisas temporais e das criaturas.

2—Para isso é necessário muita graça, que levante a alma e a arrebate acima de si mesma.

E se o homem não for elevado em espírito e livre de todas as criaturas, e todo unido a Deus, de pouca estima é quanto sabe e quanto tem.

Permanecerá por muito tempo imperfeito e preso à terra quem avalia por grande alguma coisa além do único, imenso e eterno bem.

Porque tudo o que não é de Deus, é nada e deve-se ter em nada.

Há grande diferença entre a sabedoria dum ho-

mem alumiado e devoto, e a ciência dum letrado e estudioso.

Muito mais nobre é aquela doutrina que deriva lá de cima, do manancial divino, do que aquela que se alcança com trabalho pelo engenho humano.

3 — Muitos há que desejam a contemplação mas não tratam de exercitar-se nas coisas, que para ela se requerem.

Grande impedimento é pararem os homens em sinais e coisas sensíveis, e terem pouco de perfeita mortificação.

Verdadeiramente não posso entender que espírito nos move e o que é que pretendemos, nós que somos tidos por espirituais que tanto e tão grande cuidado pomos em coisas vis e transitórias, e apenas nos recolhemos de tempos a tempos a considerar o nosso interior.

4 — Grande lástima!

Depois dum pouco de recolhimento, saímos logo fora e não pesamos as nossas obras com rigoroso exame.

Não vemos para onde se inclinam os nossos afectos, nem choramos quão defeituosas são todas as nossas obras.

*Toda a carne tinha corrompido o seu caminho*, diz a Sagrada Escritura (Gen. 6, 12), e por isso se seguiu um grande dilúvio.

Estando pois mui corruptos no nosso interior affecto, forçosamente se há-de corromper a acção que dele se segue, e que denota bem a falta da virtude interior.

Do coração puro procede o fruto da boa vida.

5 -- Pergunta-se quanto cada um obrou, mas não se repara de quanta virtude nasce o que obra.

Com diligência se inquire se alguém é forte,

rico, formoso, hábil, bom escritor, bom cantor ou bom official; mas não se faz caso de quão pobre seja de espirito, quão sofrido e manso, quão devoto espiritual.

A natureza olha para o exterior do homem; mas a graça só atenta no interior.

Aquela muitas vezes se engana; esta põe em Deus sua esperança para ser enganada.

NOTA — À semelhança daquelas avezinhas, que procuram habitualmente as altas regiões aéreas, e que só de longe em longe, quando a necessidade as obriga, se abaixam à terra, assim a alma devota deve elevar-se acima das coisas terrenas e fixar-se habitualmente no scio de Deus.

Forçoso é que enquanto estamos na terra, atendamos à vida terrena e rastejemos pelas coisas corpóreas; mas importa que nos armemos de seguras precauções para não virmos a ficar manchados.

O viandante, que tem de trilhar caminhos resvaladios e perigosos, não se distrai um só momento; vai seguindo atento e apercebido, por entre os precipícios que o ameaçam.

Não custa muito subir para Deus, quando se está desapegado das criatura. A grande dificuldade é libertar o coração das paixões desordenadas e perigosas. Nisto consiste a verdadeira sabedoria. Quantos homens tens visto de muito talento e pouca ou nenhuma virtude? Gloriam-se de passar por sábios aos olhos do mundo, levam muitas vezes uma vida penosa para manterem o alto conceito em que são tidos, e nada querem saber da ciência dos santos. São lâmpadas morticas, que têm óleo e não alumiam.

Se bem meditáramos esta verdade, deduziríamos dela muitas instruções salutareas. Quantas almas

mortas em corpos vivos! Desde que o mal está na raiz da árvore, logo contamina o tronco e os ramos. O mesmo acontece na vida humana: corrompem-se as acções, desde que se corrompem as intenções. Os grandes escândalos começam as mais das vezes por pequenas afeições, que pouco a pouco se vão desenvolvendo.

### CAPÍTULO XXXII

*Da abnegação de si mesmo e do desapego de toda a cubiça*

1—M. Filho, não podes possuir perfeita liberdade, se não renunciarest de todo a ti mesmo.

Presos estão todos os proprietários e amantes de si mesmos; os cubiçosos, curiosos, vagabundos que sempre buscam as coisas de seu gosto, e não as que são de Jesus Cristo; e inventam e fabricam muitas vezes o que não há-de permanecer; porque tudo o que não procede de Deus perecerá.

Para estes não existe a verdadeira liberdade.

Imprime em tua memória esta breve e perfeita sentença: deixa tudo e acharás tudo; deixa a cubiça e acharás o descanso.

Considera isto cuidadosamente, e quando o cumprires entenderás tudo.

2—D. Senhor, isto não é obra dum dia, nem jogo de meninos, antes neste breve ditame se inclui toda a perfeição religiosa.

3—M. Filho, não debes voltar atrás, nem desanimar-te logo, ouvindo a conduta dos perfeitos, mas esforça-te por coisas mais altas, ou ao menos por aspirar a elas com o desejo.

Oh! se tivesses chegado a tanto, que te não amasses a ti mesmo, mas estivesses puramente resignado na minha vontade e na daquele que te dei por superior!

Então me agradarias muito, e toda a tua vida passarias em gozo e paz.

Ainda tens que deixar muitas coisas; se as não renunciarest inteiramente nas minhas mãos, não alcançarás o que pedes.

*Eu te persuado que me compres ouro acrisolado para que sejas rico* (Apc. 3, 18), isto é, a sabedoria celestial, que despreza todas as coisas da terra.

Despreza toda a sabedoria terrena, e todo o contentamento humano e próprio.

4—Eu disse que debes comprar as coisas mais vis — aos olhos do mundo — e tê-las por preciosas e altas.

Porque mui vil, apoucada e quase esquecida parece a verdadeira e celestial sabedoria, que não pensa de si coisas altas, nem trata de se engrandecer na terra.

Muitos a louvam só com a boca, mas afastam-se dela com a vida; todavia ela é uma pérola preciosa conhecida de poucos.

NOTA — Para que conheças duma maneira palpável, em que consiste a verdadeira liberdade, imagina dois homens de costumes inteiramente contrários: um dado a todas as virtudes, outro entregue a todos os vícios. Qual deles será mais livre? Vejamos. Chega o domingo, o dia do Senhor, e o bom cristão dirige-se ao templo, para cumprir o preceito da Igreja. Vai muito por sua livre vontade; ninguém o constrange. O outro ao contrário, tem o vício do jogo e da embriaguês, sente dentro de si uma força que o arrasta, reconhece o seu mau procedimento; recorda-se talvez com frequência das duras privações a que sujeita a sua família; mas apesar de tudo continua a alimentar a sua vergonhosa paixão. Para saborear

um prazer baixo, sacrifica a saúde, e escandaliza aqueles a quem devia edificar.

Num tempo precioso, destinado ao descanso e à oração, aplica-se esse pobre louco a consumir em abusos as forças e os haveres, que Deus lhe confiou para bom fim. Que penosa escravidão! E, se quiséssemos considerar qualquer outra paixão, como a avareza, a luxúria ou o amor excessivo da própria estima, as consequências seriam no fundo as mesmas; sempre encontraríamos o homem acabrunhado sob o império tirânico de algum apetite desordenado.

A verdadeira liberdade, pois, consiste no cumprimento integral de todos os deveres. O máximo da liberdade humana deve procurar-se no máximo da obediência à lei divina. Quando uma alma consegue desapegar-se de todas as criaturas e ligar-se intimamente a Deus, por uma sujeição filial e completa, então goza de verdadeira liberdade; porque a sua vontade descansa no sumo bem, a sua inteligência na suma verdade e os seus affectos na soberana beleza. Todos os appetites desordenados são contrários à natureza racional do homem e por isso mesmo contrários à liberdade.

### CAPÍTULO XXXIII

*Da pouca firmeza do coração e da final intenção que se há-de pôr em Deus*

á — M. Filho, não te fies no teu affecto, porque o que agora tens cedo se mudará.

Enquanto viveres estarás sujeito a mudanças, ainda que não queiras; porque ora te acharás alegre, ora triste; ora sossegado, ora perturbado; já devoto, já dissipado; umas vezes fervoroso, outras preguiçoso; umas pesado, outras ligeiro.

Mas acima desta inconstância está o sábio, e

bem exercitado no espírito; não olhando ao que em si sente, ou de que parte sopra o vento da mudança; mas fazendo que toda a intenção do seu espírito se encaminhe ao devido e desejado fim.

Porque deste modo poderá permanecer sempre o mesmo e inabalável, dirigindo continuamente a mim sua própria intenção entre tão vários sucessos.

2 — Quanto a tua intenção for mais pura, tanto mais constante estarás nas diversas tempestades.

Mas em muitas coisas se escurecem os olhos da pura intenção, porque olham facilmente para o delectável que ocorre; porque raramente se acha alguém de todo livre de buscar o seu próprio interesse.

Assim os Judeus vieram outrora à Betânia visitar Maria e Marta, *não só por amor de Jesus, mas também para verem Lázaro* (João, 12, 9).

Devem-se pois purificar os olhos da intenção, para que seja singela e recta, e se dirija a mim sem se deter nos meios que se interpõem.

NOTA — Tudo muda em nós e fora de nós. Não há um momento em que os seres permaneçam fisicamente estacionários. Quando o coração humano se prende às criaturas, vai mudando com elas e jamais consegue o descanso que procura. É que todas as criaturas existem para um fim, e o fim do coração humano é Deus.

Há mudanças de diversas espécies: mudar do pecado para o arrependimento, do vício para a virtude, é uma mudança salutar; mudar da inocência para o crime, da virtude para o vício, é uma mudança desgraçada. Entre estes dois extremos há ainda muitas inconstâncias, que moralmente importa regular.

Conforme as coisas que amares, assim serás

constante ou inconstante; se amares desordenadamente as criaturas, serás inconstante como elas; se fixares o teu coração em Deus, participarás da imutabilidade do mesmo Deus. Deus comunica-se às almas na medida em que elas se esforçam por corresponder ao seu amor: a Maria Madalena foram perdoados muitos pecados, porque amou muito (S. Lucas, 7, 47). A mudança que ela fez do pecado para o arrependimento, foi salutar e constante.

Há pessoas que são mui fáceis a prometer; mas tardias em executar. Se ouvem um sermão, que lhes desperta a consciência, se vêem uma morte repentina ou qualquer outro castigo terrível com que Deus muitas vezes avisa os pecadores, ficam comovidas por um pouco, e mostram-se dispostas a mudar de vida. Passa porém aquela ocasião, cessa a divina palavra de retinir aos seus ouvidos, e ei-las caídas no mesmo letargo. Adiantaram alguma coisa, fizeram-se melhores? Não; tudo gorou, tudo ficou em lágrimas vãs e propósitos ineficazes.

### CAPÍTULO XXXIV

Quem ama a Deus, goza o acima de tudo  
e em tudo

1 — D. Vós sois o meu Deus, e o meu tudo. Que mais quero eu, e que coisa mais ditosa posso desejar?

Ó saborosa e doce palavra, para quem ama a Deus, e não ao mundo nem as suas coisas!

Meu Deus e meu tudo: para quem entende a ciência do vosso amor, dizem muito estas palavras; e quem ama gosta de repeti-las.

Com efeito, estando vós presente, tudo está alegre, e estando vós ausente, tudo enfastia.

Vós fazeis o coração sossegado, e dais grande paz e verdadeira alegria.

Vós fazeis que o homem sinta bem de todas as coisas, e que em todas vos louve; e sem vós nenhuma pode contentá-lo por muito tempo; e para lhe ser agradável e saborosa é necessário que lhe assista a vossa graça, e a tempere a vossa sabedoria.

2 — A quem vós sois saboroso, que coisa não saberá bem?

E a quem vós não deleitais, que coisa poderá ser gostosa?

Os sábios do mundo e os carnis enganam-se com a vossa sabedoria, porque nos primeiros acham-se muita vaidade, nos últimos a morte.

Aqueles pois que vos seguem pelo desprezo do mundo e mortificação da carne, esses são verdadeiramente sábios, porque deixaram a vaidade pela verdade e a carne pelo espírito.

Estes gloriam-se em Deus, e tudo quanto se acha nas criaturas convertem-no clics em louvor do seu Criador.

Na verdade, é mui diferente o sabor do Criador e o da criatura, da eternidade e do tempo, da luz criada e da luz criadora.

3 — Ó luz perpétua que excedeis todas as luzes criadas, lançai lá de cima um raio que penetre todo o íntimo do meu coração.

Purificai, alegrai, clarificai e vivificai a minha alma nas suas potências, para que se una convosco o meu espírito com deliciosa veemência.

Oh! quando soará essa hora ditosa e ansiada em que me sacie da vossa presença e sejais para mim tudo e em todas as coisas!

Enquanto isto se me não conceder e me não derdes tudo, não será o meu gosto perfeito,

Mas ai de mim!

Ainda vive em mim o homem velho, nem está de todo crucificado, nem perfeitamente morto.

Ainda se revolta fortemente contra o espírito e move guerras interiores; nem consente que esteja sossegado o reino da alma.

4 — Mas vós que *senhoreais o poder do mar e amansais o movimento das suas ondas* (Ps. 88, 10), levantai-vos e ajudai-me.

*Desbaratai as gentes que querem guerras* (Ps. 67), quebrantai-as com o vosso esforço.

Peço-vos que mostreis as vossas maravilhas, e se glorifique o vosso poder, porque não tenho outra esperança nem outro refúgio senão em vós, Deus meu.

NOTA — É imensa a distância que vai das criaturas ao Criador; ora, se achas gosto em amar as criaturas, que são apenas uma pequenina amostra da omnipotência divina, imagina quão doce e consolador será amar o mesmo Deus! O que é que pode faltar a quem ama a Deus sobre todas as coisas?

A felicidade que o teu coração procura não existe nas criaturas; é forçoso pois ou que a busques em Deus, ou que renunciés a ela. E num negócio de suma importância, em que anda envolvido o teu futuro e eterno destino, não convém por certo que te mantenhas indeciso um só momento. *Põe no Senhor as tuas complacências, e ele satisfará as aspirações do teu coração* (Ps. 36, 4).

As promessas divinas não falham; aí estão os santos a testemunhá-lo. Enquanto S. Agostinho procurou a felicidade nas criaturas, nunca o seu coração se aquietou; mas depois que se voltou para Deus sentiu-se como que transportado a um novo mundo.

Quando S. Francisco Xavier se achava na Índia

entregue às penosas fadigas do seu apostolado, tantas eram as consolações com que o Senhor o visitava, que ele por vezes rompia em humildes recusas, dizendo: *basta, Senhor, basta de consolações!*

A experiência de todos os dias é bastante eloquente para nos convencer desta verdade; muitíssimas pessoas há ricas e influentes, que passam uma vida amargurada, sob a tirania das suas paixões, ao passo que muitos pobrezinhos se apresentam sempre de rosto alegre e consciência tranquila. Entrega-te, pois, a Deus e encontrarás tudo quanto o teu coração deseja.

## CAPÍTULO XXXV

### Que nesta vida ninguém está livre de tentações

1 — M. Filho, nunca estás seguro nesta vida, mas enquanto viveres sempre te serão necessárias as armas espirituais.

Andas entre inimigos que te agridem à direita e à esquerda; se te não valeres pois continuamente do escudo da paciência, não estarás muito tempo sem ferida.

Além disto, se não puseres o teu coração firmemente em mim, com sincero propósito de padeceres tudo por meu amor, não poderás suportar esta batalha, nem chegarás à vitória, obtida pelos bem-aventurados.

Por isso necessitas romper com ânimo varonil por todas as dificuldades, e rebater com mão poderosa todos os perigos.

Porque ao vencedor se dá o maná e ao negligente e preguiçoso o aguarda muita miséria.

2 — Se buscas descanso nesta vida, como chegarás ao descanso eterno?

Não procures muito descanso, mas muita paciência.

Busca a verdadeira paz não na terra, mas no Céu; não nos homens, nem nas demais criaturas, mas só em Deus.

Deves pelo amor de Deus aceitar tudo de boa vontade, isto é, trabalhos, dores, tentações, vexações, enfados, doenças, afrontas, murmurações, reprehensões, correcções e desprezos.

Estas coisas ajudam a virtude, provam o novo soldado de Cristo e preparam a coroa no Céu.

Eu darei eterno prêmio por breve trabalho, e glória infinita por confusão transitória.

3 — Cuidas que sempre hás-de ter consolações espirituais à medida de teus desejos?

Os meus santos não as tiveram, mas muitas penas, várias tentações e grandes desamparos.

Porém houveram-se com paciência em todas estas coisas, e confiaram mais em Deus que em si: *porque sabiam que não têm proporção as penas desta vida com a glória eterna* (Rom. 8, 18).

Queres ter logo o que muitos alcançaram só depois de copiosas lágrimas e grandes trabalhos? *Espera no Senhor, obra varonilmente* (Ps. 36, 14) e esforça-te; não desconfies nem fujas, mas oferece constantemente corpo e alma pela glória de Deus.

Eu pagarei plenissimamente; eu serei contigo em toda a tribulação.

NOTA — Com que fim te colocou Deus neste mundo?

E' necessário que respondas a esta pergunta ou como bom cristão ou como pagão; ou como eleito ou como réprobo. O bom cristão sabe que não está neste mundo para gozar tranquilo dos bens temporais, mas sim para merecer uma eter-

nidade de ventura, submetendo-se agora de boa vontade a todas as provações, que ao Senhor aprouver enviar-lhe. Enquanto a maioria dos homens, se esforça dia e noite, por fugir aos trabalhos e às dores, põe ele todo o seu empenho em abraçar com resignação e até com alegria os sofrimentos, que hão-de coroá-lo de glória.

E' caluniado e perseguido? Não importa: *os que quiserem viver piedosamente em Jesus Cristo hão-de ser perseguidos* (S. Paulo, 2.<sup>a</sup> a Tim. 3, 12). Jesus Cristo é o Mestre, foi adiante para lhes ensinar o caminho, que já está muito trilhado por milhões de santos e santas.

Sofre tentações violentas? Não deve desanimar-se por isso: *feliz o homem que sofrer a tentação, porque depois da sua prova receberá a coroa de vida, que Deus prometeu aos que o amam* (S. Tiago, 1).

Há muitas pessoas de consciência escrupulosa, que se julgam perdidas apenas sentem qualquer tentação. E' um erro gravíssimo, que debes evitar. As tentações são uma fonte de riqueza espiritual. Poderás ter pior tentação que a de não queres o que Deus quer? Como pode esperar ser coroado quem não quer ser tentado? Para o Céu sobe-se pelo Calvário, e com a cruz aos ombros.

O cristão deve ser um soldado vigilante e activo, que continuamente se exercite na mortificação; as tentações dão-lhe ensejo para esse exercício. Para ser tentado não há idade, nem tempo, nem lugar determinado. O que importa é que sempre estejas apercebido para o combate. Se fores pronto em recorrer a Deus, e prudente em fugir das ocasiões perigosas, jamais serás vencido pelos teus inimigos.

## CAPÍTULO XXXVI

## Contra os vãos juízos dos homens

1 — M. Filho, põe o teu coração firmemente em Deus e não temas os juízos humanos, quando está em paz a tua consciência.

Bom é padecer desta sorte; nem isso será molesto ao coração humilde, que confia mais em Deus que em si mesmo.

Muitos falam com demasia, e por isso não se lhes deve dar crédito; não é possível satisfazer a todos.

Ainda que o apóstolo S. Paulo trabalhou por contentar a todos no Senhor (1, aos Corinth. 9) e se fez tudo para todos, ainda assim fez pouco caso de ser julgado e censurado dos homens.

2 — Fez tudo quanto em si era e podia, pela edificação e salvação dos outros; mas não pode evitar que o julgassem e desprezassem algumas vezes.

Por isso confiou tudo a Deus, que tudo sabe, e defendeu-se com paciência e humildade das más línguas, dos que falavam e cuidavam maldades e mentiras, e as diziam como lhes parecia.

Contudo algumas vezes respondeu, para que não fosse o seu silêncio causa de se escandalizarem os fracos.

3 — Quem és tu, que temes um homem mortal? Hoje existe ele e amanhã não aparece.

Teme a Deus e não temerás as ameaças dos homens.

Que te pode fazer o homem com palavras e afrontas?

Mais se prejudicará a si que a ti, nem poderá escapar do Juízo de Deus, quem quer que ele seja.

Põe a Deus diante de teus olhos e não contendas com palavras de queixa.

E se te parece que estás afrontado e padeces confusão, não te indignes por isso, nem diminuas a tua coroa com a impaciência; levanta os olhos ao Céu, que poderoso sou eu para te livrar de toda a confusão e dar a cada um a paga conforme as suas obras.

NOTA — Juízos vãos são juízos sem valor, juízos irreflectidos e apaixonados. Seria pois uma loucura dar valor a uma coisa que o não pode ter. E' razoável que se tenha na merecida consideração o juízo dum homem sensato, quando ele emite parecer sobre uma matéria da sua competência, e assim o médico julga das doenças, o jurista dos direitos, o general da tática militar, etc. Mas que competência podem ter os mundanos para julgarem da virtude?

Pondera agora quão mal avisado andas, se ligas importância aos juízos desses homens levianos; eles falam do que não sabem e por isso são dignos da tua compaixão: deves perdoar-lhes por amor de Deus. A virtude aprende-se praticando-se; quem nela se não exercite não a conhece bem. Se te inquietas com os juízos vãos dás a entender que ainda estás pouco firme na virtude. E' verdade que te julgam com injustiça? Defende-te pelos meios legítimos, se as circunstâncias te aconselham, ou impõem. Quantas vezes terás tu sido injusto para com o próximo? E não será então de toda a justiça que agora sofras o que outros te sofreram já?

Considera dois homens, um inocente a quem o mesmo Deus tenha preservado de cair em pecados mortais, e outro criminoso, a quem o mesmo Deus tenha perdoado grandes crimes; qual dos dois te

parece, que deve mais benefícios a Deus e por isso mais reconhecimento?

E' sem dúvida o primeiro. Eis uma reflexão que sempre deves ter gravada na mente, para não te deixares ilaquear pelo amor próprio. Não é do mundo que deves aprender as regras do bom viver. O verdadeiro sábio exalta-se aos olhos de Deus pelos mesmos meios, com que o mundo procura deprimi-lo: o mundo julga que o aniquila com injúrias, e ele no crisol da resignação converte essas injúrias em pérolas de imarcescível valor. *Os filhos dos homens são vaidade, os filhos dos homens têm balanças falsas* (Ps. 61). *O Senhor é quem me julga* (1. Cor. 4, 4).

### CAPÍTULO XXXVII

**Da pura e inteira renúncia de si mesmo,  
para alcançar a liberdade do espirito**

1 — M. Filho, deixa-te a ti e achar-me-ás a mim.

Está sem escolha e sem propriedade, e sempre ganharás, porque se te acrescentará maior graça logo que te resignes e perseveres com firmeza.

2 — D. Senhor, quantas vezes me resignarei e em que coisas me deixarei a mim?

3 — M. Sempre e a toda a hora; tanto no pouco como no muito; nenhuma coisa exceptuo, mas em todas te quero achar resignado. Como poderás ser meu e eu ser teu se não estiveres despojado de toda a própria vontade, interior e exteriormente?

Quanto mais depressa isto fizeres, tanto melhor te irá; e quanto mais pura e inteiramente, tanto mais me agradarás e muito mais granjearás.

4 — Alguns há que se resignam, mas com alguma excepção, porque não confiam perfeitamente

em mim; e por isso tem muito cuidado de si mesmos.

Outros ao princípio tudo oferecem; mas em os combatendo a tentação tornam-se às suas comodidades, e por isso de nenhum modo aproveitam na virtude.

Estes nunca chegarão à verdadeira liberdade do coração puro nem lograrão a graça da minha suave familiaridade, se se não resignarem de todo, e fizerem primeiro um quotidiano sacrificio de si mesmos, sem o que não permanece, nem permanecerá a união, com que se goza de mim.

5 — Muitas vezes te hei dito e agora te torno a dizer: deixa-te, resigna-te e lograrás grande paz interior.

Dá tudo por tudo, não busques coisa alguma, nem a tornes a pedir.

Está pura e firmemente em mim sem hesitar, e possuir-me-ás e serás livre no coração, e não te escurecerão as trevas.

A isto te aplica, isto pede, isto deseja, para que te possas despojar de toda a propriedade, e seguir nu a Jesus nu: morrer para ti e viver para mim por toda a eternidade.

Então se dissiparão todas as vãs imaginações, perturbações e cuidados superfluos.

Então se acabará também o temor demasiado, e o amor desordenado morrerá.

NOTA — Muitas vezes, em hora de bom humor tens feito belos propósitos, que afinal nunca passaram de propósitos. Es fácil em prometer e ainda mais fácil em faltares ao que prometes.

Donde nascerá esta contradição entre as tuas palavras e as tuas obras?

Da demasiada confiança que tens em ti mesmo e na pouca que pões em Deus; na prosperidade

presumes demasiado, na adversidade desces a um desalento extremo. Um dia disse S. Pedro a Jesus Cristo: *eis que nós deixamos todas as coisas e te seguimos; qual há-de ser o nosso prêmio?* (S. Mat. 19, 27). Comentando estas palavras exclamou S. Jerónimo: *grande confiança: Pedro era pescador, não tinha sido rico, vivia do seu trabalho e indústria, e apesar disso diz com desasombro: deixamos tudo. E como não basta simplesmente deixar, acrescenta o que é perfeito: e seguimos-te.*

Parece que esta abnegação, em deixar tudo, era completa, e que Pedro seguiria a Jesus Cristo com fidelidade, tanto nos triunfos como nas amarguras. Não aconteceu porém assim. Depois de ter comungado das mãos de Jesus Cristo na noite da ceia, e de ter comungado santamente, Pedro caiu como um miserável.

Tinha feito um propósito formal de não negar a Cristo: *ainda que seja necessário morrer contigo não te hei-de negar* (S. Mat. 26, 35); e pouco depois o negou, não uma vez só, mas três vezes, jurando que nem sequer conhecia tal homem! E' que Pedro animado de boas disposições, e confortado com a sagrada comunhão, abandonara a oração, e, de mais a mais, havia-se lançado temerariamente em ocasião de delinquir. Terrível exemplo este!

Oxalá que o medites bem, para não vires a negar o teu Mestre, como Pedro. Serás forte se conheceres a fundo a tua fraqueza, e fores diligente em recorrer a Deus. O que presume de suas próprias forças já está vencido antes de entrar em combate com os seus inimigos.

## CAPÍTULO XXXVIII

Do bom governo nas coisas exteriores,  
e como devemos recorrer a Deus nos perigos

1 — M. Filho, com diligência debes procurar que em todo o lugar, acção ou occupação exterior estejas interiormente livre e senhor de ti, e que estejam todas as coisas sujeitas a ti, e não tu a elas; que sejas tu senhor das tuas acções, e não servo e escravo comprado.

Como livre e verdadeiro *Hebreu*, debes passar à sorte e liberdade dos filhos de Deus, que desprezam as coisas presentes, contemplam as eternas, e vêm com o olho esquerdo as coisas do mundo, e com o direito as do Céu.

Estes não se deixam arrastar do apêgo às coisas temporais; mas servem-se delas conforme o fim para que foram ordenadas por Deus, e instituídas pelo supremo Artífice, que nada deixou sem ordem na sua criatura.

2 — Se em todo o successo te não fundares na aparência exterior, nem considerares só com os olhos carnaes o que vires e ouvires, mas em qualquer negócio entrases logo, com o *Moisés* no Tabernáculo, para pedires conselho ao Senhor, ouvirás muitas vezes a resposta divina, e voltarás instruído a respeito de muitas coisas presentes e futuras.

Sempre *Moisés* recorria ao Tabernáculo, para sair-se das dúvidas e difficuldades, e valia-se da oração para triunfar dos perigos e maldades dos homens; assim tu debes retirar-te ao secreto do teu coração, pedindo com instância o socorro divino.

Por isso *Josué* e os filhos de *Israel* foram enganados pelos *Gabaonitas* (*Josué*, 9) porque *não consultaram primeiro o Senhor*; mas crendo

muito de leve suas brandas palavras foram enganados por uma falsa piedade.

NOTA — Para bem governares as tuas acções exteriores, é necessário que estudes as tuas inclinações. Isto porém não é trabalho de um dia, mas cuidado de toda a vida. Se cada homem se governasse a si próprio, segundo os princípios da razão e da fé, transformar-se-ia o mundo num paraíso.

Todo o governo supõe autoridade de quem manda e sujeição de quem obedeça. Quem é, pois, que há-de mandar, e quem é que deve obedecer no governo de tuas acções? Manda a consciência, devem obedecer as inclinações. E' sempre bem feito o que se faz em boa consciência.

O governo das acções exteriores deve partir duma consciência pura. És dotado talvez dum temperamento arrebatado, sentes-te inclinado à ira apenas ouves uma palavra, ou observas uma acção que te não agrada? Pois é necessário que em tais conjunturas te habitues a tomar conselho com a consciência e com Deus.

Peça muito embora vingança o teu amor próprio; não lhes dês ouvidos. Considera esse defeito do teu génio, como um instrumento que Deus te mete nas mãos para te santificar, e dize contigo: faça-se em tudo e sempre a vontade de Deus; não sou culpado pelos defeitos com que nasci, mas devo convertê-los em meios de santificação. Toda a minha vida se deve reduzir a trabalhar com diligência e sofrer com resignação; depois do trabalho vem o salário, depois do sofrimento, um gozo eterno. Ainda eu não existia e já Deus havia escolhido os meios com que queria purificar-me; e quem sou eu para não querer o que Deus quer?

A minha aspiração constante deve ser que Deus me dirija e governe em todos os pensamentos, desejos e acções. *Onde está o espirito do Senhor, lá está também a liberdade* (2. Cor. 3, 17).

### CAPÍTULO XXXIX

*Que o homem não seja importuno nos negócios*

1 — M. Filho, confia sempre de mim os teus negócios que eu os disporei bem e a tempo.

Espera pela minha decisão, e tirarás dela grande proveito.

2 — D. Senhor, de mui boa vontade vos confio todas as coisas, porque pouco pode aproveitar o meu cuidado.

Prouvera a Deus que me não embaraçasse muito com os sucessos futuros, mas sem detença me oferecra à vossa divina vontade.

3 — M. Filho, muitas vezes com veemência procura o homem aquilo que deseja; mas, quando chega a alcançá-lo, tem já diferente parecer, porque as afeições não duram muito acerca da mesma coisa, e duma nos levam para outra.

Não é coisa de pouco péso deixar-se o homem a si mesmo nas coisas pequenas.

4 — O verdadeiro aproveitamento do homem está na abnegação que faz de si mesmo; e o homem abnegado está mui livre e seguro.

O inimigo antigo, o adversário de todos os bens não cessa de tentar dia e noite; arma cruéis ciladas para ver se pode precipitar algum incauto no laço do seu engano.

*Vigiai e orai* (diz o Senhor) *para que não entreis em tentação* (Mat. 26, 41).

NOTA — Obrar por virtude não é o mesmo que obedecer aos impulsos do próprio tempe-

ramento : a virtude é reflectida, atende ao dever e procura cumpri-lo ; o pendor da natureza é cego e precipitado : tende a obrar, embora obre mal.

Quando um homem se deixa arrastar vertiginosamente pelo torvelinho das inquietações mundanas, renuncia à sua liberdade ; não é ele quem dirige os negócios, são os negócios que o absorvem a ele. E dessa maneira o seu viver nem é racional, nem cristão. Causa, na verdade, profunda tristeza ver como tantas pessoas, que se prezam de ilustradas, gastam a vida em futilidades, e nem de leve se quer dirigem a sua atenção para o negócio que mais lhe devia importar !

Na sociedade actual, a vida é uma luta encarniçada em que refervem invejas e ambições. Mas, no meio de tudo isso, a verdade é que *uma só coisa é necessária*. Ainda mesmo nas coisas licitas precisa o homem de proceder com muita cautela e circunspecção para não se extraviar. *Não estejais inquietos, dizendo : o que é que havemos de comer, o que é que havemos de beber, ou com que havemos de cobrir-nos ?* (S. Mateus, 5, 31). Bem necessário é o comer, o beber, e o vestir, e contudo nem mesmo estas coisas merecem ser procuradas com inquietação.

Quanto mais o homem desvia de si próprio o pensamento, menos homem fica. Demais, quem se preocupa demasiadamente com os negócios do tempo, dá a entender que conta pouco com o auxilio de Deus. E o grande perigo está precisamente em confiarmos antes em nós do que em Deus. Nunca somos tão fracos como quando nos consideramos demasiado fortes.

*Confia de todo o teu coração no Senhor* (Prov. 3, 5).

## CAPÍTULO XL

Que o homem não tem de si bem algum  
e de nada se pode gloriar

1 — D. *Senhor, o que é o homem, para que vos lembreis dele ?*

*Ou o filho do homem, para que o visiteis ?* (Ps. 8, v. 5).

Que mereceu o homem para que lhe desseis a vossa graça ?

Senhor, de que me posso queixar, se me desamparais ?

Ou que vos posso justamente opor, se não fizerdes o que vos peço ?

Certo que com verdade posso pensar e dizer : Senhor, nada sou, nada posso, nenhum bem tenho de mim ; mas em tudo falto e sempre caminho para o nada.

E se não sou ajudado de vós e ensinado interiormente, de todo fico tíbio e dissipado.

2 — *Porém*, vós Senhor, sempre sois o mesmo, e permanecéis para sempre, sempre bom, santo e justo ; obrais bem, justa e santamente todas as coisas, e as dispondes com a vossa sabedoria.

Mas eu, que sou mais inclinado a cair, que a aproveitar, não estou sempre firme num mesmo estado, porque mudo sete vezes ao dia.

Porém, logo me vai melhor quando vos agrado, e estendeis a vossa mão para me socorrerdes, porque vós só sem o socorro humano me podeis ajudar, e confiar-me de sorte que jamais se mude o meu rosto, antes só a vós se converta o meu coração e em vós descanse.

3 — Por isso, se eu soubesse desprezar toda a humana consolação — ou fosse para alcançar a de-

voção, ou pela necessidade que tenho de vos buscar, pois não há pessoa que me console — então poderia esperar com razão a vossa graça, e alegrar-me com a dádiva da nova consolação.

4 — Graças vos sejam dadas, Senhor, porque todo o bem que recebo, de vós deriva.

Diante de vós (Ps. 38) sou vaidade e nada, sou homem inconstante e fraco.

De que posso pois gloriar-me, ou porque de-sejo ser estimado?

Porventura do meu nada?

Vaníssima coisa é esta.

Verdadeiramente a vanglória é terrível peste, é a pior das vaidades, porque nos aparta da glória verdadeira, e nos despoja da graça celestial.

Porque, contentando-se o homem a si, vos descontenta a vós, e quando deseja os louvores humanos perde as verdadeiras virtudes.

5 — Glória verdadeira e alegria santa é gloriar-se cada um em vós e não em si; deleitar-se no vosso nome e não na sua própria virtude; não se deleitar em criatura alguma, senão por amor de vós.

Seja louvado o vosso nome e não o meu; enca-recidas sejam as vossas obras e não as minhas; exaltado seja o vosso santo nome, e a mim nada se atribua dos louvores humanos.

Vós sois a minha glória e a alegria do meu coração; em vós me gloriarei e alegrarei sempre.

Pela minha parte nada tenho de que gloriar-me senão da minha fraqueza (2. Cor. 12, 5).

6 — Busquem os *Judeus* a glória que uns dão aos outros, eu buscarei *aquela que vem só de Deus*.

Na verdade, toda a glória humana, toda a honra temporal, e toda a grandeza do mundo,

comparada com a vossa eterna glória, é vaidade e loucura.

Ó verdade minha e misericórdia minha!

Deus meu, Trindade bem-aventurada! a vós só seja dado louvor, virtude, honra e glória por todos os séculos.

NOTA — Feliz aquele a quem Deus concede luz para bem se conhecer. Tão profunda é a nossa fraqueza e tão insondável o abismo da nossa miséria que não podemos, só pelas luzes naturais, compenetrar-nos devidamente do nosso nada. A maior miséria em que um homem pode cair é não conhecer a sua miséria. A falta de conhecimento conduz à insensibilidade, que é companheira da morte.

Ai do enfermo que já não sente a sua enfermidade! E todavia não se suponha que, para chegar a tal extremo, seja necessário cair primeiro em grandes crimes. Não basta abusar da misericórdia pouco a pouco e quase insensivelmente; o hábito de pecar faz perder o horror ao pecado.

Também eu tenho motivos para comparar a minha miséria com a misericórdia divina, e perguntar, não em geral, mas muito individualmente: o que sou eu neste momento? Se me considero quanto ao corpo, reconheço-me sujeito a mil necessidades; preciso de alimentos para me sustentar e nutrir, de vestidos para me cobrir, de casas para habitar, de remédios para os meus achaques, de descanso para as minhas fadigas. Dependo do ar que respiro, do calor que me aquece, da luz que me alumia... e basta um ligeiro acidente para me fazer cair na sepultura.

Se me examino quanto à alma, vejo ignorância no entendimento, perversão na vontade, luta contínua entre a razão, que me aponta o bem e as

paixões que me persuadem o mal. Aos olhos dos homens nada valho; se hoje morresse, a minha falta passaria despercebida na cena do mundo. E aos olhos de Deus, o que sou eu? Ai! — é doloroso para mim responder a esta pergunta — sou um ingrato. Só encontro a medida da minha miséria, quando me vejo à luz da misericórdia divina. Nada tenho pois de que possa gloriar-me, mas muito de que deva compungir-me.

*A terra está cheia da misericórdia do Senhor (Ps. 32, 5).*

## CAPÍTULO XLI

### Do desprezo de todas as honras temporais

1 — M. Filho, não te molestes se vires honrar e engrandecer os outros, e tu seres desprezado e abatido.

Levanta o teu coração ao Céu, e não te entristecerá o desprezo humano na terra.

2 — D. Senhor, andamos às cegas e facilmente nos engana a vaidade.

Se bem e verdadeiramente olho para mim, nunca recebi injúria de criatura alguma, e por isso não tenho que me queixar justamente de vós.

3 — Mas porque continua e gravemente tenho pecado contra vós, com muita razão se podem armar contra mim todas as criaturas.

Justamente pois se me deve a confusão e o desprezo, e a vós louvor, honra e glória.

E se me não dispuser para querer de boa vontade ser de todas as criaturas desprezado e desamparado, e totalmente tido em nada, não poderei estar em paz e firmeza no meu interior, nem serei espiritualmente alumiado, nem perfeitamente a vós unido.

NOTA — É muito para lamentar que uma pessoa não tenha paciência para sofrer os males próprios; porque desperdiça assim um tesouro precioso, com que podia enriquecer-se. Acima dessa desgraça, porém, há uma outra muito mais lamentável: é a dos invejosos, que se entristecem com os bens alheios.

O invejoso não pode ver sem mágoa o bem de seus irmãos. Os seus olhos estão como envenenados; convertem-lhe em males próprios os bens dos outros. Não se conforma com a partilha que Deus faz dos seus benefícios, e tanto quanto pode, procura substituí-la: trata de deprimir por todos os meios aqueles mesmos a quem Deus quer exaltar!

E sofre, sofre muito e de muitos modos: nos olhos, porque não pode ver a felicidade de seus irmãos; nos ouvidos, porque lhe custa ouvir dizer bem deles; no coração, porque odeia; na língua, porque murmura de má fé... A inveja abre caminho amplo para todos os crimes. O invejoso não deseja punir culpados, quer sacrificar inocentes!

Inocente era Abel: mas porque o Senhor se comprazia com as suas oferendas, e desprezava as de Caim, isso bastou para que este se indignasse, diz a Escritura: *e Caim irou-se com veemência e carregou o seu semblante* (Gen. 4, 5).

Mas que crime havia cometido Abel, para atrair as iras de seu irmão Caim?

Nenhum crime havia cometido, era amado de Deus, era bom irmão e apesar de tudo a inveja arrastou Caim até ao extremo de tirar a vida a esse seu irmão! Inocente era José, filho de Jacob, e foi vendido por seus irmãos invejosos. E hoje quantos irmãos há que vivem em rixas continuas, e vendem a alma ao demónio, por causa de vergo-

nhosas invejas, que deviam sofrer? Interroga neste ponto a tua consciência, para veres até que ponto te hás deixado possuir de tão terrível vício e dispõe-te a começar vida nova. Embora sejas sacerdote ou religioso, não estás a coberto desta tentação.

## CAPÍTULO XLII

Não se deve esperar dos homens a paz

1 — M. Filho, se pões a tua paz em algumas pessoas, por serem do teu mesmo parecer e viverem na tua habitação, estarás sem firmeza e sem liberdade.

Mas se recorrerés à verdade, que sempre vive e permanece, não te entristecerás pelo amigo, ou seja ausente ou morto.

Em mim se há-de fundar o amor do amigo, e por mim se há-de amar qualquer que nesta vida te parecer bom e amável.

Sem mim nada vale, nem durará a amizade.

Não é puro nem verdadeiro o amor que eu não ligo.

De tal modo deves estar morto para semelhantes afeições dos amigos, que (quanto em ti é) dejes estar sem comércio humano.

Tanto mais se chega o homem para Deus, quanto mais se afasta de todo o alívio da terra.

E tanto mais altamente sobe para Deus, quanto mais profundamente desce na sua estima, tendo-se por vil e sem préstimo.

2 — Quem atribui a si algum bem, impede a graça de Deus de vir sobre ele; porque a graça do Espírito Santo sempre busca o coração humilde.

Se te souberas perfeitamente aniquillar e desem-

baraçar de todo o amor criado, então derramaria sobre ti abundante graça.

Quando olhas para as criaturas, ausenta-se da tua vista o Criador.

Aprende a vencer-te em tudo por teu Criador, e então poderás chegar ao conhecimento divino.

Qualquer coisa, por pequena que seja, se se deseja e ama desordenadamente, nos impede de gozar o sumo bem, e nos faz grande dano.

NOTA — Buscar a paz com os homens, e buscá-la nos homens são coisas muito diferentes. Estamos a caminho para a nossa pátria celestial, temos muitos companheiros de viagem, que se dirigem para o mesmo rumo. Deveremos amá-los como nossos irmãos? Sim, ainda mesmo que sejam nossos inimigos: *amai os vossos inimigos, beneficiai os que vos odeiam, e orai pelos que vos perseguem e caluniam* (S. Mat. 5, 44).

Mas o amor para com as criaturas necessita de ser ordenado; um bom coração é capaz dos maiores extravios, se não for dirigido por uma boa cabeça. As criaturas são meio, que devemos utilizar, mas não fim em que possamos adormecer tranquilos. A paz, que nós desejamos, desejam-na também os nossos irmãos; e assim como nós não podemos encontrá-la neles, pela mesma razão não poderão eles encontrá-la em nós. Nos benefícios que deles recebermos, e nos favores que lhes prestamos, devemos ver sempre acima das pessoas a imagem de Deus.

Quando um coração está intimamente ligado a Deus, não há tempestades que o possam abalar; porque do alto lhe vem toda a força de que necessita. Aquele porém que se deixa cativar dos atractivos das criaturas vive sempre inquieto; se ador-

mece um instante em fugazes enlevos, logo desperta sobressaltado com terríveis desenganos. Gasta os dias, ou a sonhar ou a gemer.

Quando sentires o teu coração alvoroado, trata de descobrir sem demora qual o motivo que o agita. Um coração escravizado torna-se capaz das maiores baixezas. A nenhuma criatura te é lícito amar desordenadamente; porque Deus não cede dos seus direitos sobre ti. Se te privar dum pai, dum irmão, dum amigo, não deves por isso julgar-te abandonado. Acaso não pode Ele compensar-te com imensa vantagem da perda de todas as criaturas?

Procura-o como bom filho e encontrá-lo-ás como o melhor de todos os pais.

Só está verdadeiramente seguro quem se apoia em Deus, com inteira renúncia de si próprio.

## CAPÍTULO XLIII

### Contra a ciência vã e mundana

1 — M. Filho, não te movam os discursos e ditos agudos dos homens: *o reino de Deus não está em palavras, mas na virtude* (1. Cor. 4, 20).

Está atento às minhas palavras que acendem os corações, alumiam as almas, excitam a contrição e causam várias consolações.

Nada leias para parecer mais letrado ou sábio; mas applica-te a mortificar teus vícios, porque mais te aproveita isso que a notícia de muitas questões difíceis.

2 — Depois de leres e saberes muitas coisas, sempre te será necessário tornar a um princípio.

Eu sou o que ensino a ciência ao homem, e dou aos pequenos mais clara inteligência, do que os homens podem dar.

Aquele a quem eu falar depressa será sábio, e aproveitará muito no espírito.

Ai daqueles que querem aprender dos homens muitas curiosidades, e tratam pouco do caminho de me servir!

Lá virá tempo em que aparecerá o Mestre dos mestres, Jesus Cristo, Senhor dos Anjos, para ouvir as lições de todos, isto é, para examinar a consciência de cada um.

Então esquadrinhará *Jerusalém* com luzes e serão descobertos os segredos das trevas e fará calar os argumentos e subtilezas das línguas.

3 — Eu sou o que levanto num instante o entendimento do humilde, para que entenda mais razões da verdade eterna, do que se houvera estudado dez anos nas escolas.

Eu ensino sem estrondo de palavras, sem confusão de opiniões, sem fausto de honras, sem contenda de argumentos.

Eu sou o que ensino a desprezar o terreno, aborrecer o presente, buscar e gostar o eterno; fugir às honras, sofrer as injúrias, pôr em mim toda a esperança; não desejar coisa alguma fora de mim, e amar só a mim fervorosamente sobre todas as coisas.

4 — E assim um servo meu, amando-me intimamente, aprendeu coisas divinas, e falava coisas maravilhosas.

Mais aproveitou em deixar tudo, do que em estudar subtilezas.

Eu falo a uns coisas comuns, a outros particulares; a alguns mostro-me docemente em sinais e figuras e a outros revelo o mistério com muita luz.

A mesma voz têm todos os livros, mas não instruem igualmente a todos, porque eu sou o que interiormente ensino a verdade, perscruto o

coração, faço conhecer os pensamentos, movo as acções, distribuindo a cada um conforme julgo conveniente.

NOTA — Há uma ciência de primeira necessidade a que todos estão obrigados, em maior ou menor grau, segundo o estado e condição em que cada um se encontra: é a ciência de bem viver, que nos ensina os deveres que temos a cumprir para com Deus, para connosco e para com o nosso próximo.

A esta te deves aplicar com diligência. Um dos maiores males da nossa época é a falta de instrução moral e religiosa. Catequese, catequese, precisamos muitíssimo de catequese. Como há-de praticar a virtude quem a não conhece? E como há-de conhecê-la quem lhe não estuda, nem sequer os princípios? A ciência falsa tem tomado o lugar à verdadeira: aquela procura a vaidade, esta encaminha-se para a suma vaidade: *vãos porém são todos os homens, que se acham vazios da ciência de Deus* (Sab. 13, 1). O fruto da leitura está dependente das disposições do leitor.

Em quatro fontes principalmente deves beber a ciência de Deus: na oração fervorosa, no tribunal da penitência, na audição da divina palavra, e na leitura dos bons escritos. *Se, pois, alguém de entre vós carece de sabedoria, que a peça a Deus, que a todos a dá em abundância...* (S. Tiago, 1, 5). São incalculáveis os males que resultam das más leituras, por isso a santa Igreja procura com o máximo cuidado preservar dela os fiéis. E' o que vemos claramente no Cân. 1399 do Código de Direito Canónico, que diz: *proibem-se pelo mesmo direito:*

1.º As edições do texto original e das antigas traduções católicas da sagrada Escritura, mesmo da

Igreja Oriental publicadas por acatólicos quem quer que eles sejam; de igual modo as suas traduções em qualquer língua, feitas e editadas por eles;

2.º Os livros de quaisquer escritores, que defendam a heresia ou o cisma, ou de qualquer modo ataquem os próprios fundamentos da religião;

3.º Os livros que de propósito ataquem a religião e os bons costumes;

4.º Os livros de quaisquer acatólicos que *ex professo* tratem de religião, a não ser que se saiba que nada contém contra a fé católica;

5.º Os livros de que se fala no cân. 1383, § 1, n. 1, e cân. 1391; e também dos mencionados no citado cân. 1385, § 1, n. 2, livros e folhetos que narrem novas aparições, revelações, visões, profecias, milagres, ou inculquem devoções novas ainda que particulares, sob qualquer pretexto, desde que na sua publicação não sejam observadas as regras canónicas;

6.º Os livros que impugnarem ou meterem a ridículo qualquer dogma católico, defenderem erros condenados pela Sé Apostólica, censurarem o culto divino, atentarem contra a disciplina eclesiástica, e de propósito agredirem a hierarquia eclesiástica ou o estado clerical ou o religioso;

7.º Os livros que ensinem ou advoguem qualquer espécie de superstição, sortilégios, adivinhação, magia, evocação de espiritos, e outras coisas deste género;

8.º Os livros que defendem o duelo, o suicídio, ou o divórcio, os que tratem de seitas maçónicas ou de outras sociedades congêneres, representando-as como úteis e não perniciosas, nem para a Igreja nem para a sociedade civil;

9.º Os livros que *ex professo* tratem, narrem, ou ensinem coisas lascivas ou obscenas;

10.º As edições de livros litúrgicos, aprovados pela Sé Apostólica, e nos quais tenha sido alterada alguma coisa, de modo que não estejam de acordo com as edições autênticas aprovadas pela Santa Sé;

11.º Os livros em que se divulguem indulgências apócrifas, ou proscritas ou reprovadas pela Santa Sé;

12.º As imagens, de qualquer modo impressas, de Nosso Senhor Jesus Cristo, da Bem-aventurada Virgem Maria, dos Anjos e Santos ou de outros servos de Deus, que não sejam conformes com o sentir e decretos da Igreja.

Causa espanto ver como tantas pessoas que se apresentam como católicas, e até como piedosas, se atrevem a associar à religião de Nosso Senhor Jesus Cristo, com superstições grosseiras! Quanto havia que dizer neste ponto!

## CAPÍTULO XLIV

Não devemos buscar com ânsia as coisas exteriores

1 — M. Filho, convém fazer-te ignorante em muitas coisas, e imaginar-te como morto na terra, para que todo o mundo te esteja crucificado.

Que a muitas coisas te faças surdo, e que cuides antes do que pertence à tua paz.

E' de muito maior proveito apartar os olhos do que te não agrada, e deixar a cada um com o seu parecer do que dar-te a porfias.

Se estiveres de bem com Deus, e considerares os seus juízos, facilmente te darás por vencido.

2 — D. Ah, Senhor, a que miserável estado temos chegado!

E' possível que se chore o dano temporal, que por um pequeno lucro se trabalhe e corra, e que

o dano espiritual se entregue ao esquecimento e, só muito tarde nos torne à memória!

Só se atende ao que pouco ou nada aproveita, e não se faz caso do que nos é sumamente necessário.

Pois se o homem se distrai nas coisas exteriores, e se não torna depressa a si, fica gostosamente embaraçado nelas.

NOTA — As coisas exteriores devem tomar-se pelo que são, e não pelo que parecem.

Muitas vezes parecem boas e são más; agradam aos sentidos e desagradam à consciência. Têm gosto que deleita a carne, mas não têm valor que enriqueça o espirito. Por inclinação natural, cada pessoa desejaria que o mundo inteiro se governasse pelas suas opiniões. E, como isso é impossível, por toda a parte surgem queixumes e atritos. Um irrita-se porque vê o que não quisera ver; outro revolta-se porque ouve o que não quisera ouvir; e desta maneira todos mostram que desejam a paz, mas poucos sabem descobrir o caminho que a ela conduz.

Fôra Aman elevado por Assuéro às maiores dignidades; o seu sólio estava colôcado acima de todos os ministros do rei; não conhecia rivais nas suas honras; à sua passagem caíam de joelhos os servos reais e adoravam-no. Que mais poderia ambicionar a soberba humana, cortejada com honras divinas? Todas as paixões desordenadas são insaciáveis e tirânicas.

Havia entre essa multidão um homem, chamado Mordoqueu, judeu de raça e fiel observador da lei, esse já não genuflectia diante de Aman: tendo ouvido Aman, que Mardoqueu se não ajoelhava em sua honra, nem o adorava, ficou muito irado (Ester, 3, 5).

Por onde se lhe acendeu assim a ira no coração? Pelos olhos e pelos ouvidos mal guardados. A ira aconselha vingança: Aman vem morrer no patíbulo que havia levantado para castigar Mardoqueu. Mais lhe valera ter fechado os olhos para não ver, e ter cerrado os ouvidos para não escutar.

Entra na tua consciência e examina quantas vezes, por descuido em guardar os sentidos, tens deixado acender em teu coração não só a ira, mas até a inveja, o ódio, a ambição e a impureza. Se fôras mais diligente em escutar a voz da consciência, do que inquirir das opiniões do mundo, por certo gozarias de muita paz. Não queiras pois pertencer ao número dos que seguem sempre o maior partido, sem se importarem dos deveres que têm a cumprir. O justo observa a justiça.

### CAPÍTULO XLV

*Como se não deve dar crédito a todos, e quão facilmente nos descuidamos nas palavras*

1 — D. *Senhor, ajudai-me na tribulação porque é vã a segurança do homem* (Ps. 59, 13).

Oh! quantas vezes me faltou a fidelidade onde cuidava que a havia!

E quantas vezes a achei onde menos a imaginava!

Vã é pois a esperança que se põe nos homens; porém a segurança e a salvação dos justos em vós se acha, meu Deus.

Bendito sejais, Senhor Deus meu, em todas as coisas que nos sucedem.

Fracos somos e inconstantes, depressa somos enganados e facilmente mudamos.

2 — Que homem há tão acatelado e advertido que se possa guardar em tudo, e que alguma vez não caia em algum engano ou tribulação?

Aquele que em vós, Senhor, confia e vos busca com o coração singelo, não cai tão facilmente.

E se cair em alguma tribulação, de qualquer sorte que esteja embaraçado, mui depressa será por vós livre ou consolado; porque não desamparais jamais a quem em vós espera.

Raro é o amigo fiel que persevera em todas as coisas, e não se acha outro igual a vós.

3 — Oh! bem o soube aquela alma santa que disse: *a minha alma está firme e fundada em Cristo!*

Se eu assim estivera não me perturbaria tão facilmente o temor humano, nem me moveriam as palavras picantes.

Quem pode prever tudo?

Quem pode guardar-se dos males futuros?

Se os previstos muitas vezes ofendem, que farão os repentinos, senão ferir gravemente?

Mas porque motivo sendo eu tão miserável me não acautelei melhor?

Porque tão de leve acreditei os outros?

O certo é que somos homens, e homens fracos, ainda que de muitos sejamos tidos e julgados por anjos.

A quem hei-de crer, Senhor?

A quem senão a vós?

Vós sois a mesma verdade, que não enganais, nem podeis ser enganado.

*Todo o homem é mentiroso*, (Ps. 65, 3) *fraco, inconstante e pecável, principalmente em palavras*, e mal se pode crer ainda aquilo que à primeira vista parece verdadeiro.

4 — Quão prudentemente nos avisastes que nos guardássemos dos homens, *porque são inimigos do homem os próprios domésticos!*

Não se deve dar crédito se alguém disser: *eis aqui o bem, ou ei-lo aí,*

À minha custa tenho aprendido, e queira Deus que me sirva isto de maior cautela e não fique sempre néscio.

Diz-me um: sê acautelado, guarda segredo nisto que te digo. Entretanto que eu me calo, e creio que está em segredo, não se pode calar o mesmo que me pediu segredo, mas logo se descobre a si e a mim e se ausenta.

Defendei-me, Senhor, de semelhantes embustes e de homens desacautelados, para que não caia nas suas mãos, nem cometa tais coisas.

Ponde na minha boca palavras verdadeiras e firmes, e apartai de mim as línguas embusteadas. Daquilo que não quero sofrer, totalmente me devo guardar.

5— Oh! que bom e de quanta paz é calar dos outros, não crer indiferentemente tudo o que se ouve, nem dizê-lo logo com facilidade; descobrir-se a poucos e buscar-vos sempre a vós, que vêdes o coração; não se mover com qualquer vento de palavras, mas desejar que todas as coisas interiores e exteriores se façam segundo o beneplácito da vossa vontade.

Que seguro é para conservar a paz celestial, fugir de ser visto dos homens e não desejar as coisas visíveis que causam admiração, mas seguir com todo o cuidado as que causam emenda na vida e fervor na alma!

A quantos tem prejudicado a virtude conhecida e louvada antes do tempo?

Quanto aproveita sempre a graça conservada em silêncio nesta frágil vida, que toda é tentação e peleja!

NOTA — A fidelidade que guardas contigo próprio é a imagem da que podes esperar dos outros. A cada hora prometes e não cumpres,

propões e não executas. Há quanto tempo andas tu a formar intenções, que ainda não levaste a efeito? Quantas vezes tens proposto emendar defeitos que ainda conservas, talvez com gravíssimo risco para ti? E, se assim é, parece um contrassenso que consideres os outros isentos duma fraqueza, que em ti reconheces!

Hão-de ser eles mais interessados na tua fidelidade do que tu próprio? Como serão eles sempre e em tudo fiéis para contigo, quando tu muitas vezes o não és a respeito do negócio que mais deve preocupar-te? Mal apoiado está quem se apoia nos homens. O que se gloria de possuir muitos amigos, ignora sem dúvida quanto é difícil encontrar um só amigo verdadeiro.

Quanto mais profunda é a corrupção de um povo, tanto mais rara aí se torna a fidelidade dos amigos. Como serpentes venenosas, que se escondem entre mimosas flores, conseguem muitos Judas passar no meio da sociedade por homens honrados, e armar laços aos incautos. São moedas falsas com todas as aparências de verdadeiras.

Medita bem neste ponto a juventude inexperiencede. Quantas vítimas fazem todos os dias as falsas amizades! Quanta incúria da parte dos pais e mães de família, em vigiarem pela boa sorte de seus filhos!

Quanto a ti, qualquer que seja a tua condição, habitua-te a tomar conselho com Deus em todas as coisas. É ele o teu primeiro e mais fiel Amigo. Amou-te desde toda a eternidade, quando tu ainda eras incapaz de o amar, porque não existias. Ama-te hoje e, quando todos te abandonem, Ele estará sempre à tua disposição, para te receber com a ternura do mais carinhoso dos pais. Se és pobre, Ele pode enriquecer-te; se estás aflito, pode consolar-te. Em todos os lugares te ouve,

em todas as necessidades te atende. As afeições dos homens são inconstantes como as ondas do mar. Não imites, pois, aqueles que no meio das suas amarguras recorrem antes às criaturas que a Deus, e por isso não encontram a consolação que desejam; o teu Senhor quer que o procures em primeiro lugar.

*Escutaí, Senhor, a minha oração e o meu clamor (Ps. 101).*

## CAPÍTULO XLVI

**Confiança que havemos de ter em Deus quando nos disserem palavras afrontosas**

1 — M. Filho, está firme e espera em mim. Que coisas são as palavras senão palavras? Voam pelo ar, mas não ofendem a quem está firme e sólido como o rochedo.

Se estás culpado propõe emendar-te, e se não tens culpa, trata de sofrer por amor de Deus.

Não é muito que sofras sequer palavras, já que não podes ainda sofrer graves castigos.

Porque razão te ferem tão leves coisas, senão porque és carnal, e fazes mais caso dos homens do que convém.

Porque temes ser desprezado, se não queres ser repreendido das tuas faltas, e tratas de te defender com desculpas.

2 — Considera-te com mais atenção e reconhecerás que vive ainda em ti o mundo, e o vão desejo de agradar aos homens.

Porque, quando foges de ser abatido e confundido por teus defeitos, mui claramente mostras que não és em verdade humilde, nem estás totalmente morto ao mundo, nem o mundo está para ti crucificado.

Ouve as minhas palavras, e não farás caso das que disserem os homens.

Ainda que contra ti dissessem quantas palavras se podem maliciosamente fingir, que te prejudicariam, se de todo as deixasses passar, não fazendo mais caso delas que duma palha?

Porventura poderiam arrancar-te um só cabelo?

3 — Quem não anda recolhido interiormente em seu coração, nem trás a Deus diante dos olhos da alma, facilmente se move por uma palavra de desprezo.

Mas quem confiar em mim, e não desejar apegar-se a seu próprio parecer, viverá sem temor dos homens.

Eu sou o que julgo e conheço todos os segredos; sei como se fazem as coisas, conheço quem faz a injúria e quem a sofre.

De mim saiu esta palavra, com permissão minha sucedeu isto, para que se descubram os pensamentos de muitos corações (S. Luc. 2, 35).

Eu julgarei o culpado e o inocente; mas por meu oculto juízo quis primeiro provar a ambos.

4 — O testemunho dos homens ordinariamente é enganoso; o meu juízo é verdadeiro, estará sempre firme e seguro.

Pela maior parte está escondido, e a poucos é manifesto em tudo; porém nunca erra, nem pode errar, ainda que pareça menos justo aos olhos dos néscios.

A mim pois deves recorrer, a mim em todo o juízo, e desconfiar do teu próprio parecer.

Com efeito não se perturbará o justo, seja o que for que lhe advenha da parte de Deus (Prov. 12, 21).

Pouco se lhe dará das palavras que contra ele disserem,

Porque sabe que eu sou o que *prescrito os corações e os pensamentos*, e não julgo segundo o exterior e as aparências humanas, pois muitas vezes a meus olhos aparece culpável o que no juízo humano é digno de louvor.

5—D. Senhor Deus, Juiz justo, forte e paciente, que conheceis a fraqueza e a maldade dos homens, sede a minha fortaleza e toda a minha confiança, porque não me basta a minha consciência para tranquilizar-me.

Vós sabéis o que eu não alcanço, e por isso me devo humilhar em toda a repreensão, levando-a com paciência.

Perdoai-me, piedosíssimo Senhor, todas as vezes que assim o não fiz, e dai-me graça para ser mais sofrido.

Porque a vossa infinita misericórdia me é mais útil para alcançar o perdão, do que a minha imaginada justiça para defender o que está oculto na minha consciência.

E posto que *ela me não acuse* (1. Cor. 4, 4), ainda assim me não devo ter por justo; porque sem o patrocínio da vossa misericórdia *ninguém será justificado na vossa presença* (Ps. 143, 1).

NOTA — Pela queda de nossos primeiros pais ficamos sujeitos a dois trabalhos, ambos pesados: um interior e secreto, que nos obriga a lutar incessantemente contra as nossas inclinações desordenadas, outro exterior pelo qual temos de comer o pão com o suor do nosso rosto. A corrente do mal, que começou no Paraíso, vai-se engrossando através das gerações decaídas. Vêde as crianças ainda no regaço de suas mães: já se mostram irritadas contra tudo quanto as contraria.

A par do desenvolvimento do corpo crescem as tendências morais, que a educação primeiro e

o esforço individual depois devem dirigir com desvelo. Sob o ponto de vista moral, estamos em via de formação e aperfeiçoamento durante a vida inteira: teremos sempre defeitos a corrigir, lutas a sustentar, dificuldades a vencer.

Levar com resignação cristã as afrontas, que nos dirigem, é das coisas mais difíceis e também mais meritórias. *Sereis felizes quando vos amaldiçoarem e perseguirem, e mentirosamente vos acusarem por causa de mim; regozijai-vos e exultai porque a vossa recompensa no Céu é abundante; com efeito, assim foram perseguidos os profetas, que existiram antes de vós* (S. Mat. 5, 11-12).

Apreciadas segundo os melindres do nosso amor próprio, as palavras injuriosas são amargas e pungentes; vistas aos olhos da fé, tornam-se esperançosas e consoladoras. Que arguição houve que não fizessem a Jesus Cristo? Acusaram-no de glutão, ébrio, amigo dos publicanos e dos pecadores, endemoninhado, amotinador do povo e blasfemo. Ora, se o teu divino Mestre sofreu com mansidão de cordeiro tão insultuosas palavras, que deverás fazer tu, — réu de inúmeros pecados?

Bom é que pagues com o que receberes: se do próximo receberes algumas injúrias, lembra-te que muito maiores e mais numerosas as tens tu cometido contra o teu Senhor. Eis a doutrina que deves tomar como regra de conduta, se bem que possam ocorrer circunstâncias especiais, em que te seja útil e até necessário defender por meios legítimos a tua honra ou a tua fama ultrajadas. Mais te aproveita receber afrontas com humildade, do que louvores com prazer.

## CAPÍTULO XLVII

Que se devem sofrer todas as coisas graves  
pela vida eterna

1 — M. Filho, não te quebrantem os trabalhos, que tomaste por meu amor, nem te derribem de todo as tribulações, mas fortaleça-te e console-te a minha promessa em todo o successo.

Eu basto para te premiar, acima de todo o limite e medida.

Não trabalharás aqui muito tempo, nem sempre serás molestado com dores.

Espera um pouco, e verás muito cedo o fim de teus males.

Virá uma hora em que cessará todo o trabalho e a dor.

Pouco e breve é tudo o que passa com o tempo.

2 — Faze pois o que fazes; trabalha fielmente na minha vinha, que eu serei o teu galardão.

Escreve, lê, canta, suspira, cala, ora, sofre varonilmente toda a adversidade.

Digna é a vida eterna destas e outras maiores pejejas.

Virá a paz um dia, que o Senhor sabe: não haverá distinção entre o dia e a noite, como nesta vida temporal, mas luz perpétua, claridade infinita, paz firme e descanso seguro.

Não dirás então: *Quem me livrará deste corpo mortal?* (Rom. 7, 24).

Nem suspirarás: *Ai de mim que se há dilatado o meu desterro!* (Ps. 119, 5).

Porque a morte será destruída e a vida se logrará sem achaque; não haverá moléstia, mas alegria bem-aventurada, companhia suave e honrosa.

3 — Oh! se visses as coroas eternas dos santos do Céu, e quanta glória gozam agora os que

eram neste mundo desprezados e tidos por indignos da mesma vida!

Certo que logo te humilharias e desejarias antes ser sujeito a todos, que superior nem ainda a um só.

Nem desejarias os passatempos desta vida; mas só gostarias de ser atribulado por amor de Deus, e terias por grandíssimo lucro ser tido em nada entre os homens.

4 — Oh! se gostasses destas coisas e elas te penetrassem profundamente o coração, nem uma só vez ousarias queixar-te!

Porventura não é bom que se sofram todos os trabalhos pela vida eterna?

Certo que não é pouco ganhar ou perder o reino de Deus.

Levanta, pois, o teu pensamento ao Céu e vê comigo todos os santos, que nesta vida tiveram grandes combates; agora estão seguros, alegres e descansados, e permanecerão na minha companhia sem fim no reino de meu Pai.

NOTA — Todo o dever é uma necessidade moral, e todas as necessidades morais se ordenam para um só fim último, que é a felicidade eterna. O corpo tem que satisfazer as necessidades físicas para bem servir o espírito; o espírito está subordinado a necessidades morais, que ligam o homem ao seu eterno destino: ou chegar à suma felicidade pelo caminho da virtude, ou seguir o pendor da natureza corrompida e mergulhar num abismo de intermináveis horrores. Nada há de grande nos interesses do tempo, senão o que se relaciona com os interesses da eternidade.

A vida da natureza ordena-se para a vida da graça, e esta para a vida da glória. Na vida da natureza está o nosso desterro, na da glória a

nossa pátria, na da graça o nosso merecimento. Por isso devemos caminhar na terra com os olhos sempre fixos no Céu. Está muito alto o prémio que há-de coroar os nossos merecimentos; não se pode chegar lá sem trabalhos e fadigas. Entretanto é necessário porfiar.

Sentes-te desanimado a meio do caminho, ao veres os inimigos, que te ameaçam, os espinhos que te ferem, os precipícios que te cercam? Avante, à frente, porque já falta pouco para chegares ao fim, e quanto maiores tiverem sido os trabalhos, tanto mais superabundante será o galardão. Só é de verdadeiro valor o que vale para a eterna verdade. Só é verdadeiro bem aquilo que serve de meio para chegar à posse perfeita do sumo bem. *Com efeito não temos aqui morada permanente mas buscamos uma futura* (Hebr. 13, 14).

A experiência, a razão, a consciência e a fé dizem-nos que nesta vida não há verdadeira felicidade. O coração humano não se sacia com um bem fugitivo; quer a união e a posse plena de todos os bens. Se é verdade que não podes fugir aos sofrimentos — que são uma condição da natureza humana — porque motivo razoável deixarás de utilizá-los, como bom cristão? *Illuminai os meus olhos, Senhor, para que não adormeça jamais na morte* (Ps. 12, 4).

### CAPÍTULO XLVIII

Do dia da eternidade e das angústias desta vida

1 — D. Ó beatíssima morada da cidade soberana!

Ó dia claríssimo da eternidade, que a noite não escurece, mas a suma verdade sempre ilumina,

dia sempre alegre, sempre seguro, que nunca tem mundaça na sua firmeza!

Oh! se já amanhecera este dia e se acabaram todas estas coisas temporais!

Brilha por certo este dia para os santos com perpétua claridade; mas só de longe e como em espelhos para os peregrinos na terra.

2 — Sabem os cidadãos do Céu quão ditoso e alegre é aquele dia da vida eterna; sentem os desterrados filhos de Eva quão triste e desabrido seja este da vida presente.

Os dias desta vida são poucos e maus, cheios de dores e angústias; neles se mancha o homem com muitos pecados, se enreda com muitas paixões, se molesta com muitos temores, se diverte com muitos cuidados, se distrai com muitas curiosidades, se embarça com muitas vaidades; aqui é cercado de muitos erros, gasto de muitos trabalhos; perseguido de tentações, enervado pelas delícias e atormentado com a pobreza.

3 — Oh! quando terão fim todos estes trabalhos?

Quando me verei livre do miserável cativoiro dos vícios?

Quando me lembrarei, Senhor, só de vós?

Quando me alegrarei perfeitamente em Vós?

Quando estarei sem nenhum impedimento em verdadeira liberdade, sem aflição da alma e do corpo?

Quando haverá paz sólida, paz sem perturbação nem perigo, de dentro e de fora, paz firme por todas as partes?

O' bom Jesus, quando estarei diante de vós para vos ver?

Quando contemplarei a glória do vosso reino?

Quando me sereis tudo em todas as coisas?

Oh! quando estorei convosco no reino, que preparastes eterno, para vossos escolhidos?

Olhai, Senhor, que fiquei pobre e exilado em terra de inimigos, onde há guerras contínuas e grandes desgraças.

4 — Consolai o meu desterro, mitigai a minha dor, porque por vós suspira todo o meu desejo.

Tudo o que o mundo me oferece para alívio é para mim tormentoso.

Desejo gozar-vos intimamente, mas não vos posso alcançar.

Desejo estar unido às coisas celestes, mas abatem-me as temporais e as paixões não mortificadas.

Quero levantar-me com o pensamento sobre todas as coisas, mas contra minha vontade me é forçoso sujeitar-me à carne.

Assim eu mesmo, homem desgraçado, pejeo comigo, e a mim próprio me torno pesado (Job, 7, 20), enquanto o espírito quer subir e a carne está em baixo.

5 — Oh! quanto padeço no meu interior, quando com o pensamento discorro pelas coisas celestes, e logo me ocorre um tropel de coisas do mundo!

Deus meu, não vos afasteis de mim, nem vos aparteis com ira do vosso servo (Ps. 26, 9).

Lançai os vossos raios e desfazei estas sombras; despedi as vossas setas e desbaratai ao inimigo as suas máquinas.

Recolhei em vós todos os meus sentidos, e fazei que me esqueça de todas as coisas do mundo, e que logo lance fora e despreze todas as imaginações viciosas.

Socorrei-me, Verdade eterna, para que nenhuma vaidade me leve após de si.

Vinde, suavidade celestial, e fuja da vossa vista toda a torpeza.

Perdoai-me, Senhor, pela vossa misericórdia, as minhas distrações na oração.

Confesso com verdade que muitas vezes estou nela mui distraído; porque não estou onde tenho o corpo, mas onde me levam os meus pensamentos.

Estou onde está o meu pensamento. Está frequentemente o meu pensamento, onde está o que amo.

Ocorre-me com facilidade aquilo que naturalmente me deleita, ou por costume me agrada.

6 — Por isso vós, que sois a mesma Verdade, claramente dissestes: *onde está o teu tesouro, lá está o teu coração* (Mat. 6, 21).

Se amo o Céu, de boa vontade cuido nas coisas celestiais; se amo o mundo, alegro-me com suas felicidades, e entristeço-me com as suas desgraças.

Se amo a carne, muitas vezes imagino nas suas coisas.

Se amo o espírito, deleito-me em cuidar nas coisas espirituais porque folgo de lembrar e ouvir todas as coisas que amo, e as imagens e espécies delas trago comigo para casa.

Mas, senhor, bem-aventurado é aquele que por vosso amor dá de mão a todas as criaturas: faz violência à natureza, e crucifica os apetites da carne com o fervor do espírito, para que, serenada a consciência, vos ofereça oração pura, e seja digno de assistir aos coros angélicos, excluindo exterior e interiormente todas as coisas da terra.

NOTA — Imagina um filho que, desterrado em país afastado, passa os seus dias em duros trabalhos, aguardando ansioso a hora, em que lhe seja dado reunir os seus salários e tomar o caminho da pátria, onde o espera um pai amoroso. Quantas vezes se verá ele acometido e quase vencido do de-

salento, no meio das mil contrariedades desse exílio prolongado? Que aflitiva é a sua sorte! Procura amigos e encontra traidores; busca a paz, e talvez que por toda a parte se lhe depare a guerra.

Sabe que possui um pai extremoso e uma mãe carinhosa mas não os vê face-a-face: para onde alargará ele as suas vistas nas horas de pesado infortúnio? Para onde lhe fugirão as aspirações veementes da alma, e os affectos espontâneos do coração, ao ver-se torturado por successivos desenganos? Sem dúvida, para a sua querida pátria, onde a felicidade lhe sorri com indefiníveis atractivos. Se és um cristão animado de viva fé, eis aí em ligeiro quadro a imagem da tua vida. Quem vive aferado ao gozo dos bens temporais está longe de poder allear-se à dignidade dum verdadeiro cristão.

E apesar disso, se lançamos os olhos para o mundo, vemos que a grande maioria dos homens parece ter de todo renunciado à glória eterna. Não se lhe nota aquela fome e sede de justiça que distingue os eleitos: *felizes os que têm fome e sede de justiça porque esses serão saciados* (S. Mat. 5, 6); quer dizer, felizes os que se esforçam por conhecer e possuir a Deus porque esses trilharam o caminho que conduz à verdadeira felicidade.

Muitos são os sequiosos, que no mundo vivem abrasados pelo ardor das paixões; muitos os famintos, que procuram saciar os seus appetites brutais. Debalde porém se afadigam; a taça dos prazeres, com que tentam inebriar-se, aumenta-lhes a sede e a fome. Onde procuravam gozos encontraram amarguras; porque o castigo do criminoso começa no momento do crime.

*Pois não sabeis que os vossos membros são templo do Espírito Santo, que em vós existe, recebido de Deus, e que não sois vossos? Com effeito, fostes resgatados por grande preço* (1. Cor.

6, 19-20). Para que esse preço nos aproveitê, é necessário que saibamos suportar até ao fim as provações do nosso desterro.

## CAPÍTULO XLIX

**Do desejo da vida eterna, e quão grandes bens estejam prometidos aos que pelejam**

1—M. Filho, quando sentes que do Céu se te comunica o desejo da eterna bem-aventurança, e desejas sair do cárcere do corpo, para poderes contemplar a minha claridade, sem sombra de mudança, dilata o teu coração e recebe esta santa inspiração com todo o affecto.

Dá muitas graças à soberana bondade, que é tão liberal contigo, visitando-te com clemência, excitando-te com fervor, elevando-te com mão poderosa, para que com teu próprio peso te não abatas às coisas terrenas.

Porque não recebes estas mercês por tuas diligências ou forças, mas só pelo querer da graça soberana e do beneplácito divino, para que aproveites nas virtudes, cresças em humildade, e te prepares para as futuras batalhas; para que procures unir-te comigo em todo o affecto do coração, e servir-me com vontade fervorosa.

2—Filho, muitas vezes arde o fogo, mas não sobe a chama sem fumo.

Assim também os desejos de alguns se abrasam pelas coisas celestiais, e ainda não estão livres da tentação do amor carnal.

E por isso não fazem puramente pela honra de Deus o que com tanto desejo lhe pedem.

Tal costuma ser algumas vezes o desejo, que me mostrastes com tanta importunação; porque não é puro, nem perfeito o que está infeccionado com algum interesse próprio.

3 — Pede, não o que te é agradável e cómodo, mas o que me é aceite e honroso; porque, se rectamente julgas, deves antepor a minha lei ao teu desejo, e segui-la.

Eu conheço o teu desejo, e escuto os teus continuos gemidos.

Já querias estar na liberdade da glória dos filhos de Deus; já te delicia gozar a vida eterna e a pátria celestial, cheia de gozo e alegria; mas essa hora ainda não chegou para ti; ainda é tempo de guerra, de trabalho e provação.

Desejas ser cheio de sumo gozo, mas não podes alcançar isto agora.

Eu sou: espera-me (diz o Senhor) até que venha o reino de Deus.

4 — Hás-de ser ainda provado na terra e exercitado em muitas coisas.

As vezes se te dará consolação, mas não até à saciedade.

*Esforça-te, pois, e sé valente* (Deut. 31, 7), tanto em obras, como em padecer coisas contrárias à natureza.

Importa que te revistas do homem novo e te demudes noutro homem.

Convém-te fazer muitas vezes o que não queres, e deixar o que queres.

O que agrada aos outros terá preferência, e o que te agrada não se fará; o que os outros dizem será ouvido, e o que tu dizes será tido em nada.

Pedirão os outros e receberão; tu pedirás e não alcançarás.

5 — Serão grandes os outros na boca dos homens e de ti não se fará caso.

Aos outros se encarregará este ou aquele negócio, e tu serás tido por inútil.

Por isto se entristecerá algumas vezes a natureza, e muito farás se isto sofferes em silêncio.

Nestas e semelhantes coisas é provado o servo fiel do Senhor, para que se veja como se sabe negar e mortificar em tudo.

Apenas se achará coisa em que tanto te convenha morrer a ti mesmo, como em ver e padecer o que é contrário à tua vontade, principalmente quando te mandam fazer coisas que a teu parecer são fora da razão e de pouco proveito.

E porque tu, estando debaixo do governo do superior, te não atreves a contradizê-lo, por isto te parece coisa dura andar à vontade de outrem, e deixar de todo o teu próprio parecer.

6 — Mas considera, filho, o fruto destes trabalhos, o fim breve e o prêmio excessivamente grande, e não te serão molestos, mas tirarás deles consolação que alente a tua paciência.

Porque por este pouco de vontade própria, que agora voluntariamente deixas, farás sempre a tua vontade nos Céus; porque ali acharás tudo o que quiseres e o que podes desejar.

Ali possuirás todo o bem, sem temer de o perder; ali a tua vontade, unida sempre com a minha, não desejará coisa alguma particular.

Ali ninguém te fará resistência, ninguém se queixará de ti, ninguém te impedirá, nem se te oporá, mas terás presentes todas as coisas desejadas, e será satisfeito em tudo o teu affecto.

Ali te darei glória pela injúria padecida; honroso louvor pela tristeza, e pelo lugar desprezível o assento em meu reino para sempre.

Ali apparecerá o fruto da obediência, alegrar-se-á o trabalho da penitência, e será gloriosamente coroada a sujeição humilde.

7 — Por isso, sujeita-te humildemente à vontade de todos; nem se te dê de saber quem disse ou mandou isso.

Mas tem grandíssimo cuidado, que ou seja pre-

lado ou superior, ou menor, ou igual quem te pedir, ou mandar alguma coisa, tudo tenhas por bem e procures fazê-lo com sincera vontade.

Busque cada um o que quiser; glorie-se este nisto e aquele naquilo, e seja milhares de vezes louvado; porém tu deleita-te só no desprezo de ti mesmo, e no beneplácito e honra de Deus.

Isto é o que deves desejar: — que pela tua vida ou pela tua morte seja sempre Deus glorificado.

NOTA — Só a vida eterna merece com toda a propriedade o nome de vida. A vida temporal anda sempre envolvida no sudário da morte; com a vida começa a viagem para a morte; cada momento que se vive representa um passo que se adianta para a sepultura. Começaste a morrer, quando começaste a viver: pela porta da vida entraste para o império da morte. Se sofres, gastas a vida; se gozas também a gastas. A vida temporal é um misto de vida e morte. Não pode portanto chamar-se verdadeira vida.

E qual é a vida que o teu coração deseja? Uma vida, em que se goze o sumo bem, sem mistura do mínimo mal; uma vida que se possua em toda a plenitude, sem receio de se perder — a vida eterna. A tendência para essa vida é imanente no coração do homem: o lavrador que planta uma árvorezinha, o sábio que perscruta os segredos da ciência, o grande artista, que liga o seu nome a monumentos imorredouros, todos revelam a sua aspiração pela eternidade.

O coração humano não erra, quando manifesta o desejo que o Criador lhe imprimiu; o homem é que se engana por vezes, buscando a felicidade onde ela não existe. E' que o homem forma como que um mundo médio entre o Céu e a terra: se

domina as paixões, torna-se em anjo, eleva-se para o Céu; se cede aos apetites, converte-se em demónio, degrada-se até ao inferno.

Es anjo ou demónio? É a tua vida que deve responder; porque a vida presente está intimamente ligada com a eternidade, e esta pode ser ou de supremo gozo ou de supremo castigo. Nada há mais desejável do que a vida eterna: para que chegues porém a possuí-la, não basta que a desejes. Bons desejos sem boas obras são flores sem fruto. Queres mover-te a usar da vida temporal, só na medida em que ela te aproveita para chegares um dia à posse da vida eterna? Pede a Deus as luzes de que necessitas, para conhecer a grandeza dos bens do Céu, e a vaidade das coisas terrenas.

Para bem obrar, muito contribui o bem conhecer. Como há-de apaixonar-se pela vida eterna quem deixa apegar o coração aos gozos da vida temporal? O coração deve ser dirigido pela razão e a razão alumiada pela fé. A isto se reduzem todos os preceitos que tens a cumprir. *Serei saciado, Senhor, quando a vossa glória aparecer* (Ps. 16, 15).

## CAPÍTULO L

Como se deve oferecer nas mãos do Deus  
o homem desolado

1 — D. Senhor Deus, Pai santo, agora e por todo o sempre sêde louvado, porque se fez como quereis, e o que fazeis é bom.

Alegra-se em vós o vosso servo, não em si, nem nalgum outro, porque vós sois verdadeira alegria, vós sois a minha esperança e a minha felicidade.

Que tem o vosso servo, senão o que de vós recebeu sem o merecer?

Vosso é tudo o que lhe destes e fizestes.

*Pobre sou e combatido de trabalhos desde a minha mocidade* (Ps. 87, 16); a minha alma se entristece por vezes até às lágrimas, e outras se perturba pelas paixões que contra ela se levantam.

2 — Desejo o gozo da paz, peço a paz dos vossos filhos, que são por vós apascentados entre os resplendores da consolação.

Se concederdes paz, se infundirdes gozo santo, será a alma do vosso servo cheia de alegria, e devota nos vossos louvores.

Mas se vos apartardes, como muitas vezes fazeis, não poderá percorrer o caminho dos vossos mandamentos, e só dobrará os seus joelhos para bater no peito; porque não lhe vai como nos dias passados, quando resplandecia a vossa luz sobre a sua cabeça, e era defendido das tentações que o combatiam debaixo da sombra das vossas asas.

3 — Pai justo e digno de ser sempre louvado, chegada é a hora em que será provado o vosso servo.

Pai digno de ser amado, justo é que nesta hora padeça alguma coisa por vós o vosso servo.

Pai digno de ser venerado perpetuamente, chegou a hora que *ab aeterno* sabíeis que havia de vir, na qual esteja por um pouco de tempo abatido o vosso servo, mas viva sempre interiormente diante de vós.

Seja por um pouco desprezado e humilhado; desfaleça diante dos homens e seja consumido com paixões e enfermidades, para que ressuscite convosco na aurora da nova luz, e seja clarificado nos Céus.

Pai santo, vós assim o ordenastes e assim o quisestes, e fez-se o que ordenastes.

4 — Esta é a mercê que fazeis ao vosso amigo :

que por vosso amor padeça e seja atribulado neste mundo, quantas vezes vós o permitirdes e por qualquer homem que seja.

Nenhuma coisa se faz na terra sem o vosso conselho providencial, e sem alguma causa.

*Senhor, bom é para mim que me hajais humilhado, para que aprenda as vossas justificações, e lance fora do meu coração toda a presunção e soberba* (Ps. 118, 71).

Proveitoso é para mim que a confusão cubra o meu rosto, para que procure a consolação em vós e não nos homens.

Também nisto aprendi a temer o vosso incompreensível juízo: afligis o justo com a perverso, mas não sem equidade e justiça.

5 — Graças vos sejam dadas, que não perdoastes as minhas maldades, mas castigaste-me com duros açoites, afligindo-me com dores, e interior e exteriormente com angústias.

Não há quem me console, de todos os que vivem debaixo do Céu senão vós, Senhor Deus meu, celestial médico das almas, *que ferts e sarais, pondes em grandes tormentos e livrais deles* (Tob. 13, 2)

Venha sobre mim a vossa correcção, que o vosso castigo me ensinará.

6 — Pai querido, aqui estou na vossas mãos, e me inclino à vara da vossa correcção.

Peri as minhas costas e a minha cerviz, para que sujeite a minha vontade à vossa.

Fazei-me discípulo devoto e humilde, como costumais, para que obedeça ao vosso menor aceno.

Com todas as minhas coisas me entrego a vós, para que me emendeis.

Melhor é ser castigado neste mundo que no outro.

Vós sabeis todas as coisas, e cada uma em particular, e nada se vos esconde da consciência humana.

Antes que se façam as conheceis no futuro; e não tendes necessidade que outrem vos ensine, ou avise das coisas que se fazem na terra.

Vós sabeis o que convém para meu aproveitamento, e quanto importa a tribulação para expurgar a ferrugem dos vícios.

Fazei em mim a vossa vontade, e não desprezeis a minha estragada vida, de ninguém melhor nem mais claramente conhecida que de vós.

7 — Senhor, dai-me luz para saber o que devo saber, amar o que devo amar, louvar o que vos é sumamente agradável, estimar o que na vossa estimação é precioso, aborrecer o que a vossos olhos é feio.

Não permitais que julgue *segundo a vista dos olhos* exteriores, nem sentencie *segundo o que ouço* dos homens ignorantes; mas dai-me graça para que saiba discernir com verdadeiro juízo entre as coisas espirituais e as visíveis, e buscar sempre e em tudo o beneplácito da vossa vontade.

8 — Muitas vezes se enganam os sentidos dos homens, em julgar, e os mundanos se enganam também em amar sómente o visível.

Porventura ficará melhor o homem porque outro o louva?

O falso engana ao falso, o vão ao vão, o cego ao cego, o doente ao doente: os vãos louvores só podem servir de confusão para quem os recebe.

Porque quanto cada um é aos olhos de Deus, tanto é e não mais, diz o humilde S. Francisco.

NOTA — O valor das nossas oferendas diante de Deus está dependente das disposições da nossa vontade; damos muito quando damos de boa

vontade o que Deus nos pede: *meu filho, dá-me o teu coração* (Prov. 23, 26). Deus primeiro olha para o coração do que para as mãos do oferente.

Abel fazia oblações ao Senhor e Caim também as fazia, mas com resultado muito diverso: as de Caim eram desprezadas e as de Abel aceitas: *e o Senhor olhou favoravelmente para Abel, e para as suas dádivas* (Gen. 4, 4). E porque não olhou nem para Caim nem para as suas ofertas? Porque as ofertas de Caim eram desacompanhadas da oferta do seu coração, e Deus quer primeiro que tudo a oferta de um coração puro. Se o coração de Caim não agradava ao Senhor, que valor podiam ter os frutos da terra, oferecidos pelo mesmo Caim? Eram sem valor as ofertas, porque era sem amor o coração do oferente.

Grande lição esta para muitas pessoas que, no meio das suas enfermidades e aflições, costumam fazer promessas e votos sem cuidarem, primeiro que tudo, de se tirarem do estado de pecado mortal, por meio duma confissão bem feita. Fazem ofertas a Deus e não tratam de se reconciliar com Ele! Invocam a protecção dos santos e ultrajam o Santo dos santos.

Tiremos das provações que Deus nos enviar o maior fruto possível: *feliz o homem que é repreendido por Deus; não recuses, pois, a exprobração do Senhor* (Jo. 5, 17). Imitemos o exemplo dos santos. *S. Marco e S. Marcelino, irmãos e romanos, tendo sido presos pelo general Fabiano, foram amarrados a um poste e pregados pelos pés com cravos. Voltando-se para eles o juiz, disse-lhes: olhai, ó miseráveis, escapai-vos também destes tormentos! — Eles responderam: nunca tivemos festim que tanto nos deliciassemos, como este de sofret de boa vontade por causa de Jesus Cristo, em cujo amor come-*

camos agora a ser cravados. Praza a Deus que não seja permitido sofrer estes tormentos durante todo o tempo que estivermos revestidos deste corpo corruptível. Tendo passado a cantar louvores ao Senhor um dia e uma noite, no meio dos suplicios, alcançaram finalmente a palma do martírio, atravessados a golpes de lança (Breviário de 18 de Junho). O cristão que assim se entrega nas mãos de Deus, com inteira submissão, é um cristão perfeito. Quão raros são hoje esses cristãos !

### CAPÍTULO LI

Como nos devemos aplicar às obras humildes quando não podemos entregar-nos às altas

1 — M. Filho, não podes estar sempre no fervoroso desejo das virtudes, nem perseverar no mais alto grau de contemplação; mas às vezes te é necessário, pela corrupção original da tua natureza, descer a coisas humildes, e levar a carga desta corruptível vida, ainda que seja contra vontade e com enfado.

Enquanto possuíres esse corpo mortal, sentirás desabrimento e peso no coração.

Por isso te convém gemer muitas vezes na carne e sob o peso da carne, porque não podes ocupar-te dos exercícios espirituais e contemplação das coisas divinas.

2 — Neste tempo convém que te ocupes em obras humildes e exteriores, consolando-te em fazer bons actos, esperando a minha vinda e a visita do Céu com firme confiança; leva com paciência o teu desterro e segura do espirito, até que outra vez te visite e sejas livre de todas as moléstias.

Porque eu te farei esquecer os trabalhos e gozar do sossego interior.

Estenderei diante de ti os prados das Escrituras, para que com o coração dilatado corras pelo caminho dos meus mandamentos.

E dirás: não têm proporções as penas desta vida com a glória futura que se nos há-de manifestar (Rom. 8, 18).

NOTA — Nem sempre é tempo para tudo: há tempo de guerra e tempo de paz (Eccles. 3, 8). O que numas ocasiões nos oferece prazer, noutras causa-nos aborrecimento. Muitas vezes nos sentimos contrariados e mal dispostos, sem sabermos explicar a razão disso. Somos crianças em todas as idades da vida: um nada nos alegra, um nada nos contrista. Nenhum temperamento existe tão equilibrado que, num momento ou noutro, se não sinta oprimido por alguma adversidade. A causa geral destas alternativas encontra-se na nossa própria natureza.

De bom grado suportamos os males de baixo, quando nos é infundida em abundância a graça de cima. *Vejo porém nos meus membros outra lei que repugna à lei da minha razão, e que me cativa sob a lei do pecado, que existe nos meus membros. Sou um homem infeliz, quem me libertará deste corpo mortal? A graça de Deus por Nosso Senhor Jesus Cristo. Pela alma, pois, obedeço à lei de Deus; pela carne, ao contrário, à lei do pecado* (Rom. 7, 23-25). O homem que assim escrevia aos Romanos fora perseguidor encarniçado, antes de ser apóstolo fervoroso da verdadeira doutrina.

Tomara o caminho de Damasco para aí repetir as violências sectárias, que primeiro tinha praticado em Jerusalém. Ao aproximar-se da cidade sente-se rodeado dum fulgor celeste, e ouve uma voz que lhe clama: *Saulo, Saulo, porque é que*

*me persegue?* (Act. 9, 4). Quem lhe falava era o próprio perseguido, era Jesus, e Saulo, apressa-se a responder com outra pergunta: *Senhor, que quereis que eu faça?* Eis o triunfo da graça divina; Saulo já só deseja conhecer a vontade do Senhor para a praticar; obedece à voz que o chama, escuta Ananias, e de Saulo torna-se S. Paulo. Sofreu muito e de muitos modos, até ser martirizado em Roma, mas pelejou sempre o bom combate.

Quantas vezes terás tu ficado surdo aos avisos de Deus? Quererias talvez que a vida te corresse sempre como um céu sem nuvens; isso porém é impossível, atenta a condição humana e a economia cristã. O salário é para quem trabalha, e o trabalho, pode variar-se, para alívio do trabalhador, sem que se falte ao cumprimento dos deveres. Não trabalha pouco quem se esforça por accitar de bom grado as disposições da Providência.

Não tortures, pois, inutilmente nem o corpo, nem o espirito. Todas as coisas têm o seu tempo próprio, e as disposições da alma dependem das do corpo. Muito sabe quem sabe aproveitar-se das ocasiões para fazer-se melhor.

## CAPÍTULO LH

Como não deve ter-se o homem por digno de consolação, mas só de castigo

1—D. Senhor, eu não sou digno da vossa consolação, nem de visita alguma espiritual, e por isso justamente vos haveis comigo, quando me deixais pobre e desconsolado.

Porque se eu pudesse chorar tantas lágrimas, que igualassem o mar, ainda não seria digno da vossa consolação.

De maneira que nenhuma outra coisa mereço senão ser açoitado e castigado; porque gravemente vos ofendi muitas vezes e cometi muitos delictos de muitos modos.

Se pois bem me examino, não sou digno de consolação alguma por pequena que seja.

Mas vós, benigno e misericordioso Senhor, que não quereis que vossas obras pereçam, para mostrardes as riquezas da vossa bondade nos vasos da nossa miséria, tendes por bem consolar de modo sobre-humano o vosso servo, ainda além de todo o merecimento.

Porque as vossas consolações não são como as humanas.

2— Senhor, que tenho eu feito para que me dêsseis alguma consolação celestial?

Não me lembro de ter feito bem algum, mas de ser sempre inclinado a vícios, e preguiçoso em me emendar.

Eis uma verdade, que eu não posso negar.

Se dissesse outra coisa, vós estaríeis contra mim e não haveria quem me defendesse.

Que tenho eu merecido por meus pecados, senão o inferno e o fogo eterno?

Com toda a verdade confesso que sou digno de todo o escárneo e desprezo, e que não mereço estar entre os vossos servos.

E, posto que ouça isto de má vontade, em defesa da verdade lancei contra mim os meus pecados, para que mais facilmente mereça alcançar a vossa misericórdia.

3— Que direi eu, réu e cheio de toda a confusão?

Não tenho boca para dizer senão estas palavras: pequei. Senhor, pequei, havei misericórdia de mim, perdoai-me.

Esperai-me um pouco para que chore a mi-

*nha dor, antes que vá para a terra cheia de trevas e coberta da escuridão da morte* (Job, 10, 20, 21).

Que quereis vós, Senhor, de tão culpado e miserável pecador, senão que se humilhe e tenha contrição de seus pecados!

Da verdadeira contrição e interior humildade nasce a esperança do perdão; com elas reconcilia-se a consciência perturbada, recupera-se a graça perdida, livra-se o homem da ira futura, e une-se em santa paz com Deus a alma arrependida.

4 — Senhor, a humilde contrição dos pecados é para vós sacrifício mui aceito, e mais suave na vossa presença que o incenso.

Este é o unguento agradável que quisestes se derramasse a vossos pés, porque nunca desprezastes o coração contrito e humilhado.

Aqui está o lugar de refúgio para quem foge do furor do inimigo.

Aqui se emenda e lava todo o que noutra lugar se transviou ou manchou.

NOTA — Um dia no litoral de Genezareth, quando acabava de falar às turbas de cima de uma barca, disse Jesus Cristo a Simão Pedro: *toma ao largo e lança as redes para pescar. E Simão respondeu-lhe: Mestre, trabalhámos toda a noite e nada pescámos; em obediência porém à vossa palavra, lançarei as redes. E tendo feito isso pescaram tantos peixes que as redes se rompiam com o peso. Fizeram sinal aos companheiros, que estavam noutra barca, para que viessem e os ajudassem. Vieram com efeito e encheram ambas as barcas, de tal modo que elas ameaçavam ir a pique. Vendo isto Simão Pedro, lançou-se aos pés de Jesus Cristo, dizendo: afastai-vos de*

*mim, Senhor, porque sou um homem pecador* (S. Luc. 5, 4-8).

Fatigados das lutas da vida, também nós, como os pescadores de Genezareth, a cada passo nos sentimos tristes por não vermos os frutos dos nossos trabalhos. Mas donde é que nasce o nosso desalento? Da má direcção do nosso trabalho: move-nos mais a vaidade do que a caridade, obramos segundo os nossos caprichos, e não segundo a vontade de Deus; contamos demasiado com as nossas forças e não procuramos a graça divina. Apesar disso a misericórdia de Deus não nos abandona: vem visitar-nos no cárcere de nosso desterro para nos inspirar alento. Felizes de nós se então soubermos receber a sua visita, como Simão Pedro, com uma perfeita contrição dos nossos pecados!

A miséria de um pecador mede-se pela gravidade de seus crimes: o maior criminoso é o maior miserável. Quando a graça divina ilumina a consciência do pecador e lhe desperta o remorso, é então chegado para ele o momento feliz de cair arrependido aos pés de Jesus Cristo, e confessar os seus pecados. E' insondável o abismo em que se afundou, e ao volver os olhos para as suas iniquidades encontra mil razões para exclaimar: Senhor, afastai-vos de mim, porque eu sou, não só pecador, mas grande pecador.

Entretanto, se abrir o seu coração à graça que o chama, sentir-se-á movido a confiar no Senhor, que está sempre pronto para receber os arrependidos: *vós, Senhor, não desprezais um coração contrito e humilhado* (Ps. 50, 19). A contrição purifica dos pecados; a humilhação cura a soberba e dos grandes pecadores faz grandes penitentes.

Trabalha, pois, em juntar a contrição com a

humilhação. As consolações são dádivas da misericórdia divina, e não prêmios devidos aos teus merecimentos.

### CAPÍTULO LIII

*A graça de Deus não se comunica aos que gostam de coisas terrenas*

1 — M. Filho, preciosa é a minha graça; não sofre misturas de coisas estranhas, nem de consolações terrenas.

Por isso importa que lances fora todos os impedimentos da graça, se desejas receber a sua influência na tua alma.

Busca lugar apartado e gosta de viver só contigo; não busques a conversação dos outros, mas faze devota oração a Deus, para que te dê compunção de espírito e pureza de consciência.

Não faças caso do mundo e antepõe a todas as coisas exteriores a vocação de Deus; porque não poderás conversar comigo e juntamente deleitar-te com o transitório.

Convém afastar-te dos conhecidos e amigos, e ter a alma despojada de toda a consolação temporal.

O apóstolo S. Pedro (Epíst. 1.<sup>a</sup>, 2, 11) recomenda aos fiéis cristãos que vivam com tal sobriedade, que pareçam estrangeiros e peregrinos neste mundo.

2 — Oh! quanta confiança terá na morte aquele cujo affecto não está preso a coisa alguma do mundo!

O nosso fraco entendimento não alcança que coisa seja ter o coração apartado de todas as coisas; nem o homem sensual conhece a liberdade do homem interior.

Se porém quiser ser verdadeiramente espiritual

convém que deixe os estranhos e os parentes, e de ninguém se guarde mais que de si mesmo.

Se te venceses a ti perfeitamente, tudo o mais sujeitarás com facilidade.

Triunfar de si mesmo é a mais perfeita vitória.

Porque aquele que se domina a ponto de sujeitar os sentidos à razão, e a razão a Deus, esse verdadeiramente é vencedor de si mesmo, e senhor do mundo.

3 — Se aspiras a subir a esta altura, importa que comeces varonilmente e ponhas o machado à raiz, para que arranques e destruas a desordenada e escondida inclinação que tens a ti mesmo, a todo o bem próprio e material.

Deste amor desordenado, com que o homem se ama, depende quase tudo o que de raiz se há-de vencer; e vencido e sujeito isto, logo haverá grande paz e tranquillidade.

Mas porque poucos trabalham perfeitamente por morrerem a si mesmos; e não sacm de todo do seu próprio parecer, por isso ficam embaraçados com os seus affectos, e não se podem levantar sobre si mesmos em espírito.

Entretanto, quem desça andar comigo livremente é necessário que mortifique todas as suas más e desordenadas afeições, e que não se apegue a criatura alguma com amor de concupiscência.

NOTA — A ninguém é lícito fazer-se escravo dos prazeres sensuais. Servir o demónio na escravidão das paixões, e servir ao mesmo tempo a Deus em estado de graça, é de todo impossível. Entendidas neste sentido, as consolações terrenas são incompatíveis com a graça.

Dentro dos limites das coisas lícitas, nem todos são obrigados à mesma abstinência e sobriedade.

o que é permitido a uns pode ser vedado a outros. Cada um deve viver conforme o estado a que a sua vocação o encaminha. O estado de que neste capítulo se trata é o da perfeição, que por isso exige também maior cuidado da parte de quem o abraça. A graça divina é uma semente de prodigiosa fecundidade, quando encontra bom terreno, mas estéril, se cai sobre rochedos. Assim o ensinou Jesus Cristo na parábola do sementeiro :

*Saiu o homem a semear a sua semente, e ao semeá-la, parte caiu ao longo dum caminho, foi calcada, e comeram-na as aves do Céu. Outra parte caiu em pedra, chegou a nascer, mas secou por falta de humidade. Outra caiu entre espinhos, cresceu com eles e por eles foi estiolada. Outra caiu em boa terra, nasceu e produziu cento por um.*

Ao dizer isto clamava (Jesus Cristo): quem possui ouvidos para ouvir, que ouça. Perguntaram-lhe os discípulos o que significava aquela parábola, e Ele respondeu: quanto a vós, foi-vos dado conhecer o mistério do reino de Deus, quanto porém aos restantes só se lhes fala dele em parábolas para que (em castigo da sua incredulidade, soberba e malícia) olhando, não vejam e ouvindo, não entendam. Eis pois o que significa esta parábola. A semente é a palavra de Deus. A que cai no caminho representa os que ouvem a palavra divina; mas vem o demônio que lha arranca do coração, para que não se salvem, acreditando-a. A que cai sobre a pedra representa os que ouvem e recebem a palavra de Deus com júbilo; mas, como não têm constância, creêm só por algum tempo e na tentação sucumbem. A que cai entre espinhos representa os que ouviram a palavra, e a sufocam, não a deixando frutificar por causa dos cuidados,

*riquezas e prazeres da vida. Finalmente, a que caiu em boa terra, representa os que, tendo escutado a palavra divina com o coração bem disposto a conservam, e fazem frutificar pela paciência (S. Luc. 8, 5-15). Se a graça não produz em ti frutos abundantes, é sinal de que não a tens recebido nas devidas condições.*

## CAPÍTULO LIV

### Dos diversos movimentos da natureza e da graça

1 — M. Filho, considera com diligência os movimentos da natureza e da graça, porque mui contrária e subtilmente se agitam, e só são conhecidos, por um homem espiritual e interiormente alumiado.

Todos desejam o bem, e alguma coisa de bom intentam nas suas palavras e obras; mas muitas vezes se enganam com a aparência do bem.

A natureza é astuta e arrasta, prende e engana a muitos, e se apresenta a si como principal.

A graça anda com singeleza, aparta-se de toda a aparência do mal, não usa de enganos e tudo faz puramente por Deus, no qual descansa, como em seu último fim.

2 — A natureza não quer ser mortificada, nem oprimida, nem vencida, nem sujeita, nem de boa vontade estar sopeada.

A graça porém trata da própria mortificação, resiste à sensualidade, quer ser sujeita, deseja ser vencida e não quer usar da sua liberdade.

Gosta de estar debaixo da obediência, não cobiça dominar sobre outrem, mas viver e estar sempre debaixo da mão de Deus, e está disposta a obedecer humildemente por causa de Deus a toda a criatura humana,

A natureza trabalha por seu interesse e só atenta no lucro que lhe pode vir; a graça não considera o que lhe é útil e cómodo, mas o que a muitos é proveitoso.

A natureza recebe com gosto a honra e veneração; a graça atribui fielmente a Deus toda a honra e glória.

3—A natureza teme a confusão e o desprezo: a graça alegra-se, *padecendo injúrias pelo nome de Jesus Cristo* (Act. 5, 4).

A natureza ama o ócio e descanso do corpo; a graça não pode estar ociosa mas abraça de boa vontade o trabalho.

A natureza quer ter coisas curiosas e belas, e aborrece as vis e grosseiras; a graça deleita-se com as coisas chãs e de pouco preço, não despreza as ásperas, nem recusa vestir-se de panos pobres.

A natureza estima o temporal, alegra-se com os ganhos terrenos, entristece-se com os danos, molesta-se com uma palavra injuriosa; a graça cuida das coisas eternas, não se afeiçoa às temporais não se perturba com as perdas, nem se entristece com palavras ásperas; porque tem posto o seu tesouro e o seu gozo no Céu, onde nada perece.

4—A natureza é cobiçosa e de melhor vontade recebe do que dá; ama as coisas próprias e particulares.

A graça é piedosa e comum para todos, foge de singularidades; contenta-se com o pouco, julga *por maior felicidade o dar que o receber* (Act. 20, 35).

A natureza inclina-se para as criaturas, para a própria carne, para vaidades e passatempos; a graça dá-se a Deus, aplica-se às virtudes, foge do mundo, aborrece os apetites da carne, refreia

os passos vãos e envergonha-se de aparecer em público.

A natureza de boa vontade toma qualquer recreação exterior com que deleite os sentidos; mas a graça só deseja consolar-se com Deus, deleitar-se com o sumo bem, que é superior a todo o visível.

5—A natureza tudo faz para seu interesse e comodidade, nada pode fazer de graça, mas espera alcançar, pelo bem que faz, satisfações, louvores e aplausos, ou condignos ou avantajados; e deseja que sejam muito estimadas as suas obras e as suas dádivas. A graça nenhuma coisa temporal busca, nem outro prêmio senão Deus só; e do temporal só deseja quanto lhe baste para conseguir o eterno.

6—A natureza preza-se de muitos amigos e parentes, gloria-se da sua posição elevada, da nobreza do seu nascimento, anda à vontade dos poderosos, lisonjeia os ricos, aplaude os seus iguais. A graça porém até os seus inimigos ama, não se desvanecce por muitos amigos, não faz caso lugar, nem da pobreza, se nela não há maior virtude.

Favorece mais o pobre que o rico, tem mais compaixão do inocente que do poderoso; alegra-se com o verdadeiro e não com o mentiroso.

Exorta sempre os bons a que sejam melhores e se assemelhem ao Filho de Deus pelas virtudes.

A natureza logo se queixa da necessidade e do trabalho; a graça sofre com constância a pobreza.

7—A natureza todas as coisas ordena para si, por si pelega e porfia.

A graça tudo refere a Deus, donde dimana tudo como da sua origem; nenhum bem atribui a si, não presume com arrogância, não porfia, nem

prefere a sua opinião à dos outros; mas em todo o juízo e parecer se sujeita à sabedoria eterna e ao divino exame.

A natureza deseja saber segredos e ouvir novidades; quer mostrar-se exteriormente e experimentar muitas coisas pelos sentidos; deseja ser conhecida e fazer coisas donde lhe resulte louvor e admiração.

A graça não trata de saber coisas novas nem curiosas, porque tudo isto nasce da corrupção antiga, pois não há coisa nova, nem permanente sobre a terra.

Ensina pois a recolher os sentidos, a evitar o vão contentamento e ostentação; esconde humildemente as coisas de louvor e admiração, e busca em todas as coisas, e em todas as ciências o proveito, louvor e honra de Deus.

Não quer que a louvem, nem às suas coisas, mas que Deus seja engrandecido e louvado em seus dons, pois os comunica a todos por sua infinita caridade.

8—Esta graça é uma luz sobrenatural e um dom mui particular de Deus, e pròpriamente um distintivo dos escolhidos, e um penhor de eterna salvação, que levanta do amor terreno para o celeste, e de carnal o torna espiritual.

Quanto mais oprimida e dominada estiver a natureza, tanto mais a graça se infunde, e cada dia o homem interior se aperfeiçoa com novas visitas, segundo a imagem de Deus.

NOTA—Nenhuma ciência há que tantas vantagens nos ofereça para o tempo e para a eternidade, como a que nos ensina a regular as inclinações da natureza, segundo as luzes da razão e da fé. Esta é a verdadeira ciência da vida, sem a qual todas as outras permanecem estéreis. Que

coisa mais necessária ao homem do que aplicar-se a estudar o caminho, que o conduz à suma felicidade? Que ciência mais sublime que a de reflectir sobre as próprias acções para as purificar dos defeitos que a natureza corrompida lhes mistura?

Contudo, pessoas há que não podem fazer esforços de reflexão, e por isso estão dispensadas de estudar esta ciência, assim as consciências escrupulosas, que se encontram numa quase impossibilidade de distinguir o bem do mal, de extremar os actos certos dos duvidosos e as faltas graves das leves—essas em vez de reflexões e meditação, precisam de obediência.

O grande remédio dos escrúpulos está na obediência. Os escrupulosos não podem pensar nem resolver por conta própria, no meio das inconstâncias que os atormentam. São enfermos, necessitam de entregar-se ao cuidado dum sábio e zeloso médico, que lhes aponte com firmeza inquebrantável a medicina da salvação.

São cegos, e o caminho que têm a percorrer é cortado de precipícios. Como poderão caminhar a salvo, quando outros dotados de boa vista a cada instante tropeçam e caem, por presumirem das suas forças? Mas a Providência não abandona ninguém; a todos os aflitos dispensa consolações. Se te encontras pois combatido de agitações violentas, quer por vezes te arrastam para os escolhos do desalento, humilha-te em oração fervorosa e o Senhor atenderá as tuas súplicas.

Com mais segurança caminha o escrupuloso humilde, que se confia a um bom guia, do que um sábio altivo que não quer ser dirigido. Se houvesse mais humildade, haveria menos escrúpulos; porque estes muitas vezes nascem da soberba

e são castigo dela. Deus não pode deixar de ouvir aquele que devotadamente pede coisas necessárias para a salvação; e nada mais necessário no meio das agitações da vida e do que um bom guia procurado com rectíssima intenção. Neste ponto porém, há muitas ilusões de graves consequências: consulta-se a carne e o sangue, em vez de se consultar a Deus.

### CAPÍTULO LV

#### Da corrupção da natureza e da eficácia da graça divina

1—D. Senhor Deus meu, que me criaste à vossa imagem e semelhança, concedei-me esta graça, que me mostrastes ser tão grande e tão necessária para a salvação, — que vença a minha péssima natureza, que me arrasta ao pecado e à ruína.

Porque sinto na minha carne a lei do pecado, que contradiz a lei da minha alma, e me leva cativo a obedecer em muitas coisas à sensualidade, e não posso resistir às suas paixões, e me não assiste a vossa santíssima graça, infundida com ardente amor em meu coração.

2—E' necessária a vossa graça e grande graça para vencer a natureza, inclinada sempre ao mal desde a sua origem.

Porque viciada pelo primeiro homem, *Adão*, e corrompida pelo pecado, transfunde-se em todos os homens a pena desta mancha; de sorte que a mesma natureza, que foi criada por vós boa e recta, agora enferma se inclina ao vício e à corrupção, e assim o mesmo movimento que lhe ficou a leva ao mal e às coisas baixas.

Porque a pequena força que tem é como uma farsca escondida na cinza.

Esta é a razão natural, cercada de grandes

trevas, que tem ainda juízo e conhecimento do bem e do mal, e da distância que há entre o verdadeiro e o falso, posto que não tenha força para fazer o que aprova, nem perfeita luz da verdade, nem sejam sãs as suas afeições.

3—Daqui vem, Deus meu, que *segundo o homem interior me deleito na vossa lei*, sabendo que vosso mandamento é bom, justo e santo, e julgando que todo o mal e pecado se deve evitar; mas com a carne sirvo a lei do pecado, pois obedeco mais à sensualidade que à razão.

Daqui procede *que quero o bem e não o levo a cabo*.

Daqui vem que proponho muitas vezes fazer muitas coisas boas, mas faltando-me a vossa graça para ajudar a minha fraqueza, com qualquer leve contradição torno atrás e desfaleço.

Daqui também nasce que conheço o caminho da perfeição, e mui claramente vejo como o hei-de seguir; mas oprimido com o peso da minha corrupção não aspiro ao mais perfeito.

4—Ah! Senhor, quão necessária me é a vossa graça para começar o bem, para o prosseguir e aperfeiçoar!

Porque sem ela nenhuma coisa posso fazer, mas em vós tudo posso, confortado com a vossa graça.

O graça verdadeiramente celestial sem a qual não têm preço os próprios merecimentos, nem são estimáveis os dons da natureza!

As artes, as riquezas, a formosura, a valentia, o engenho e a eloquência, nenhum valor têm, Senhor, diante de vós sem a vossa graça.

Porque os dons da natureza são comuns aos bons e aos maus; mas a graça e o amor, é dom próprio dos escolhidos, que assim exornados se tornam seguros da vida eterna.

É tão excelente esta graça, que nem o dom da profecia, nem a virtude de obrar milagres, nem a mais alta contemplação se deve estimar sem ela.

Nem ainda a fé, nem a esperança, nem as outras virtudes vos agradam sem a caridade e a graça.

5— Ó beatíssima graça, que fazes ricos de virtudes os pobres de espírito, tornas humilde de coração o rico de muitos bens!

Vem, desce sobre mim e enche-me da tua consolação, para que não desmaie a minha alma com o trabalho desta vida e angústias do coração.

Que eu, Senhor, ache graça a vossos olhos, porque me basta a vossa graça, embora me falte tudo o mais que deseje a natureza.

Ainda que esteja tentado e aflito com muitas tribulações, nada temerei se estiver comigo a vossa graça.

Ela é a minha fortaleza; ela me dá conselho e socorro, ela é mais poderosa que todos os inimigos e mais sábia que todos os sábios.

6— Ela é a mestra da verdade, que ensina a perfeição; é a luz do coração, o alívio dos trabalhos; ela afugenta a tristeza e o temor, aumenta a devoção e gera as lágrimas.

Que outra coisa sou sem ela, senão um madeiro seco e um tronco inútil?

Ah! Senhor, previna-me sempre a vossa graça, acompanhe-me e faça-me continuamente diligente em boas obras por Jesus Cristo vosso Filho. Amen.

NOTA— Se as tendências desordenadas da nossa natureza se deixassem ver a toda a luz, logo desde os seus primeiros movimentos, perderiam

muito da sua força, e nós poderíamos triunfar delas com mais facilidade,

Os piores inimigos são os falsos amigos. As tendências mais perigosas são as que se disfarçam com mais artifício ocultando o mal, sob as aparências de bem. Nos refolhos do nosso coração se acham escondidas as molas, donde partem os nossos movimentos exteriores; como porém estamos voltados para fora, e raro entramos no conhecimento de nós mesmos, seguimos irreflectidamente o pendor das inclinações.

Taxamos de bom o que se harmoniza com o nosso temperamento; qualificamos de mau o que desagrade ao nosso gosto. O gosto é para a maioria das pessoas — mesmo piedosas — o juiz supremo que decide tudo: tem devoções do seu gosto, leituras do seu gosto, obras piás do seu gosto, missas do seu gosto, confessores e oradores do seu gosto, tudo do seu gosto. Quanta soberba e vaidade em tudo isto! Fora do seu gosto nada encontram que lhes mereça respeito; só elas têm a sorte de conhecer a verdadeira porta por onde se entra no Céu! E crêem praticar a virtude, quando levantam obstáculos contra ela! Parece-lhes ouvir a voz da graça, quando só obedecem às inclinações da natureza corrompida! Procuram em tudo satisfazer o seu gosto e persuadem-se loucamente de que já subiram a um alto grau de santidade! Basta a razão para nos ensinar que nenhuma acção deve ser inspirada pelo prazer. Quando o prazer te move serás capaz de tudo, menos de virtude.

Quem obra por prazer busca-se a si próprio e não a Deus. Poderá trabalhar muito, mas não se enriquece de virtude; porque o prazer, o gosto, a simpatia e a vaidade são moedas falsas, que a concupiscência fabrica e cunha com aparência de

verdadeiras. Se te afadigares a entesourar dessas moedas, cada dia estarás mais pobre de merecimentos; crescerá a tua cegueira, sem contudo crescer a tua riqueza. Por isso te deves aplicar, não a satisfazer o gosto com prazeres, mas a obedecer à consciência com pontualidade. *Quanto gozares de prazeres, outro tanto sofrerás de tormentos* (Apoc. 18, 7).

A verdadeira virtude busca sempre a Deus e guarda-se de prestar culto aos ídolos das inclinações. Da natureza vêm os impulsos desordenados; do exterior oferecem-se as ocasiões perigosas. De dentro ardem as paixões; de fora ocorrem os combustíveis. Quando estes dois elementos se juntam, rebenta incêndio: aparecem os grandes escandalos, a fraqueza humana deixa ver de quanto é capaz.

Sabemos quem era David, um eleito que o Senhor exaltara de pastor de ovelhas a sucessor do rei Saúl. Um dia passeava ele no varandim do palácio real, lançou os olhos para a casa fronteira e viu a bela Betsabé, esposa de Urias. David sabia que lhe não era lícito desejar a mulher do próximo; mas não atendeu à lei do Senhor. Aquele olhar indiscreto arrastou-o ao adultério e ao homicídio. Que indignidade, que baixaza! Tivera força para derribar o gigante Goliath, e não a teve para vencer uma paixão! Sim, porque só é verdadeiramente forte quem se fortifica em Deus, e David quebrou a sua aliança com Deus violando o nono, o sexto e o quinto mandamentos.

As enfermidades da natureza corrompida só podem curar-se com a medicina salutar da graça divina; ou corresponder à graça, ou perecer na desgraça. David foi grande pecador, mas deixou-nos também o exemplo dum grande penitente. Quando Natan, enviado de Deus, lhe fez sentir

a enormidade de seus crimes, David arrependeu-se, confessou-se e começou dura penitência. Que deverás fazer tu? Quem sabe se este aviso será o último que a Providência divina decretou enviar-te, para que ponhas termo às tuas iniquidades? Reflecte enquanto é tempo.

### CAPÍTULO LVI

Devemos renunciar a nós mesmos e imitar  
a Cristo pela Cruz

1 — M. Filho, quanto menos tiveres de ti, tanto mais terás de mim.

Assim como o não desejar coisa alguma exterior gera paz interior, assim a abnegação e desprezo interior de si mesmo causa união com Deus.

Quero que aprendas a perfeita abnegação de ti mesmo, resignando-te com a minha vontade sem contradição nem queixa.

Segue-me.

*Eu sou o caminho, a verdade e a vida* (S. João, 14, 6).

Sem caminho não se anda, sem verdade não se conhece, sem vida não se vive.

Eu sou o caminho que deves seguir, a verdade que deves crer, a vida que deves esperar.

Eu sou o caminho sem erro, verdade sem engano, vida sem termo.

Eu sou caminho direito, verdade soberana, vida incriada, vida bem-aventurada.

Se perseverares no meu caminho, conhecerás a verdade e ela te livrará e alcançará a vida eterna.

2 — *Se queres entrar para a vida, guarda os mandamentos* (Mat. 19, 17); se queres conhecer a verdade, crê-me; se queres ser perfeito, vende tudo; se queres possuir a vida bem-aventurada, despreza a presente; se queres ser exaltado no

Céu, humilha-te no mundo; se queres reinar comigo, leva comigo a Cruz: porque só os servos da Cruz acham o caminho da bem-aventurança e a luz verdadeira.

3—D. Senhor Jesus, pois que o vosso caminho é estreito e desprezado no mundo, concedei-me que vos imite em desprezar o mundo.

*Porque não é maior o servo que seu Senhor, nem o discípulo mais que o seu mestre* (Mat. 10, 24).

Exercite-se este vosso servo na vossa vida, porque nela está a minha salvação, e a verdadeira santidade.

Nenhuma coisa, que fora dela leio ou ouço, me recreia nem satisfaz.

4—M. Filho, pois que sabes e lêes todas estas coisas, scrás bem-aventurado se as fizeres.

*Quem conhece os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama e eu o amarei, e me manifestarei a ele* (João, 14, 21), e o farei assentar comigo no reino de meu Pai.

5—D. Senhor Jesus, faça-se como dissestes e prometestes, e dai-me graça para que eu assim o mereça.

Recebi da vossa mão a Cruz, hei-de levá-la até à morte, como vós ma impusestes.

A vida do bom religioso é uma Cruz, mas que guia para o Paraíso.

Já começamos, não convém tornar atrás, nem deixar a Cruz.

6—Eia, irmãos, vamos juntos, Jesus será conosco.

Por Jesus tomamos esta Cruz, por Jesus perseverarmos nela; Ele nos dará os auxílios, pois é o nosso capitão e o nosso guia.

Olhai que o nosso Rei vai adiante de nós, Ele pelejará por nós,

Sigamo-lo com valor e perseverança, e sem medo; estejamos preparados para morrer animosamente na batalha, e não escureçamos a nossa glória (1. Mac. 9, 10).

NOTA — Este assunto relaciona-se especialmente com os dois últimos capítulos do 2.º livro. Devem ser lembradas aqui as palavras e as circunstâncias em que Jesus Cristo se ofereceu como guia e modelo de seus discípulos. Primeiro fizera o milagre da multiplicação dos pães, que era uma figura da sagrada Eucaristia. Os que refazem as forças no banquete divino são os mais aptos para suportarem o peso da Cruz.

Em seguida a esse milagre, Jesus Cristo entrega-se à oração com os seus discípulos e estes, pela boca de Pedro, reconhecem-no como Filho de Deus. Eis associadas assim a comunhão, a oração e a fé. A alma que se robustece com tão sadio alimento não hesita seguir a Cristo. *Dizia pois a todos: se alguém quer vir após de mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-me* (S. Luc. 9, 23). O convite é feito a todos, e as condições impostas são quatro: 1.ª — que cada um vá por sua própria vontade, e não arrastado como escravo; 2.ª — que se despoje dos seus apetites e desejos, para só obedecer à vontade de Deus; 3.ª — que tome a cruz sobre os ombros não por um dia, mas por todos os dias da sua vida, até que chegue a hora das contas; 4.ª — finalmente, que siga a Jesus Cristo, conforme a sua vocação; ou pela estrada comum dos mandamentos, ou pela via apertada dos conselhos evangélicos, em pobreza voluntária, obediência inteira e castidade perpétua.

Nas campanhas dos exércitos, cada soldado tem o seu lugar; uns combatem mais próximo

do general, outros mais longe; mas todos obedecem às suas ordens. O mesmo deve ser na milícia cristã: todos com Cristo e cada um no posto que lhe pertence. Mas porque é que são poucos os que seguem a Jesus Cristo?

Porque há muitos que não o conhecem, e muitos que o conhecem, mas não têm coragem para o seguir. Por isso Ele, depois de apontar o prêmio que destina aos que o seguirem, acrescenta: *aos que se envergonharem de mim e da minha doutrina, desses mesmos se envergonhará o Filho do homem, quando vier em sua majestade...* (S. Luc. 9, 26).

Justo castigo contra os que se deixam vencer dos respeitos humanos! S. Agostinho, lamentando os desvarios da sua vida passada, confessava que por vezes se tinha envergonhado de não igualar os seus companheiros em maldade. Examina a tua consciência neste ponto e vê como tens procedido.

## CAPÍTULO LVII

### Não deve desanimar-se o que cai em algumas faltas

1 — M. Filho, mais me agrada a paciência e humildade na adversidade, que a muita consolação e devoção na prosperidade.

Porque te entristece uma pequena falta que se te imputa?

Ainda que fosse maior, não te devias molestar.

Deixa-a passar agora; não é a primeira, nem coisa nova, nem será a última, se continuares a viver.

Muito valoroso és enquanto te não succede alguma adversidade.

Dás bons conselhos e sabes alentar os outros

com palavras, mas quando bate à tua porta a tribulação repentina, logo te falta conselho e esforço.

Considera a tua muita fraqueza, que por experiência sabes que é grande, ainda em pequenas coisas.

Sabe que é para teu bem, que isto ou coisa semelhante acontece.

2 — Quando estes ou outros semelhantes casos sucederem, propõe de todo o coração reprimir os ímpetos da natureza como melhor souberes, e se te molestar alguma adversidade não te derrubará, nem por muito tempo te acabrunhará.

Sofre ao menos com paciência, se não podes com alegria.

Ainda que de má vontade ouças o que não queres, e sintas disso indignação, reprime-te e não deixes sair da tua boca palavra alguma desordenada, com que os fracos se escandalizem.

Acalmará depressa a tempestade que em teu coração se levantou, e a dor interior se converterá em doçura, voltando a graça.

Vivo eu ainda (diz o Senhor), preparado para te ajudar e consolar muito mais, se confiares em mim e me invocares com devoção.

3 — Está de bom ânimo e prepara-te para sofrer coisas maiores.

Ainda que te vejas atribulado ou gravemente tentado, não está por isso perdido tudo.

Homem és e não Deus; carne és e não anjo.

Como poderás estar sempre num mesmo estado de virtude, quando isto faltou ao anjo no Céu e ao primeiro homem no Paraíso, onde não se demoraram muito?

Eu sou o que consolo os tristes e levanto à minha divindade os que conhecem a sua fraqueza.

4 — D. Senhor, benditas sejam as vossas pala-

vras, mais doces para a minha boca, que um favo de mel.

Que seria de mim, em tantas tribulações e angústias, se vós me não animasseis com vossas santas palavras?

Que se me dará a mim de quanto houver padecido, contanto que chegue ao porto de salvação?

Dai-me bom fim, dai-me uma ditosa passagem deste mundo.

Meu Deus, lembrai-vos de mim, dirigi-me por caminho direito ao vosso reino.

NOTA — A vida é um capital que Deus nos confia, para com ele fazermos a nossa felicidade. Sabe viver quem sabe tirar fruto da vida, e este fruto exige trabalho.

E' tão subtil o espírito do mal, que precisamos estar sempre apercebidos contra os seus artificios. Que coisa mais própria duma alma cristã do que doer-se das suas faltas?

Pois até nisso mesmo, sob aparência de lucro, pode ela sofrer graves perdas, deixando-se cair no desalento. Bom é que nos arrependamos das nossas faltas, mas o arrependimento deve andar unido à confiança na misericórdia de Deus. Se o arrependimento nos despoja da confiança, para nos lançar no desânimo, então deixa de ser medicina e converte-se em veneno. Podem reduzir-se a duas as causas do desalento: 1.<sup>a</sup> — defeito de temperamento e amor próprio. Há pessoas de temperamento melancólico e tímido, que julgam de tudo segundo as cores da tristeza inquieta, que as domina. Tomam como realidades os fantasmas sinistros, que lhes ocorrerem à imaginação.

Para longe essas tristezas e desânimos, que não produzem frutos de vida! Os defeitos de tem-

peramento podem modificar-se com os esforços perseverantes duma vontade enérgica e tenaz. Diz a divina sabedoria: *afasta para longe de ti a tristeza porque ela ocasiona a morte a muitos, e não encerra utilidade alguma* (Eccl. 30, 24-25).

A segunda causa do desalento, e talvez a mais geral, encontra-se no amor próprio. Vêde uma pessoa que, com aparências de verdadeiro zelo empreendeu uma obra muito santa. Tudo a principio correu bem, mas a certa altura as más línguas começaram a falar. Então essa pessoa desgostou-se, afrouxa e por fim desiste da sua empresa.

Qual a razão dessa inopinada mudança? E' que no fundo do seu coração oculta-se um ídolo, muito ávido de adorações e muito sensível ao desprezo. Ouviu um dito picante, uma apreciação menos respeitosa, isso bastou para a irritar. Essa pessoa queria a glória de Deus, mas queria também a sua; faltou-lhe esta, já não se importa daquela. Quem trabalha com intenção recta põe os olhos em Deus, confessa humildemente a sua fraqueza e não desanima diante das censuras do mundo.

Cada um há-de receber o salário correspondente ao seu trabalho.

## CAPÍTULO LVIII

*Não se deve esquadriñar as coisas sublimes  
nem os occultos juízos de Deus*

1 — M. Filho, não queiras disputar sobre matérias altas e occultos juízos de Deus: porque um está desamparado e outro com tanta graça; porque este é tão afligido e aquele tão soberanamente exaltado.

Estas coisas excedem toda a capacidade humana, e nenhuma razão ou disputa é sufficiente para comprehender o juízo divino.

Por isso, quando o inimigo te trazer isto ao pensamento ou alguns curiosos perguntarem, responde com a frase de David: *justo sots, Senhor, e justo é o vosso juízo* (Ps. 118, 37).

E com aquela do mesmo Profeta: *os juízos do Senhor são verdadeiros e justificados em si mesmos* (Ps. 18, 10).

Os meus juízos hão-de ser temidos, não examinados, porque não podem ser compreendidos pelo entendimento humano.

2 — Não te ponhas a inquirir ou a disputar a respeito dos merecimentos dos santos; qual seja mais santo ou maior no reino dos Céus.

Tais coisas muitas vezes geram porfia e contendas inúteis, e nutrem também a soberba e a vanglória.

Dai procedem invejas e dissensões, porque este prefere soberbamente um santo, aquele quer avantajá-lo outro.

Querer saber e inquirir semelhantes coisas, nenhum fruto traz consigo, antes desagrada aos santos, porque eu não sou Deus de discórdia, mas de paz, a qual consiste antes na verdadeira humildade, do que em qualquer se querer exaltar.

3 — Alguns com zelo de devoção se afeiçoam mais a estes do que áqueles santos: isto nasce mais do affecto humano, do que do divino.

Eu sou o que fiz todos os santos; Eu lhes dei também a glória.

Eu sei os merecimentos de cada um; Eu os preveni com as bênçãos da minha doçura.

Eu conheci os meus amados antes dos séculos; Eu os elegi no mundo e não eles a mim.

Eu os chamei pela graça e os trouxe pela misericórdia; Eu os conduzi através de várias provações.

Eu lhes comuniquei soberanas consolações e dei perseverança e coroei a sua paciência.

4 — Eu conheço o primeiro e o último. Eu abraço a todos com valor inestimável.

Eu devo ser louvado em todos os meus santos, bendito sobre todas as coisas e honrado em cada um dos que tão gloriosamente engrandeci e predestinei, sem precederem merecimentos alguns da parte deles.

Por isso quem despreza um dos mais pequenos dos meus não honra o grande, porque eu fiz o grande e o pequeno.

E quem desfaz em alguns dos santos, desfaz também em mim, e os demais que estão no reino do Céu.

Todos são uma mesma coisa pelo vínculo da caridade, todos são do mesmo parecer, todos um querer, todos reciprocamente se amam com o mesmo amor.

5 — Porém o mais incompreensível é que mais me amam eles a mim, que a si e que aos seus merecimentos.

Porque levantando-se sobre si mesmos e saindo da sua própria afeição, todos se transformam no meu amor, no qual descansam com sumo gozo.

Nada há que os possa apartar ou fazer afrouxar, porque cheios da verdade eterna ardem no fogo do amor que nunca se pode apagar.

Calem-se, pois, os homens carnis e sensuais, e não discutam o estado dos santos, por isso que não sabem amar senão os seus gostos particulares.

Diminuem e acrescentam conforme a sua inclinação e não como agrada à eterna verdade.

6 — Em muitos nasce isso da ignorância, principalmente naqueles que sabem pouco de espírito, os quais raramente sabem amar com perfeito amor espiritual.

Leva-os ainda muito a natural afeição e a amizade humana, com que se inclinam mais a uns que

a outros; e, segundo julgam das coisas terrenas, assim imaginam as celestiais.

Mas há grandíssima diferença entre o que cuidam os imperfeitos, e o que alcançam os varões espirituais pela revelação superior.

7 — Por isso, filho, foge da curiosidade das coisas que excedem a tua ciência, e trabalha cuidadosamente para que possas ser ao menos o menor no reino de Deus.

E dado que algum soubesse quem é mais santo que outro, ou maior no reino do Céu, que lhe aproveitaria esta notícia, se se não humilhasse diante de mim por este conhecimento, e não se animasse a louvar mais fervorosamente o meu nome?

Muito mais agrada a Deus quem cuida na gravidade dos seus pecados, na deficiência das suas virtudes, e na distância que o separa da perfeição dos santos, do que aquele que disputa qual seja o maior ou menor santo.

Melhor é rogar aos santos com devotas orações e lágrimas, e com humilde coração pedir-lhes o seu glorioso favor, do que com vã curiosidade inquirir dos seus segredos.

8 — Os santos estão mui satisfeitos, e para desejar seria que os homens se soubessem aquietar e reprimir suas práticas vãs.

Não se gloriam eles dos seus próprios merecimentos, pois nenhum bem atribuem a si mesmos, mas tudo referem a mim, porque lhes dei tudo o que logram, movido da minha caridade infinita.

Tão cheios estão do amor da divindade e de abundantíssima alegria, que lhes não falta nem pode faltar coisa alguma da glória e bem-aventurança.

Todos os santos, quanto mais sublimados estão na glória, tanto mais humildes são em si mesmos, e estão mais vizinhos a mim, e são de mim mais

amados. Por isso está escrito: que lançavam as suas coroas diante de Deus e se prostravam diante do Cordeiro e adoravam o que vive sem fim (Apoc. 5, 14).

9 — Perguntam qual seja o maior no reino de Deus, muitos que não sabem se são dignos de serem contados entre os menores.

Grande coisa é ser sequer menor no Céu, onde todos são grandes, porque se chamam filhos de Deus e na verdade o são.

*O menor será grande como mil, e o pecador envelhecido em pecado perecerá* (Isai. 60, 65).

Quando os discípulos perguntaram quem era o maior nos reinos dos Céus ouviram esta resposta: *se vos não converterdes e não vos tornardes como crianças não entrareis no reino de Deus.*

*Por isso todo aquele que se humilhar como pequenino, esse será o maior no reino dos Céus* (Mat. 18, 3-4).

10 — Ai daqueles que se desprezam de humilhar-se com os pequenos, porque os não deixará entrar a humilde porta do reino celestial que é baixa!

Ai dos ricos que têm aqui os seus deleites, porque quando os pobres entrarem no reino do Céu, eles ficarão de fora chorando!

Gozai-vos humildes, e alegrai-vos pobres, porque vosso será o reino de Deus, se com verdade me servirdes.

NOTA — A sabedoria traz consigo muitos bens; o desejo imoderado de saber acarreta muitos males. Somos criaturas e por isso limitados no nosso ser, nos sentidos do nosso corpo e nas faculdades do espírito. Se abrimos os olhos para ver, o espaço que abrangemos é nada, comparado com o que nos fica invisível; se aplicamos a inteligência

para compreender, o conhecimento que colhemos dá-nos a medida da nossa incapacidade.

Ainda mesmo nas coisas contingentes, o que conhecemos não tem proporção com o que ignoramos. Necessário é, pois, que se ponha, freio aos impetus da curiosidade natural, que muitas vezes chega a tentar impossíveis. A Escritura nos adverte sábiamente: *não saibas mais do que é necessário, para que não te aconteça perder o senso* (Ecc. 7, 17). Arrastados pelo desejo imoderado da ciência, muitos têm caído na loucura.

Ponhamos porém de parte todas as considerações que vinham a propósito, e fixemos apenas este ponto: será próprio dum homem sábio gastar o tempo em disputas vãs? Não. O tempo é um dom precioso que a suprema sabedoria nos dispensa para bom fim; desviá-lo desse fim, desperdiçá-lo em futilidade é ofender a harmonia que Deus estabeleceu, e o *temor de Deus é o princípio de toda a sabedoria*. Se é indício de pouco juízo comprar por grande preço uma coisa de pouco valor, o que será trocar uma coisa de imenso valor — o tempo — por outro que nada vale?

O tempo, diz S. Bernardino de Sena, em certo modo vale tanto como o próprio Deus, porque empregando bem o tempo ganhamos a Deus. Se um homem rico perdeu a sua fortuna, pode ganhar outra com o tempo, e ressarcir as suas perdas; mas, se perde o tempo, o que é que lhe resta para escapar a uma ruína total? O tempo é um dom fundamental, sem o qual nenhum outro se pode utilizar: para emendar defeitos, corrigir erros, reparar danos, fazer penitência, produzir boas obras . . . para tudo se requer o tempo. *Por isso enquanto temos tempo pratiquemos o bem para com todos* (S. Paulo, Gal. 6, 10).

O tempo é-nos dado por medida e para um fim

determinado, que é a prática do bem. Só é, portanto, verdadeira sabedoria a que se funda na humildade, e essa ocupa-se antes de obras santas que de teorias engenhosas.

## CAPÍTULO LIX

Toda a esperança e confiança se deve pôr em Deus

1 — D. Senhor, que confiança tenho eu nesta vida? ou qual é o meu maior alívio de quantos pode haver debaixo do Céu senão vós, Senhor Deus meu, cuja misericórdia não tem número?

Onde me foi bem sem vós?

Ou quando me pode ir mal estando vós presente?

Antes quero ser pobre por vós, que rico sem vós; antes peregrinar convosco na terra, que possuir sem vós o Céu.

Onde vós estais, aí está o Céu, e onde não estiverdes só existe a morte e o inferno; e por isto me é forçoso buscar-vos com gemidos, clamores e orações.

Finalmente, em ninguém posso cabalmente confiar, que com a maior pontualidade me ajude em meus apuros, se não em vós só, Deus meu.

Vós sois a minha esperança e a minha confiança; vós sois o meu consolador fidelíssimo em todas as coisas.

2 — *Todos buscam os seus interesses*, vós buscais só a minha salvação e aproveitamento, e todas as coisas me converteis em bem. Ainda que às vezes me exponhais a várias tentações e adversidades, tudo isso dispondes para meu proveito; pois costumais provar os vossos escolhidos por vários modos.

Por isso deveis ser tão amado e louvado, quando

assim me provais, como se me enchesseis de cel estiais consolações.

3 — Por isso em vós, Senhor Deus, ponho toda a minha esperança, pois sois o meu refúgio; em vós ponho todas as minhas tribulações e trabalhos, porque tudo quanto fora de vós vejo, acho que é fumo e inconstância.

Nada, Senhor, me aproveitam os muitos amigos, nem me poderão ajudar os homens, posto que se empenhem em minha defesa, nem os prudentes conselheiros me darão resposta útil, nem os livros dos outros me poderão consolar, nem me poderá livrar a maior riqueza, nem algum lugar secreto e deleitoso defender, se vós me não assistis, ajudais, confortais, consolais, instruis e defendeis.

4 — Porque todas as coisas que parecem conduzir para alcançar a paz e a bem-aventurança são nada, se vós estais ausente, e não dão nem podem dar bem-aventurança alguma.

Vós sois o fim de todos os bens, alteza da vida, e em vós está a profundidade das ciências; esperar em vós acima de todas as coisas é grandíssima consolação para vossos servos.

A vós, Senhor, levanto os meus olhos, em vós confio, meu Deus e Pai das misericórdias.

Abençoaí, e santificai a minha alma com a bênção celestial, para que seja vossa santa morada e trono da vossa eterna glória; e não se ache neste vosso templo coisa que ofenda aos olhos da vossa Majestade.

Olhai, Senhor, para mim segundo a grandeza da vossa bondade, e segundo a multidão das vossas misericórdias, e ouvi a oração deste pobre servo vosso, desterrado tão longe, na região das sombras da morte.

Defendei e conservai a alma deste vosso vil servo, entre tantos perigos desta vida corruptível,

e, sob o influxo da vossa graça, guiai-o pelo caminho da paz à pátria da perpétua claridade. Amen.

NOTA — A confiança anda estreitamente ligada à fé, à esperança e a caridade. Quem confia em Deus crê na sua existência, escuta a sua doutrina, espera nas suas promessas e finalmente ama-o. Quanto mais viva é a fé tanto mais firme é a confiança, mais segura a esperança e mais fervorosa a caridade. Em tempos de pouca fé, cresce o egoísmo, aumenta a desconfiança, esfria a caridade.

Como nau frágil sujeita aos azares das tempestades, a vida humana precisa duma âncora salvadora, que proteja a sua fraqueza. O homem precisa de confiar em Deus e deve confiar em Deus. Se é tão natural que um filho confie em seu pai, e um amigo no seu amigo, como deixaremos nós de confiar em Deus?

A nossa dependência a respeito de Deus é incomparavelmente maior do que a dum amigo para com seu amigo, ou a dum filho para com seu pai. A confiança estabelece um laço de amorosa união entre nós e Deus. As criaturas podem faltar-nos. Deus não nos falta, porque é o melhor de todos os pais. *Pois, se vós, sendo pais maus, sabeis dar a vossos filhos coisas boas, com quanta melhoria de razão há-de dar o vosso Pai do Céu o bom espírito* (as graças espirituais) *àqueles que lho pedem* (S. Luc. 11, 13).

A primeira condição da confiança parece ser a verdade, pois que ninguém acredita um mentiroso: ora, sendo Deus a suma verdade, deve também ser ele o nosso primeiro e mais seguro confidente. Nenhum desejo há no nosso coração, nenhuma necessidade no nosso espírito que Deus não possa satisfazer. Somos fracos? Ele é omnipotente. Somos inclinados ao mal? Ele é a bondade por excelência,

Somos miseráveis? Ele é a misericórdia infinita. Somos pobres? Ele dispõe de todos os bens e quer enriquecer-nos. Só é verdadeiramente pobre quem não confia em Deus.

É próprio dos antigos fiéis gozarem em comum dos bens que possuem. Não pode dizer-se pobre quem é filho dum pai rico; nós somos filhos de Deus, podemos pela confiança tornar-nos participantes dos bens que Ele possui como Senhor absoluto. Aumentaremos a nossa riqueza na medida em que aumentarmos a nossa confiança. Nele se funda a sabedoria dos profetas, a resignação dos mártires, a coragem dos apóstolos e o poder dos taumaturgos.

